



**INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**CAMPUS OURO BRANCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**TECNOLÓGICA**

**RENATA BORGES RAIMUNDO**

**HISTÓRIAS DO IFMG CAMPUS CONGONHAS: NARRATIVAS E IDENTIDADES**  
**EM TORNO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO ESCOLAR**

Ouro Branco

2024

**RENATA BORGES RAIMUNDO**

**HISTÓRIAS DO IFMG CAMPUS CONGONHAS: NARRATIVAS E IDENTIDADES  
EM TORNO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Ouro Branco do Instituto Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Menezes e Oliveira.

Ouro Branco

2024

---

R153h Raimundo, Renata Borges.

Histórias do IFMG campus Congonhas [manuscrito] : narrativas e identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar / Renata Borges Raimundo. – 2024.

155 f. : il. color.

Orientador: Pablo Menezes e Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Branco, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, 2024.

1. Memória institucional. 2. História da educação. 3. Educação profissional. I. Oliveira, Pablo Menezes e. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Branco. III. Título.

CDU 37.01

---

Catálogo: Rosângela Marques de Souza  
Bibliotecária - CRB-6/2126

---

**RENATA BORGES RAIMUNDO**

**HISTÓRIAS DO IFMG CAMPUS CONGONHAS: NARRATIVAS E IDENTIDADES  
EM TORNO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 03 de julho de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pablo Menezes e Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais

Orientador

---

Prof. Dr. Fabrício Roberto da Costa Oliveira

Universidade Federal de Viçosa

---

Profa. Dra. Giselia Maria Campos Ribeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais

---

**RENATA BORGES RAIMUNDO**

**CONHECER PARA PERTENCER: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO IFMG CAMPUS  
CONGONHAS**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 03 de julho de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pablo Menezes e Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais

Orientador

---

Prof. Dr. Fabrício Roberto da Costa Oliveira

Universidade Federal de Viçosa

---

Profa. Dra. Giselia Maria Campos Ribeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS**  
Campus Ouro Branco  
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Coordenação Curso Mestrado PROFEPT do Campus Ouro Branco  
Avenida Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG  
- www.ifmg.edu.br

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO Mestrado  
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA - IFMG**

Realizou-se no dia 03/07/2024 (três de julho de dois mil e vinte e quatro), com início às 14h (quatorze horas), por videoconferência e transmissão pelo canal do Youtube do ProfEPT/IFMG, a defesa de dissertação da Mestranda **RENATA BORGES RAIMUNDO** no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT - IFMG), como requisito para a obtenção do título de mestra. A dissertação apresentada para apreciação pela Banca Examinadora intitula-se "**HISTÓRIA DO IFMG CAMPUS CONGONHAS: NARRATIVAS E IDENTIDADES EM TORNO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO ESCOLAR**". A dissertação foi considerada **APROVADA**.

O **produto educacional**, Exposição: "Conhecer para Pertencer: Histórias e Memórias do IFMG Campus Congonhas" foi **VALIDADO** pela Comissão Examinadora e considerado **APROVADO**.

A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- Prof. Dr. Pablo Menezes e Oliveira (IFMG - Orientador)
- Prof. Dr. Fabrício Roberto Costa Oliveira (Universidade Federal de Viçosa)
- Profª. Drª. Gisélia Maria Campos Ribeiro (IFMG)
- Prof. Dr. Matheus Faleiros Silva (IFMG - Suplente)

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata que, após lida e assinada pelos membros da Banca Examinadora, será encaminhada à Coordenação do ProfEPT – IFMG para registro acadêmico na documentação da mestranda.

Ouro Branco, 03 de julho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Giselia Maria Campos Ribeiro, Professora**, em 03/07/2024, às 16:16, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Pablo Menezes e Oliveira, Professor**, em 03/07/2024, às 16:26, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Fabrício Roberto Costa Oliveira, Usuário Externo**, em 03/07/2024, às 16:47, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus, por me dar saúde e determinação para superar todos os desafios e completar este trabalho.

Agradeço imensamente à minha família, cujo apoio incondicional foi o alicerce da minha jornada. Sem o amor e a paciência de vocês, nada disso seria possível. E em especial ao meu irmão Adriano que me auxiliou na construção do meu produto educacional.

Ao meu marido Thiago, companheiro de todas as horas, e à minha filha Diana, fonte de inspiração diária, vocês são os verdadeiros responsáveis por esta conquista.

Aos meus amigos, que proporcionaram momentos de descontração e amizade verdadeira, meu sincero obrigado.

Um agradecimento especial ao meu orientador, pela sabedoria, dedicação e paciência, que guiaram este trabalho com maestria.

Agradeço ao professor Matheus Faleiros Silva pela valiosa contribuição com as entrevistas do projeto IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras.

À turma do ProfEPT 2022 do IFMG campus Ouro Branco, compartilhamos desafios e sucessos, e juntos crescemos profissionalmente e pessoalmente. Em especial aos colegas Fernando e Wyara pelo compartilhamento de todas as sensações e emoções que a realização do mestrado nos proporcionou e ao Júnio pelas caronas de Conselheiro Lafaiete para Ouro Branco.

Ao IFMG campus Congonhas, por ser um ambiente de aprendizado enriquecedor e por abrir portas para a realização desta pesquisa.

As minhas colegas do IFMG campus Congonhas: Bárbara, Greiciele, Mariana, Thaís e Talitha, que me incentivaram a entrar no mestrado, vocês foram parte importante da minha trajetória, meu muito obrigado por todo o apoio e colaboração. A Gisele e a Kaylane por todo apoio na realização da exposição.

A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para realização deste trabalho, minha eterna gratidão!

As coisas findas  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.  
(Carlos Drummond de Andrade, 1959).

## RESUMO

Este trabalho versa sobre a construção das histórias do Instituto Federal de Minas Gerais Campus Congonhas, escolhido como o lócus desta ação. A pesquisa se encontra no campo da História da Educação, trabalhando com as dimensões da história da educação profissional e com o estudo das instituições escolares. Além disso, o conceito de memória institucional também é discutido e é explorado a partir de uma reflexão conceitual, mas também sobre sua relação com a instituição escolar, para então, analisar como estes conceitos interagem e geram um sentimento de pertença e identidade com a instituição estudada. Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizados depoimentos de servidores que atuam no local pesquisado, demandando o uso das ferramentas da História Oral, bem como imagens relacionadas ao cotidiano do campus. O objetivo do trabalho foi colaborar com a construção de um sentimento de pertencimento daquele espaço educativo para seus alunos e servidores, a partir das suas histórias e memórias. A metodologia de análise de dados adotada foi a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016). O produto educacional resultante foi uma Exposição, voltada para as histórias e memórias do IFMG Campus Congonhas com o intuito de resgatar o sentimento de pertencimento dos servidores desta instituição escolar.

**Palavras-chaves:** Memória Institucional. História da Educação. Educação Profissional.

## **ABSTRACT**

This study focuses on the construction of the history of the Federal Institute of Minas Gerais Campus Congonhas, chosen as the locus of this action. The research is situated in the field of the History of Education, working with the dimensions of the history of professional education and the study of educational institutions. Furthermore, the concept of institutional memory is also discussed and explored from a conceptual reflection, as well as its relationship with the educational institution, to then analyze how these concepts interact and generate a sense of belonging and identity with the studied institution. For the development of the work, description from employees working at the researched location were used, requiring the use of Oral History tools, as well as images related to the campus's daily life. The aim of the work was to contribute to the construction of a sense of belonging to that educational space for its students and employees, based on its history and memory. The data analysis methodology adopted was Content Analysis, proposed by Bardin (2016). The resulting educational product was an Exhibition, aimed at the history and memory of the IFMG Campus Congonhas with the purpose of rescuing the sense of belonging of the employees of this educational institution.

**Keywords:** Institutional Memory. History of Education. Professional Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O IFMG e suas unidades.....	39
Figura 2 - Planificação da pesquisa - Vê de Gowin (adaptado).....	65
Figura 3 - Conceitos de exposição.....	71
Figura 4 - Etapas do processo de análise de dados.....	77
Figura 5 - Portaria de funcionamento UNED Congonhas.....	85
Figura 6 - Nuvem Perspectivas de futuro.....	94
Figura 7 - Convite da Exposição.....	105
Figura 8 - Registro da exposição I.....	106
Figura 9 - Registro da exposição II.....	107
Figura 10 - Registro da exposição IV.....	108
Figura 11 - Banner de apresentação da exposição.....	110
Figura 12 - Folder da Exposição - Parte 1.....	111
Figura 13 - Folder da Exposição - parte 2.....	112
Figura 14 - Banner Linha do Tempo.....	113
Figura 15 - Evolução do Campus Congonhas.....	114
Figura 17 - Banner Pessoas.....	116
Figura 18 - Banner Celebrações.....	117
Figura 19 - 5 anos do IFMG campus Congonhas.....	118
Figura 20 - Celebração 10 anos IFMG campus Congonhas.....	119
Figura 21 - Banner Perspectivas de Futuro.....	120
Figura 22 - Registro de visitação I.....	121
Figura 23 - Registro de visitação II.....	122
Figura 24 - Registro de visitação III.....	122
Figura 25 - Registro de visitação IV.....	123
Figura 26 - Registro de visitação V.....	123
Figura 27 - Registro de visitação VI.....	124
Figura 28 - Gráfico de número de visitantes.....	126
Figura 29 - Número de avaliações da exposição.....	127
Figura 30 - Número de visitantes X número de avaliações.....	128
Figura 31 - Nuvem de palavras Formulários.....	129
Figura 32 - Nuvem de palavras - Frequência mínima 3.....	130
Figura 33 - Maiores Recorrência da Nuvem de Palavras.....	130
Figura 34 - Palavra mais recorrente.....	131
Figura 35 - Notícia sobre a Exposição.....	132

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Trabalhos sobre Instituições Escolares (1960 a 2000)	20
Quadro 2: Análise comparativa entre o decreto Decreto nº2.208/1997 e o Decreto nº5.154/2004	33
Quadro 3 - Transformações da Rede Federal	36
Quadro 4 - Resumo da pesquisa	64
Quadro 5 - Etapas para elaboração de uma exposição	72
Quadro 6 - Categorias de análise	78
Quadro 7 - Categorias de análise X trilha histórica da exposição	79
Quadro 8 - Perfil dos participantes da pesquisa	80
Quadro 9 - Processo de Concepção de uma Exposição como Produto Educacional	100
Quadro 10 - Planejamento da Exposição	102
Quadro 11 - Cronograma de montagem e desmontagem da exposição	103
Quadro 12 - Texto convite da exposição	104
Quadro 13 - Formulário de Avaliação da Exposição	109
Quadro 14 - Ficha Técnica da Exposição	124

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

EPTNM - Educação Profissional Técnica De Nível Médio

FIC - Formação Inicial Continuada

FHC - Fernando Henrique Cardoso

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

IFMG - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais

IFs - Institutos Federais

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC - Ministério da Educação

PE - Produto Educacional

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão de Jovens

RFEPCT - Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

TAE - Técnico Administrativo em Educação

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNED - Unidade de Ensino Descentralizada

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA COMO UM CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 História da Educação.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Percorso Histórico da Educação Profissional Tecnológica.....</b>	<b>24</b>
<i>1.2.1 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais.....</i>	<i>37</i>
<b>CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA ORAL E AS MEMÓRIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1 A História Oral.....</b>	<b>40</b>
<i>2.1.1 Gêneros de trabalho em história oral.....</i>	<i>43</i>
<i>2.1.2 História oral como metodologia de pesquisa qualitativa.....</i>	<i>45</i>
<i>2.1.3 A entrevista em História Oral.....</i>	<i>46</i>
<b>2.2 A Memória.....</b>	<b>50</b>
<i>2.2.1 Memória X Identidade.....</i>	<i>54</i>
<i>2.2.2 Memória Institucional.....</i>	<i>55</i>
<b>CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>60</b>
<b>3.1 Caracterização da pesquisa.....</b>	<b>61</b>
<i>3.1.1 Planificação da Pesquisa.....</i>	<i>65</i>
<i>3.1.2 Campo de Pesquisa.....</i>	<i>66</i>
<i>3.1.3 Universo e amostra.....</i>	<i>66</i>
<i>3.1.4 O Roteiro de entrevistas.....</i>	<i>66</i>
<i>3.1.5 Coleta de dados.....</i>	<i>67</i>
<b>3.2 Análise de Dados - Análise de Conteúdo segundo Bardin.....</b>	<b>68</b>
<b>3.3 O Produto Educacional.....</b>	<b>69</b>
<i>3.3.1 Elaboração da Exposição.....</i>	<i>70</i>
<b>CAPÍTULO 4 : RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>75</b>
<b>4.1 As entrevistas.....</b>	<b>75</b>
<b>4.2 A análise de dados.....</b>	<b>76</b>
<i>4.2.1 As categorias de análise e suas unidades de registro.....</i>	<i>77</i>
<i>4.2.1.1 Categoria 1 - Servidores.....</i>	<i>79</i>
<i>4.2.1.2 Categoria 2 - Histórias e Memórias de uma Instituição Escolar.....</i>	<i>83</i>
<i>4.2.1.2.1 Histórias e Memórias de Criação da UNED Congonhas.....</i>	<i>83</i>
<i>4.2.1.2.2 Histórias e memórias de trajetórias.....</i>	<i>88</i>
<i>4.2.1.2.3 Espaços de memória.....</i>	<i>91</i>
<i>4.2.1.3 Categoria 3 - Perspectivas de Futuro.....</i>	<i>94</i>
<b>CAPÍTULO 5: O PRODUTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>98</b>
<b>5.1. O produto educacional no ProfEPT.....</b>	<b>98</b>
<b>5.2 A concepção do produto educacional.....</b>	<b>99</b>
<i>5.2.1 Planejamento e Execução de uma Exposição.....</i>	<i>101</i>
<i>5.2.1.1 A etapa de Montagem da exposição.....</i>	<i>105</i>
<b>5.3 A exposição: Conhecer para Pertencer: Histórias e Memórias do IFMG Campus</b>	

<b>Congonhas.....</b>	<b>109</b>
<b>5.3.1 Origem do IFMG Campus e a Trajetória da EPT.....</b>	<b>112</b>
<b>5.3.2 Evolução do IFMG campus Congonhas.....</b>	<b>114</b>
<b>5.3.3 Espaços de memória.....</b>	<b>115</b>
<b>5.3.4 Pessoas.....</b>	<b>116</b>
<b>5.3.5 Celebrações.....</b>	<b>117</b>
5.3.5.1 Comemoração 5 anos do IFMG Campus Congonhas.....	118
5.3.5.2 Comemoração 10 anos IFMG campus Congonhas.....	119
<b>5.3.6 Perspectivas de futuro.....</b>	<b>120</b>
<b>5.3.7 Registros da visitação.....</b>	<b>121</b>
<b>5.3.8 Ficha técnica da exposição.....</b>	<b>124</b>
<b>5.3.9 Desmontagem da Exposição.....</b>	<b>124</b>
<b>5.4 Análises dos resultados e discussões.....</b>	<b>125</b>
5.4.1 Os Visitantes da Exposição.....	126
5.4.2 Nuvem de palavras.....	128
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>155</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata da história da instalação e funcionamento do IFMG Campus Congonhas. O IFMG campus Congonhas completou, no ano de 2023, dezessete anos de existência. O início desta história se deu no ano de 2006, com a inauguração da Unidade de Ensino Descentralizada (UNED) Congonhas, até então pertencente ao antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) Ouro Preto. Com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a partir da Lei nº 11.892/2008, a UNED - Congonhas se tornou campus. Alguns servidores que passaram por este processo de mudança ainda permanecem no campus, e trazem consigo memórias de uma época que ainda não foi registrada. Com o intuito de não perder este capítulo da história institucional, e de construir e até mesmo de potencializar uma identidade e um sentimento de pertencimento a esta instituição escolar, justifica-se o tema desta pesquisa.

Assim, a temática desta pesquisa está vinculada à História e Memória da Educação Profissional e será intitulado de: “Histórias do IFMG campus Congonhas: narrativas e identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar”, tendo como locus da pesquisa o IFMG/Campus Congonhas. Este trabalho se insere na linha de pesquisa Gestão e Organização dos Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica, e centra-se no macroprojeto 3, intitulado "História e memórias no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT)".

Ao tratar da história de uma instituição escolar, esta pesquisa se desenvolve no campo da História da Educação, que teve um maior desenvolvimento a partir da criação dos primeiros programas de pós-graduação no campo da Educação no Brasil, em meados da década de 1960. A partir desse momento, houve a constituição de vários grupos de pesquisa relacionados a este campo, atestados em uma pesquisa realizada por Hayashi e Ferreira Júnior (2010), em que foram encontrados 108 grupos e 317 linhas de pesquisa em História da Educação. Esses autores ressaltam a importância dos grupos de pesquisa para o fortalecimento da História da Educação. Os temas mais recorrentes estão relacionados a história da educação, formação de professores e história da educação em temas específicos.

Fernandes, Fernandes e Paiva (2023) afirmam que o campo de pesquisa da História da Educação é heterogêneo e abrange várias temáticas, e que:

A História incorporou alternativas de investigação e ensino antes não consideradas. Vieram à tona novos objetos, tais como: instituições escolares, disciplinas, questões de gênero, cultura escolar, imprensa, legislação, dentre outros e foram desenvolvidos

métodos e abordagens das quais resultou uma diversidade na informação e produção historiográficas (Fernandes, Fernandes e Paiva, 2023, p. 11).

Esses mesmos autores ressaltam que “o passado em si não é um documento, é preciso compreender a trama histórica, os indícios e pistas envolvidos e isso só é possível com o saber histórico e sua contextualização” (Fernandes, Fernandes e Paiva, 2023, p. 8). Dessa forma, destaca-se a relevância do estudo da História da Educação sob a perspectiva de uma instituição escolar, em que relatos de quem testemunhou de alguma maneira a história da escola serão utilizados para compreender a sua trajetória, reconhecendo assim a voz e a experiência dos indivíduos que não constam nos registros oficiais e normas da instituição.

A partir deste contexto, a questão norteadora que esta pesquisa buscou compreender foi a seguinte: de que maneira a construção da história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - campus Congonhas, pode contribuir para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento de seus servidores?

Para responder a essa questão, o objetivo geral desta pesquisa buscou construir, por meio da história e memória do IFMG campus Congonhas, o sentimento de pertencimento daquele espaço escolar para seus servidores. Para alcançar esse propósito, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: (1) reconstituir a história de criação do IFMG campus Congonhas até os dias atuais; (2) rememorar histórias dos servidores no IFMG campus Congonhas e (3) desenvolver um produto educacional voltado para a história e memória do IFMG campus Congonhas.

A relevância desta pesquisa está na necessidade de se estudar as instituições escolares e suas memórias, que ainda são pouco conhecidas e discutidas, apesar da escola se fazer presente na memória de todos os brasileiros (Demartini, 2006). O estudo das memórias escolares têm um papel fundamental para compreensão da instituição e cenário de sua construção, assim é possível afirmar que:

Abordar ou refletir sobre essas memórias é importante para que se possa compreender a complexidade das questões educacionais nos dias atuais, e como estes diferentes tipos de educação foram se interligando ao longo do tempo (Demartini, 2006, p. 100).

Seguindo a linha de construção da História da Educação ao longo dos tempos, tem-se que os vários estudos relacionados às instituições escolares têm ênfase na sua materialidade e nas diversas dimensões que compõem o ambiente educacional. Partindo desse princípio, Nosella e Buffa (2008, p. 16) apresentam em seu estudo um itinerário de pesquisa para as instituições escolares, que deve contemplar “o contexto histórico e as circunstâncias

específicas de sua criação e da instalação da escola, seu processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual”, aspecto esse que será desenvolvido por meio dessa pesquisa.

Em uma pesquisa mais recente, Oliveira, Gonçalves e Pereira (2021), discutem o estado do conhecimento das pesquisas relacionadas à história da educação profissional, uma vez que este tema da História da Educação vem se destacando dentro do campo da educação. Esses autores apresentam as temáticas trabalhadas nos programas de pós-graduação relacionados a História da Educação Profissional, o que nos remete à história das instituições escolares. Para isso, esses autores mapearam, analisaram e refletiram sobre a história da educação profissional com base em pesquisas nas pós-graduações brasileiras. Foram objeto de análise 167 trabalhos, entre teses e dissertações, localizadas no período de 1980 a 2019. A partir desse estudo constatou-se que a temática mais abordada nas pesquisas foi sobre a história das instituições escolares, sendo 70 produções. As seguintes tendências foram encontradas na pesquisa:

trabalhos que tratam sobre Escolas (normais, aprendizes artífices, artes e ofício, agrotécnica, profissional feminina e masculina e etc.), Institutos (agronômico, zootécnico, João Pinheiro, evangélico, ferroviários), Liceu de artes e ofícios; Senai; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e CEFETs (Oliveira; Gonçalves; Pereira, 2021, p. 26).

Entre as lacunas apresentadas por Oliveira, Gonçalves e Pereira (2021, p. 26) tem-se a “insuficiência de investigações que tomam a Educação Profissional na perspectiva histórica, que tenham como objeto congressos, imprensa e historiografia, que somados chegam a apenas oito trabalhos”. A partir do contexto apresentado, a construção da História do IFMG campus Congonhas contribui para o campo que podemos denominar de História da Educação Profissional Tecnológica. Para o trabalho em questão utilizaremos como marco de instalação desta modalidade de ensino no país, o Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909 (Brasil, 1909), que criou no Brasil as Escolas de Aprendizes Artífices. Ressalta-se que a concepção da história da EPT é marcada por processos sistemáticos de transformação, em conformidade com interesses sociais, políticos e econômicos de cada época.

Gatti Júnior e Gatti (2015, p. 338), também ressaltam a importância de se estudar as instituições escolares:

A importância de estudar e de investigar as instituições escolares ao longo do tempo prende-se, de um lado, à necessidade de melhor compreensão da forma como foi buscada a criação de um homem e de uma sociedade novos, seja nos marcos das sociedades liberais, como também naquelas que se organizaram nos marcos do comunismo.

Estes mesmos autores ressaltam que quando se estuda as instituições escolares, “podemos perceber os elementos de luta em torno da cultura e da divulgação de diferentes visões de mundo presentes na criação e no funcionamento das diferentes escolas que integram o sistema escolar” (Gatti Junior, Gatti, 2015, p. 340-341).

No livro “Instituições Escolares: por que e como pesquisar” escrito por Nosella e Buffa (2008), que é considerado um guia para quem irá estudar as instituições escolares e sua história, nele os autores enfatizam a importância de se conhecer o contexto e a cultura da instituição para se realizar uma boa pesquisa. Os autores apresentam algumas análises de alguns depoimentos, em que se buscou investigar como o conhecimento da história da instituição, a partir da leitura de um livro sobre o assunto, afeta os profissionais que trabalham na escola. Um dos tópicos analisados é o despertar do sentimento de pertencimento, a partir do conhecimento da história da instituição. Constatou-se que o conhecimento da história da escola provocou emoções positivas nos entrevistados como carinho e orgulho de pertencer a instituição. Além de despertar o interesse pela preservação da memória institucional, a partir da organização e preservação de acervos.

No período que trabalhei no IFMG campus Congonhas, observei que há uma rotatividade elevada de servidores que merece atenção, haja visto que, nos últimos dez anos, um total de 83 (oitenta e três) servidores saíram do campus, sendo a maioria por processo de remoção para outro campus do IFMG. Considerando que o modelo de dimensionamento do campus é de 70 X 45 ( 70 docentes e 45 técnicos administrativos em educação - TAE), tem-se que mais de 70% dos servidores já foram substituídos.

Para fazer um comparativo, pesquisamos também a realidade dos últimos dez anos do campus Formiga, antes UNED como Congonhas, vinculada ao antigo CEFET Bambuí, e do IFMG campus Ouro Branco. Estes dois campi apresentam o mesmo dimensionamento do campus Congonhas. O campus Formiga apresenta as mesmas características de criação do campus Congonhas, em que ambos foram concebidos como UNED e transformados em campus do IFMG. Já o campus Ouro Branco se encontra na mesma região do Alto Paraopeba que o campus Congonhas e as cidades dos campi são limítrofes. Desta forma, verificou-se que o campus Formiga apresenta uma rotatividade de cerca de 60% e o campus Ouro Branco de aproximadamente 19%.

Analisando os dados apresentados, constata-se que o campus Congonhas possui uma taxa de rotatividade 10% superior à do campus Formiga, mas se comparado com o campus Ouro Branco que teve uma concepção distinta, nota-se uma disparidade significativa de 51%, o que demonstra uma alta rotatividade de servidores.

Dessa forma, surgiram algumas indagações sobre tais partidas do campus Congonhas, como: há uma falta de identidade com o campus, com a cidade ou com o cargo? Existe nos servidores um sentimento de pertencimento que os fazem permanecer na instituição? Os servidores conhecem a história do campus e se sentem orgulhosos de fazerem parte da instituição? O campus traz boas memórias ou recordações? Essas questões serão respondidas a partir da realização desta pesquisa, para então entendermos as histórias e memórias que os servidores do campus Congonhas trazem consigo e como elas impactam na rotatividades dos servidores.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo são apresentadas algumas discussões acerca das instituições escolares como um campo dentro da História da Educação. Abordou-se também o percurso histórico da Educação Profissional Tecnológica, a partir da promulgação do Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909 (Brasil, 1909), que criou as Escolas de Aprendizes Artífices até a criação dos Institutos Federais pela Lei nº11.892 de 29 de dezembro de 2008.

No segundo capítulo, abordou-se os conceitos de História oral e o seu uso como metodologia de pesquisa. Discutiu-se os conceitos de memória, que é a base do estudo da história oral e analisou-se o conceito memória institucional, a partir da definição memória e de instituição.

No terceiro capítulo, apresento os procedimentos metodológicos aplicados nesta pesquisa. Este estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, do tipo aplicada, de abordagem qualitativa. A metodologia de história oral foi aplicada nas entrevistas do projeto “IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras” e as entrevistas realizadas pela pesquisadora.

No quarto capítulo, partimos para a análise e discussão dos dados coletados a partir das entrevistas em história oral realizadas. A metodologia de análise de dados adotada foi a de análise de conteúdo de Bardin (2016). A partir dessa metodologia foi possível categorizar as os testemunhos recolhidos sobre as histórias e memórias do IFMG Campus Congonhas e que serviram de base para a construção do produto educacional associado a esta pesquisa.

O quinto capítulo, trata do produto educacional desenvolvido nesta pesquisa que foi uma exposição intitulada “Conhecer para pertencer: Histórias e memórias do IFMG Campus Congonhas”, realizada em fevereiro/2024 nas dependências do campus em estudo. Realizou-se a avaliação e a validação da exposição a partir do olhar de seus visitantes. Para

finalizar a dissertação trouxemos algumas considerações finais acerca de todo o desenvolvimento desta pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA COMO UM CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Este capítulo traz algumas discussões acerca das instituições escolares como um campo relevante dentro da História da Educação. Além de ser abordado o percurso histórico da Educação Profissional Tecnológica, a partir da promulgação do Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909 (Brasil, 1909), que criou as Escolas de Aprendizes Artífices até a criação dos Institutos Federais pela Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008.

Buscou-se refletir sobre as transformações que foram ocorrendo ao longo dos anos na EPT até a criação dos IF, especificamente a criação do IFMG campus Congonhas, para então estudar e pesquisar as histórias e memórias desta instituição escolar.

### **1.1 História da Educação**

A chamada História da Educação tem uma experiência longa no campo das ciências, e coincide com o processo de organização das Ciências da Educação, no decurso do século XIX. Segundo Oliveira (2020, p. 46), “o campo de pesquisa denominado História da Educação tem suas origens em meados do século XIX, legitimando a passagem da Pedagogia para o lugar de Ciência da Educação”. A história da educação, conforme enfatiza Magalhães (2004, p. 70), “é um campo em aberto, marcado pela construção de novos campos e objetos de investigação, por uma associação investigação-ação, por uma renovação conceitual e epistêmica de base interdisciplinar”. Nesse contexto dinâmico, o campo da História da Educação engloba uma gama de possíveis temáticas com destaque para a história das instituições escolares, que nos auxiliam na sua compreensão.

Os estudos e pesquisas sobre a história da educação tiveram um maior destaque a partir da criação dos cursos de pós-graduação em Educação no Brasil, que ocorreu em meados da década de 1960. E foi no período de 1960 a 1990, que se observou uma maior oferta dos programas de pós-graduação nas regiões sul e sudeste do Brasil. A partir desse cenário houve uma ampliação dos estudos sobre a temática das instituições escolares, a partir do retorno dos mestres e doutores formados para suas localidades, expandindo assim, os estudos sobre diversas instituições no Brasil (Gatti, 2017).

A respeito do desenvolvimento das pesquisas sobre as instituições escolares no Brasil, a obra de Nosella e Buffa (2008), expõe três momentos que marcaram os estudos desse

assunto na área da história da educação. O primeiro momento compreende as décadas de 1950 e 1960, que antecede a criação dos programas de pós-graduação no Brasil. Neste momento, as pesquisas em educação tinham um caráter político, sociológico, histórico e estavam voltadas para as temáticas de educação e sociedade. Foi neste período que ocorreram as discussões para a consolidação da Lei de Diretrizes e Bases - LDB, aprovada em 20 de dezembro de 1961 por meio da Lei nº 4.024/61 (Brasil, 1961) e a expansão do ensino superior a partir de 1950.

O segundo momento compreende as décadas de 1970 a 1980 que engloba o período da ditadura militar, no qual é marcado pela criação e expansão da pós-graduação em educação. Este período foi marcado pela escolarização da pesquisa e a reação à política do governo militar. Diante deste contexto, houve o desenvolvimento do pensamento crítico dos professores por meio de leituras de autores como Marx, Gramsci, Foucault. Apesar das leituras desses autores, os estudos dessa época ainda continuavam voltados mais para a sociedade do que para a escola (Nosella; Buffa, 2008).

Com a consolidação da pós-graduação nos anos 1990, tem-se o último momento citado pelos autores Nosella e Buffa (2008), que é denominado como a crise dos paradigmas. Essa crise, conforme definida pelos autores, foi um momento marcado por críticas relacionadas às temáticas estudadas nos programas que normalmente estavam relacionados com a sociedade e a educação. A partir desse momento, houve uma ampliação nas temáticas e nas fontes de pesquisas. Temas como cultura escolar e instituições escolares passaram a fazer parte do rol de assuntos tratados nas pesquisas.

Uma tendência da atualidade são as pesquisas relacionadas à História das Instituições Escolares, isto porque há um volume expressivos de trabalhos publicados envolvendo essa temática, que se fortaleceu desde a ampliação da pós-graduação em educação e a criação e atuação dos grupos de pesquisa, após a década de 1990 (Gatti Junior, Gatti, 2015). É relevante reconhecer os primeiros trabalhos que abordaram esta temática, conforme descrito no Quadro 1:

Quadro 1 - Trabalhos sobre Instituições Escolares (1960 a 2000)

<b>Obra</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
Minas Gerais e os Primórdios do Caraça	José Ferreira Carrato	1963
Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais	José Ferreira Carrato	1968
O Ensino Normal na Província de São Paulo	Maria Aparecida Rocha	1972

(1846-1889): subsídios para estudo normal no Brasil-Império	Bauab	
A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da Glória	José Murilo de Carvalho	1978
O Pensamento Burguês no Seminário de Olinda	Gilberto Luís Alves	1991
Schola Mater; a antiga Escola Normal de São Carlos	Ester Buffa e Paolo Nosella	1996
Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes	Carlos Monarcha	1999
Dos Pardieiros aos Palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República	Luciano Mendes de Faria Fialho	2000
A Educação Exilada: Colégio do Caraça	Mariza Guerra de Andrade	2000
A Fabricação Escolar das Elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República	Norberto Dallabrida	2001

Fonte: Adaptado de Gatti Júnior, 2007 e Gatti Junior; Gatti, 2015.

O autor José Ferreira Carrato teve duas pesquisas relacionadas às instituições escolares, a primeira foi “Minas Gerais e os Primórdios do Caraça” originada de seu doutorado e “Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais” que foi resultante de uma pesquisa sobre a configuração educacional durante e após a era do ouro. Já a pesquisa de doutorado de Maria Aparecida Rocha Bauab versou sobre “O Ensino Normal na Província de São Paulo (1846-1889): subsídios para estudo normal no Brasil-Império”. Já o trabalho “A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da Glória” desenvolvido por José Murilo de Carvalho tem como foco duas instituições: O Caraça e Escola de Minas de Ouro Preto, que discute a importância delas para Minas Gerais. Já “O Pensamento Burguês no Seminário de Olinda” de Gilberto Luís Alves analisa o seminário de Olinda, contribuindo para a compreensão dos colégios-seminários pombalinos. As outras obras citadas no Quadro 1 também abordam o estudo de determinadas instituições escolares, cada uma seguindo categorias de análise diferentes e que podem despertar o interesse na leitura.

Nesses trabalhos é possível perceber alguns tipos de instituições escolares que foram os focos dos estudos, e as diferentes abordagens associadas a elas, tais como: aspectos pedagógicos, disciplinas, funcionamento das escolas, cultura escolar, dentre outros. Destaca-se também algumas categorias de análise que auxiliam no entendimento das histórias das instituições escolares, sendo elas: espaço; tempo; currículo; modelo pedagógico; professores; manuais escolares; públicos; dimensões (Magalhães, 1998).

Já Gonçalves Neto e Carvalho (2020, p. 54 e 55), apresentam algumas perspectivas a serem consideradas nas pesquisas que envolvem as instituições escolares, das quais eles destacam: a história, a trajetória e as pessoas. Além de enfatizar as relações sociais que se constituem neste ambiente e que nos instiga ainda mais a estudar essas instituições:

pontos importantes para a pesquisa das instituições escolares: elas têm história e existência que transcendem os indivíduos e desenvolveram na construção de suas identidades concepções, experiências, sonhos, decepções, conflitos, comemorações, ou seja, relações sociais envolvendo pessoas do passado e que se projetam sobre o presente – muitas vezes também sobre o futuro. São exatamente esses elementos que motivam a pesquisa sobre as instituições escolares: analisar a trajetória da instituição, das pessoas, das ideias, das celebrações, dos enfrentamentos, da cultura, enfim, que se desenvolveram nessas entidades ao longo do tempo, bem com como suas interações com o universo que as cerca – o mundo em que vivemos – no passado e no presente.

Esses mesmos autores apontam que o estudo das instituições escolares têm contribuído para o campo de estudo da História da Educação, pois abordam as motivações e disputas que fizeram parte de sua concepção. Eles ainda sugerem o uso da metodologia de história oral para reunir narrativas como uma alternativa para a criação de arquivos e preservação das fontes históricas, além auxiliar na preservação das histórias dessas instituições (Gonçalves Neto; Carvalho, 2020). Já Magalhães (2004, p. 167) reforça que a história das instituições “povoa-se de representações e de memórias, frequentemente contraditórias, que constituem um estímulo e uma aproximação ao clima e aos contextos em que foram assumidas decisões estratégicas”, o que reforça a importância do estudo e da preservação desse passado. Esse mesmo autor reforça que:

É uma história material, social, cultural, biográfica, reflexiva, que procura uma objetividade e um sentido no inquérito, na conceitualização, descrição, narrativa, compreendendo e explicando o presente-passado por referência ao destino dos sujeitos e à evolução da realidade (Magalhães, 2004, p. 70).

Nosella e Buffa (2009), ressalta uma preocupação com o número de produções que têm sido publicadas sobre as instituições escolares e educativas, isto porque, este grande volume pode gerar trabalhos poucos inovadores, rasos e resultados não expressivos para a área de conhecimento. Mas é fato que este volume de produção tem contribuído para a área da História da Educação.

Uma outra forma de analisar a história das instituições escolares é recorrer aos referenciais propostos por Werle (2004). O autor apresenta duas perspectivas que podem orientar o estudo da história das instituições escolares, sendo eles o espaço objetivo e espaço

subjetivo. O espaço objetivo está diretamente relacionado ao concreto, à materialidade, em outras palavras com a estrutura de prédios, que são os espaços físicos que definem a demarcação da instituição. Também fazem parte desse espaço questões internas como projeto pedagógico, administrativos e de disciplina. O prédio escolar “expressa uma visão da funcionalidade institucional presente no momento em que foi erigido, trazendo um fardo de história pelas relações e vivências construídas em seu interior e arredores.” (Werle, 2004, p. 211).

As instituições escolares também são espaços subjetivos e que geram sentimentos de pertença “pois se reconstroem na memória a partir das relações vividas em tempos e espaços definidos, compreendidos e rememorados a partir das subjetividades particulares dos que nelas viveram e se relacionaram” (Werle, 2004, p. 112). Salientamos que esta dimensão subjetiva que será retratada neste estudo, e este autor ainda destaca que:

Trabalhar com esta dimensão subjetiva na qual a instituição se produz, implica em aceitar múltiplas formas de caracterizá-la, ligada àqueles que nela atuaram, seus papéis, visões de mundo e relacionamentos. Assim não há uma, mas múltiplas histórias da instituição, de acordo com os grupos que as contam e com a época em que viveram a instituição. Desentranhar estas memórias e histórias da instituição contribui para torná-la mais viva, evitar o esclerosamento e a hipertrofia do instituído. Dar fala a seus diferentes atores que, em diversas posições e em diferentes tempos viveram a instituição, revela suas múltiplas estratégias de construção e as variadas e muitas vezes conflitantes identidades institucionais e os processos de rejeição e aproximação que em seu interior se construíram (Werle, 2004, p. 112).

Outra temática que vem se destacando são os estudos das Culturas Escolares, quando as discussões passam a ser voltadas para as práticas culturais como característica da sociedade, tornando-se um campo de pesquisa muito importante na História da Educação.

A discussão sobre cultura escolar se aproximou do campo da história, incorporando aspectos teóricos e metodológicos, além de desenvolver o estudo da História Cultural. Pioneiro nessa temática, o autor Dominique Julia (2001, p. 11) descreve a cultura escolar como “um conjunto de normas, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas”. Segundo este autor, existem três abordagens possíveis para analisar a cultura escolar, que se referem às normas, às práticas e aos docentes, que enfatizam diferentes aspectos desta cultura. Vale ressaltar que a cultura é o resultado entre permanências e rupturas na estrutura social, assim a cultura escolar deve ser estudada a partir das relações conflituosas (Oliveira, 2020).

A partir do campo da História da Educação, este trabalho se desenvolve privilegiando duas trilhas dentro dessa abordagem: a história das instituições escolares e a cultura escolar. A cultura é vivenciada pela comunidade escolar, a partir da interação das pessoas sejam alunos, docentes, gestores, pais, aplicação de normativas, currículo, contexto social, etc. A cultura escolar integra a identidade da escola.

A educação profissional brasileira passou por diversas transformações até chegar aos Institutos Federais, como referência de instituição de ensino que fornece esse tipo de educação. Rememorar a história dessa instituição escolar através das pessoas que vivenciam a instituição é o objetivo desta pesquisa, além da perpetuação da História da Educação Profissional e Tecnológica. Um breve panorama da trajetória da educação profissional no Brasil será apresentado na seção seguinte, destacando os principais marcos legais e políticos que influenciaram o seu desenvolvimento desde o período República, com ênfase na criação dos Institutos Federais como uma proposta inovadora de integração entre ensino, pesquisa e extensão.

## **1.2 Percurso Histórico da Educação Profissional Tecnológica**

A história da educação profissional brasileira tem suas origens em momentos históricos que variam em tempo e espaço em conformidade com a perspectiva teórico conceitual adotada pelos pesquisadores do tema. Esta pesquisa trata do tema a partir de 1909, ano em que o estado brasileiro organizou a partir de sua iniciativa e recursos um projeto de educação para o trabalho em escala nacional. Assim, um marco da Educação Profissional Tecnológica (EPT) foi a promulgação do Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909 (Brasil, 1909), que criou as Escolas de Aprendizes Artífices, pelo presidente Nilo Peçanha. O Decreto levava em consideração:

Que o augmento constante da população das cidades exige que se facilite ás classes proletarias os meios de vencer as difficuldades sempre crescentes da lucta pela existencia;

Que para isso se torna necessario, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensavel preparo technico e intellectual, como fazel-os adquirir habitos de trabalho proficuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vicio e do crime;

Que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadãos uteis á Nação (Brasil, 1909).

Nota-se o caráter assistencialista das Escolas de Aprendizes Artífices, evidenciado no decreto, por meio de um de seus objetivos que era o de habilitar os filhos dos menos

favorecidos ao mercado de trabalho, “como se vê, eram escolas pobres para os pobres e destinavam-se a preparar os filhos dos operários ou de seus associados para os ofícios, cujos cursos deveriam ser desenvolvidos com a colaboração dos sindicatos e das indústrias“ (Moura, 2007, p. 8). O Decreto nº 7.566/1909 (Brasil, 1909), também teve um caráter de controle social por meio do ensino, com o intuito de afastar os estudantes do vício e do crime, e o ensino não era caracterizado pela formação humana, mas sim, por características de formação utilitária (Cunha; Pimentel, 2022).

A ação de controle social presente no decreto era perceptível, visto que naquela época houve diversas transformações em um curto espaço de tempo. Neste período, eventos significativos ocorreram como “a abolição da escravatura, e nascimento da república - surgimento de novos meios econômicos e de produção, ascensão de diferentes classes trabalhadoras e o crescimento urbano com o inchamento das cidades” (Melgaço da Silva; Ciasca, 2021 p. 79). Como consequência do Decreto nº 7.566/1909 (Brasil, 1909), foram criadas 19 Escolas de Aprendizes Artífices, ao longo do ano de 1910, em várias regiões do Brasil, que ofertaram o ensino profissional primário gratuito.

No decorrer do Governo Vargas (1930-1945), houve o aumento da população urbana e das atividades industriais, devido a criação de políticas de estímulo à indústria de base, e a criação do complexo sidero-metalúrgico. Na educação profissional, tem-se a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (Oliveira, 2020). Em 1937, foi outorgada uma nova Constituição Federal, em que o ensino profissional é citado pela primeira vez:

O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais.

É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera da sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados (Brasil, 1937).

Observa-se que a partir desse momento o ensino profissional passa a ser dever do Estado, além de colocar como dever das indústrias e dos sindicatos a criação de escolas em suas áreas de atuação, para os filhos de seus operários.

Ainda na era Vargas ocorreu a transformação das escolas de aprendizes e artífices em Liceus Industriais, por meio da Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937 (Brasil, 1937), mais especificamente em seu art. 37. Era papel dos liceus industriais a disseminação do ensino profissional, em seus vários ramos e graus, por todo país (Brasil, 1937). Pode-se verificar que

os liceus industriais não traziam mais o objetivo social que as escolas de aprendizes e artífices carregavam desde a sua criação. O foco dessa nova instituição passa a ser voltado para atender as necessidades das indústrias. Salienta-se que nesse período:

ocorreu uma mudança ideológica, pois a formação para o exercício laboral abandonou o objetivo de controle social e, diante de um novo contexto direcionado para a indústria, que exigia uma nova qualificação, passou a buscar uma formação para os trabalhadores que integravam a realidade dos centros urbanos brasileiros que atendessem a tais fins, em sintonia com a fase crescente de progresso econômico e desenvolvimento tecnológico e com as necessidades do mercado em expansão (Cunha; Pimentel, 2022, p. 31).

Como consequência deste contexto tem-se a lógica do capital se espalhando pelo Brasil, em que os interesses de quem possui o poder econômico se sobrepõem aos demais. Aqui observa-se a divisão de classe social, daqueles que detêm os meios de produção se apropriam da força de trabalho dos que são dominados (Cunha; Pimentel, 2022, p. 31).

Na era Vargas também foram criados o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, marcando início às relações do estado com empresários (iniciativa privada) na oferta de Educação Profissional. Houve a regulamentação do ensino por meio da chamada Reforma Capanema, que resultou em Leis Orgânicas, que passaram a considerar o ensino profissional para grau médio e criou os cursos técnicos (Oliveira, 2020). Ocorreu também a transformação dos Liceus Industriais em Escolas Industriais e Técnicas, por meio do Decreto nº 4.127 de 25 de fevereiro de 1942 (Brasil, 1942), que regulamentou as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial.

A Reforma de Capanema, como dito anteriormente, foi um conjunto de Leis Orgânicas do Ensino Brasileiro, que apresentaram uma série de reformas na educação brasileira, e que buscavam moldar o ensino ao contexto econômico e social de sua época. Este contexto, segundo Moura (2007) está relacionado com a industrialização que vinha ocorrendo na década de 1930 e que foi intensificado pela 2ª guerra mundial, o que exigia uma mão de obra qualificada. Essa demanda culminou numa série de decretos-leis para normatizar a estrutura da educação, publicados no período de 1942 a 1946, sendo elas:

- Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, que regulamentou o ensino industrial; dos trabalhadores da indústria, atividades artesanais, dos transportes, das comunicações e da pesca;
- Decreto-lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, criou o SENAI;

- Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, que estabeleceu o ensino secundário em dois ciclos: o ginásial (com quatro anos de duração), e o colegial nas modalidades clássico e científico (com três anos de duração);
- Decreto-lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943, que organizou o ensino comercial também em dois ciclos : curso comercial básico (com quatro anos de duração) e cursos comerciais técnicos (com três anos de duração);
- Decreto-lei n. 8.529, de 02 de janeiro de 1946, que regulou o ensino primário a nível nacional;
- Decreto-lei 8.530, de 02 de janeiro de 1946, que organizou o ensino normal;
- Decreto-lei n 8.621, de 10 de janeiro de 1946, que criou SENAC;
- Decreto-lei n 8.622, de 10 de janeiro de 1946, que regulamenta a aprendizagem dos comerciários;
- Decreto-lei n. 9.613, de 20 de agosto de 1946, que estabeleceu bases para a organização do ensino agrícola.

Observa-se que os decretos-leis foram criados de forma separada para os seguintes ramos de ensino: secundário, industrial, comercial, agrícola, normal e primário. Além disso, o acesso ao ensino superior dos estudantes com formação nas escolas industriais e dos cursos técnicos era restrito. Isto significa que houve um fortalecimento da educação profissional e do que podemos denominar “dualidade” na estrutura educacional do país. Essa dualidade é marcada pela diferença de oferta de ensino, técnico profissionalizante e ginásial, sendo que este último não só permite o acesso às universidades. As classes menos favorecidas ficavam com o acesso restrito ao ensino profissional e as elites tinham acesso a ensino propedêutico e conseqüentemente ao ensino superior (Medeiros Neta *et al.*, 2018).

Na Era Vargas, houve fortalecimento da dualidade da educação, já que existia forte restrição em relação ao acesso ao ensino superior: egressos da educação média profissionalmente somente poderiam ter acesso aos cursos de nível superior da mesma carreira, ou seja, não havia poder de escolha, eleger carreiras diferentes (Medeiros Neta *et al.*, 2018, p. 226).

Moura (2007, p. 9) destaca que com a promulgação desses decretos ficou evidenciado “a importância que passou a ter a educação dentro do país e, em especial, a educação profissional, pois foram definidas leis específicas para a formação profissional em cada ramo da economia e para a formação de professores em nível médio”. Ciavatta (2014), faz uma reflexão sobre essas várias reformas que foram implementadas no período político de

Nilo Peçanha a Getúlio Vargas. A autora ressalta que a educação deveria atender tanto a necessidade da população quanto das empresas e fábricas, mas o que realmente ocorreu foi um direcionamento da educação profissional para suprir as necessidades dos empresários, quanto a criação de mão de obra qualificada.

Como uma maneira de amenizar os efeitos da reforma de Capanema, foram criadas três Leis de Equivalência do Ensino, “que aparecem para superar as limitações existentes nas Leis Orgânicas do Ensino que já não respondiam às aspirações da sociedade vigente, em plena expansão econômica e industrial” (Medeiros Neta *et al.*, 2018, p. 255). Basicamente essas leis geraram a equivalência dos certificados das áreas técnicas para acesso ao ensino superior, gerando assim uma igualdade de acesso à educação na forma da lei.

A primeira lei de equivalência a ser criada foi Lei nº 1.076 de 31 de março de 1950 (Brasil, 1950), que permitiu aos estudantes que concluíram o primeiro ciclo do ensino comercial, industrial ou agrícola, o direito a concorrer a qualquer curso superior, mesmo que o curso superior não tivesse relação com o curso técnico concluído. A segunda lei de equivalência foi a Lei nº 1.821 de 31 de março de 1953 (Brasil, 1953), que estabeleceu a equivalência para os vários cursos de nível médio para matrícula no ciclo colegial e no ensino superior. E a última foi a Lei nº 3.552 de 16 de fevereiro de 1959 (Brasil, 1959), conhecida como Lei da Reforma Industrial, que estabeleceu uma nova disposição escolar e administrativa do ensino industrial.

No Governo de Juscelino Kubistcheck (1951-1961), a influência exercida na educação profissional foi a política de desenvolvimento econômico da industrialização, marcada pela instalação das montadoras de carros no Brasil, o que demandou uma oferta de mão de obra qualificada. Também, foi promulgada no ano de 1961 a LDB, na qual ficou estabelecida a equivalência do curso técnico ao ensino secundário, permitindo aos alunos do técnico acesso à universidade, sendo um ganho para a educação profissional (Oliveira, 2020).

O plano de metas do governo de JK era baseado no desenvolvimento de 50 anos em 5 anos de governo, o que gerou uma necessidade de mão-de-obra técnica de nível médio principalmente pelo setor industrial (Caires; Oliveira, 2016). Em 1959, a partir da lei de reforma industrial, as escolas industriais e técnicas mudaram de nome para Escolas Técnicas Federais, as quais eram mantidas pelo Governo Federal como autarquias que tinham autonomia didática, administrativa, técnica e financeira.

No período da ditadura militar (1964-1985) a educação passa a ser vista como instrumento de desenvolvimento e seu foco é na qualificação para o mercado de trabalho. Neste período, fomos bastante influenciados pelos Estados Unidos, em decorrência disso

houve a transformação de algumas escolas técnicas em Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFETs, que além de fornecer o ensino em vários níveis, também desenvolviam pesquisa nas áreas técnicas. O termo “tecnológica ” passou a ser parte do nome das escolas, deu-se neste processo um novo marco para educação profissional (Oliveira, 2020).

Na década de 1970, o Brasil vivia um crescimento econômico, devido a construção de grandes obras de infraestrutura, produção de automóveis e consumo de bens duráveis. Esse período ficou conhecido como o “milagre brasileiro” e para manter o crescimento da economia era necessário a qualificação da mão de obra para atender as demandas do capitalismo. Assim, com o objetivo atender essa demanda e visando uma saída para as cobranças de acesso a escolaridades mais elevadas pelas classes populares, o governo instituiu a profissionalização obrigatória do ensino de 2º grau, por meio da promulgação da Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971 ( Brasil, 1971).

Para Medeiros Neta e Assis (2015, p. 199) essa lei foi “uma tentativa de profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau que culminou num grande fracasso.” Pois essa legislação veio com a premissa de eliminar a dualidade estrutural existente entre a educação básica e a educação profissional, mas não foi o que aconteceu na prática. Além disso, trouxe algumas contradições em relação ao ensino básico e profissional, conforme podemos ver a seguir:

Essa medida garantiria, através da formação técnica profissionalizante, a inserção no mercado de trabalho dos jovens das classes populares, e retardava ou mesmo barrava a sua entrada na Universidade que à época não dispunha de vagas para todos e o governo não tinha nenhuma política de expansão para criá-las (Medeiros Neta; Assis, 2015, p. 199).

Dessa forma, pode-se afirmar que a Lei nº 5692/71 fez com que o acesso ao ensino superior ficasse restrito às classes privilegiadas da população e dificultou o acesso das classes populares, além de favorecer a cisão do ensino público e o ensino privado ao tornar compulsório a profissionalização em todas as escolas do país. Esta cisão ocorreu porque o ensino privado continuou com seu itinerário formativo, fornecendo as disciplinas propedêuticas em seu currículo. E as escolas públicas estaduais, sem infraestrutura e pessoal para a implantação efetiva do novo ensino, teve a implementação do novo modelo educacional comprometida, o que acabou desvalorizando os cursos. Com o tempo, a profissionalização compulsória foi desaparecendo e ficando o ensino profissionalizante restrito às escolas da rede federal e ao sistema S, principalmente.

No ano de 1978 as Escolas Técnicas Federais do Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro foram transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica, pela Lei nº 6.545 de 30 de junho de 1978. Os CEFETs eram autarquias de regime especial e possuíam autonomia administrativa, financeira e didática e tinham como objetivos;

I - ministrar em grau superior:

a) de graduação e pós-graduação lato sensu e stricto sensu, visando à formação de profissionais e especialistas na área tecnológica;

b) de licenciatura com vistas à formação de professores especializados para as disciplinas específicas do ensino técnico e tecnológico;

II - ministrar cursos técnicos, em nível de 2º grau, visando à formação de técnicos, instrutores e auxiliares de nível médio;

III - ministrar cursos de educação continuada visando à atualização e ao aperfeiçoamento de profissionais na área tecnológica;

IV - realizar pesquisas aplicadas na área tecnológica, estimulando atividades criadoras e estendendo seus benefícios à comunidade mediante cursos e serviços (Brasil, 1978).

Os CEFETs, de acordo com os seus objetivos, poderiam ministrar cursos de graduação e pós-graduação, cursos de curta duração, além dos cursos técnicos de nível médio. Com essa nova lei houve o início da “cefetização” das escolas técnicas, mas que só foi concluída nos anos 90, por meio da Lei nº 8.948 de 08 de dezembro de 1994 (Brasil, 1994), que instituiu o Sistema Nacional de Educação Tecnológica. Esse sistema foi transformando de forma gradativa e por meio de decretos específicos, as Escolas Técnicas e Agrotécnicas em CEFETs. Dessa forma a década de 1990:

foi marcada por transformações na forma de organização do trabalho e, conseqüentemente, educação, tendo em vista a influência do ideário da produção flexível, da automação, do livre mercado, da competitividade, da empregabilidade, da intensificação e globalização do capitalismo (Caires; Oliveira, 2016, p. 101).

Essas autoras destacam que “a demanda do mercado de trabalho passou a se traduzir na oferta de emprego para *trabalhadores flexíveis*, na categoria de temporários” (Caires; Oliveira, 2016, p. 102, grifo do autor).

No Governo de Fernando Henrique Cardoso - FHC (1995 a 2003), ocorreu a reforma do ensino profissionalizante, tendo como base a modificação em 1996, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9.394/96) e do Decreto Federal 2.208/97 (Garcia *et. al*, 2018). O capítulo III, da nova LDB, foi dedicado à Educação Profissional, Ciavatta, nos diz que durante as discussões para a aprovação da nova LDB:

Havia o movimento contra-hegemônico de instalar na educação brasileira a educação politécnica. Buscava-se a instituição da formação geral e a formação

técnica, para que um trabalhador formado profissionalmente pudesse não só exercer o seu trabalho, mas também, conhecer o que é a sociedade, a política, e saber o porquê do salário baixo, o porquê de os postos de saúde e a saúde pública serem precários. E nesse aspecto fomos derrotados (Ciavatta, 2014. p. 60-61).

Nessa linha de raciocínio, Ciavatta (2014) conclui que a concepção de politecnia não se encaixava nas concepções do governo neoliberal da época, mas a redação dada a nova LDB, teve uma vantagem, que permitiu a formação para o trabalho e a continuação nos estudos, descrita no artigo primeiro.

O Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997 (Brasil, 1997), regulamentou os arts. 32 a 39 da nova LDB/96 (Brasil, 1996). Este decreto separou a formação geral da formação específica, quando trata da organização curricular do nível técnico de forma própria e independente do ensino médio, no qual o ensino técnico pode ser ofertado de maneira concomitante ou sequencial ao ensino médio. Além disso, trouxe os seguintes objetivos para a educação profissional:

- I. Promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas;
- II. Proporcionar a formação de profissionais, aptos a exercerem atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis médio, superior e de pós-graduação;
- III. Especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos;
- IV. Qualificar, reprofissionalizar e atualizar jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho (Brasil, 1997).

Os conceitos que estão presentes neste decreto, tem como objetivo atender a economia e o mercado, como destaca Araújo, Nicácio e Oliveira (2021, p. 282):

Os conceitos definidos pela ideologia neoliberal, tais como habilidade/competência, flexibilidade, especialização, requalificação e reprofissionalização dão o tom da ampliação da materialidade capitalista na educação e coloca o conhecimento como fator central da produção. O país precisa crescer, inovar e se profissionalizar para atender às necessidades da nova economia.

Em 1998, foram proibidas as construções de novas escolas técnicas federais pelo Governo FHC, baseado na Lei nº 9.649 de 27 de maio (Brasil, 1998), o que acabou impedindo a expansão da Rede Federal, quando em seu art. 47 altera a redação do art. 3º da Lei nº 8.948/94 (Brasil, 1994), que passa a dizer:

§ 5º A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, somente poderá ocorrer em parceria com

Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não-governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.

Para Frigotto e Ciavatta (2003) o Governo FHC com mediação do Ministério da Educação - MEC, adotou um projeto de educação do Estado pautado no pensamento pedagógico empresarial, que trata de:

uma perspectiva pedagógica individualista, dualista e fragmentária coerente com o ideário da desregulamentação, flexibilização e privatização e com o desmonte dos direitos sociais ordenados por uma perspectiva de compromisso social coletivo. Não é casual que a ideologia das competências e da empregabilidade esteja no centro dos parâmetros e das diretrizes educacionais e dos mecanismos de avaliação ( Frigotto; Ciavatta, 2003, p. 108).

O Decreto nº 2.208/97, fez parte da reforma educacional que o Governo FHC aplicou, mais especificamente à EPT, com viés voltado para o liberalismo conservador (Frigotto; Ciavatta, 2003). Este decreto foi complementado por outros documentos que estabeleceram novas diretrizes para a educação profissional. São eles:

Portaria do MEC nº 646 de 1997, que obriga os Centros Federais de Educação Tecnológica a restringirem em 50% as matrículas do nível médio integrado, das oferecidas em 1966, com o indicativo de extensão futura. A arma do MEC para isso era a concessão de mais ou menos recursos de acordo com a adesão à portaria. No plano pedagógico, a Resolução nº 04/99 e o Parecer CNE/CEB nº 16/99, que traçam as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos técnicos de nível médio, escancaram a perspectiva economicista, mercantilista e fragmentária mediante a pedagogia das competências e a organização do ensino por módulos, sob o ideário da ideologia da empregabilidade ( Frigotto; Ciavatta, 2003, p. 119).

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 3), complementam que essas regulamentações “vêm não somente proibir a pretendida formação integrada, mas regulamentar formas fragmentadas e aligeiradas de educação profissional em função das alegadas necessidades do mercado”, dessa forma a educação é mais uma vez um instrumento para atender as demandas do capitalismo.

Vale destacar que a LDB de 1996 (Lei nº 9.394/96), teve um papel fundamental na promulgação do Decreto nº 2.208/97, que veio com o objetivo de preencher algumas lacunas e regulamentou os arts. 32 a 39 da LDB. Para Santos (2017, p. 230) o texto da LDB/96 “mesmo sendo rico em suas ambiguidades, deixa claro no Art. 36º ‘a’ que o Estado está desobrigado de ofertar o ensino profissionalizante”. E no art. 40 trazia que “a educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho” (Brasil, 1996). Com a

desobrigação do Estado de fornecer o ensino profissionalizante, abriu-se um precedente para a educação profissionalizante ser fornecida por outras entidades, isto ocorreu, logo após a promulgação do Decreto nº 2.208/1997. Destaca-se que “a iniciativa privada agradeceu ao Estado o oferecimento parcimonioso do ensino profissionalizante como nicho a ser explorado pelos empresários que vendem educação, oficializado, agora, por esse decreto” (Santos, 2017, p. 231).

Em resumo, o governo de FHC realizou as seguintes transformações na EPT, conforme destaca Pacheco, Pereira e Domingos Sobrinho (2010, p. 77):

separação da educação técnica do ensino médio, a extinção dos cursos técnicos integrados, a criação e priorização dos Cursos Superiores de Tecnologia, a transformação das Escolas Técnicas em Centros de Educação Tecnológica, dentre outras mudanças no âmbito da educação em geral.

No primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), houve a revogação do Decreto nº 2.208/1997 pelo Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004 (Brasil, 2004). Para Ramos (2014, p. 66), essa revogação buscou “restabelecer os princípios norteadores de uma política de educação profissional articulada com a educação básica, tanto como um direito das pessoas quanto como uma necessidade do país.” No Quadro 2, verifica-se as alterações realizadas e a nova organização da educação profissional:

Quadro 2: Análise comparativa entre o decreto Decreto nº2.208/1997 e o Decreto nº5.154/2004

Decreto nº2.208/1997	Decreto nº5.154/2004
A Educação Profissional foi organizada em três níveis: Básico, Técnico e Tecnológico (Artigo 3º)	A Educação Profissional foi definida para ser desenvolvida por meio de Cursos e Programas de: Formação Inicial e Continuada de trabalhadores, EPTNM; e Educação Profissional Tecnológica de Graduação e Pós-graduação (Artigo 1º)
A Educação Profissional de Nível Médio foi estruturada com organização curricular própria e independente do ensino Médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a esse nível de ensino (Artigo 5º)	A EPTNM foi determinada para ser desenvolvida de forma articulada como Ensino Médio, devendo ocorrer na modalidade integrada, concomitante ou subsequente ao Ensino Médio.
Foi estabelecido um limite de 25% do total da carga horária mínima do Ensino Médio, para o aproveitamento no currículo da habilitação profissional (Artigo 5º).	Não foi previsto limite para o aproveitamento de carga horária do Ensino Médio para a Educação Profissional

Fonte: Caires e Oliveira , 2016, p. 141.

A partir do Decreto nº 5.154/2004, a união do ensino profissional do ensino médio foi restabelecida e a Educação Profissional passou a ser desenvolvida em 03 (três) modalidades diferentes, sendo elas: de forma integrada ao ensino médio, concomitante e subsequente. Dessa forma, tem-se o ensino médio integrado com condições melhores para fornecer uma formação humana integral, cidadã e crítica, enquanto, a modalidade concomitante e subsequente fornece uma formação mais segmentada com foco no mercado de trabalho, distanciando-se da formação humana (Caires; Oliveira, 2016).

Dispondo do Decreto nº 5154/2004, Araújo, Nicácio e Oliveira (2021), destacam que algumas políticas com foco na formação dos trabalhadores foram sendo criadas, como o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), a Escola de Fábrica e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM).

Em 18 de novembro de 2005 é aprovada a Lei nº 11.195 (Brasil, 2005), que dá uma nova redação ao § 5º da Lei nº 8.948/94, que passa a ser:

§ 5º A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, ocorrerá, preferencialmente, em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.

A partir desse momento dá-se início ao processo de expansão das escolas federais de educação profissional, pois a lei nº11.195/05 tirou a vedação da criação de unidades de ensino que constava na Lei nº 8948/94 (Araújo; Nicácio; Oliveira, 2021).

Dessa forma, houve a implantação da fase I das Escolas Federais de Educação Profissional, durante o período de 2005-2007, por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) que é vinculada ao MEC. A fase I do plano expansão, teve como objetivo principal o aumento da atuação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), e trouxe como objetivo específico:

Implantar Escolas Federais de Formação Profissional e Tecnológica nos estados ainda desprovidos destas instituições, além de preferencialmente em periferias de grandes centros urbanos e municípios interioranos, distantes de centros urbanos, cujo cursos estejam articulados com as potencialidades locais de mercado de trabalho. site do mec (Brasil, 2005, p. 4).

Nesta fase, “o governo anunciou a implantação de 64 novas unidades, prevendo a construção de 37 unidades de ensino descentralizadas (UNED), 9 autarquias federais e a federalização de 18 escolas pertencentes a estados e municípios” (Araújo; Nicácio; Oliveira, 2021 p. 284).

Na segunda fase do plano de expansão da RFEPCT, a meta criada pela SETEC era a criação de mais 150 novas instituições federais de educação tecnológica, distribuídas nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Dessa forma o Governo Federal pretendia criar uma escola técnica em cada cidade pólo do nosso país, e com isso fornecer:

condições favoráveis à formação e qualificação profissional nos diversos níveis e modalidades de ensino, suporte ao desenvolvimento da atividade produtiva, oportunidades de geração e disseminação de conhecimentos científicos e tecnológicos e estímulo ao desenvolvimento socioeconômico em níveis local e regional (Brasil, 2007, p. 1).

Para realizar a reorganização das instituições federais, criaram-se alguns documentos para auxiliar neste processo, sendo eles:

O Decreto n. 6.095/2007, a Chamada Pública MEC/SETEC n. 01/2007, a chamada pública MEC/SETEC n. 2/2007 e a Lei. 11.892/2008. Estes documentos são balizadores do processo de reorganização das instituições federais de educação profissional e tecnológica pautados pelo modelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET) (Araújo; Nicácio; Oliveira, 2021 p. 285).

Todo esse movimento da expansão da Rede federal de ensino resultou na promulgação a Lei nº 11.892 em 29 de dezembro de 2008 (Brasil, 2008), que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, com o objetivo de ofertar educação profissional e tecnológica em todas as modalidades, em consonância com as demandas locais e regionais, buscando sempre uma formação humana e omnilateral. (Oliveira, 2020).

Em 29 de dezembro de 2008, após muitos debates, resultou-se na publicação da Lei 11.892, que no âmbito do Ministério da Educação criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, os quais apresentam um novo modelo de Educação Profissional, estruturados a partir dos CEFETs, escolas técnicas e agrotécnicas federais e escolas vinculadas às universidades federais (GARCIA *et. al*, 2018).

Pacheco (2015) destaca que a partir da criação dessa nova instituição escolar:

Inicia-se a construção de uma instituição inovadora, ousada, com um futuro em aberto e, articulada com as redes públicas de educação básica, capaz de ser um centro irradiador de boas práticas. Os centros federais de educação tecnológica (CEFETs), as escolas agrotécnicas federais e as escolas técnicas vinculadas às universidades que aceitaram o desafio desaparecem enquanto tais, para se

transformarem nos campi espalhados por todo o país, fiadores de um ensino público, gratuito, democrático e de excelência. Com os Institutos Federais, iniciamos uma nova fase, abandonando o hábito de reproduzir modelos externos e ousando inovar a partir de nossas próprias características, experiências e necessidades (Pacheco, 2015, p. 14).

Após esse pequeno recorte sobre a Rede federal de ensino, podemos perceber que ao longo dos anos as reformas relacionadas à educação criaram mais descontinuidades do que continuidades. Isso porque as várias reformas que ocorreram na educação se deram por meio de programas, que foram implementados e/ou alterados conforme interesse dos governos, do que por políticas públicas, que garantem por meio de leis os mesmo direitos a toda população e regulamenta recursos destinados para esse fim.

Conseguimos perceber essas descontinuidades, nas mudanças que ocorreram ao longo dos anos nas escolas federais devido aos vários cenários políticos e socioeconômicos desde 1909, destacando as várias nomenclaturas adotadas. No Quadro 3, podemos verificar essas transformações e a duração de cada uma delas na nova situação.

Quadro 3 - Transformações da Rede Federal

Denominação	Período de Permanência
Escola de Aprendizes Artífices	1909 - 1937
Liceu Industrial	1937- 1942
Escola Industrial e Técnica	1942 - 1959
Escola Técnica Federal	1959 - 1994
Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica	1994 - 2008
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia	2008 aos dias atuais

Adaptado: Carmem, *et. al* ( 2020, p. 42 )

Para Cunha e Pimentel, a educação profissional e tecnológica no Brasil foi marcada historicamente por um conjunto de características assistencialista, mercadológica e neoliberal, em que:

A educação de qualidade no Brasil sempre foi elitista, pois o ensino secundário, normal e superior era destinado à classe dominante e detentora do poder e o ensino profissional estava associado à formação de mão de obra, sendo oferecido às classes dominadas. É possível observar, na perspectiva das classes dominantes, que a articulação dos interesses econômicos, políticos e culturais acaba por influenciar a função social da educação. Em razão disso, a educação se reduz a um mero produto, gerando, assim, exploração e alienação (Cunha; Pimentel, 2022 p. 27).

Assim, mediante todo histórico e características que a rede federal de ensino vem carregando, hoje ela composta pelas IFs - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, CEFET - RJ, CEFET - MG, Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e Colégio Pedro II.

### ***1.2.1 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais***

A Lei nº11.892 de 29 de dezembro de 2008 (Brasil, 2008) Institui a Rede Federal De Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Por meio dessa lei foram criados 38 Institutos Federais - IFS, que estão espalhados por todo país. Os IFs foram criados a partir de integração ou transformação de Centros Federais de Educação Tecnológica e/ ou Escolas Agrotécnicas. Fazem parte da rede federal: os Institutos Federais, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca e de Minas Gerais, Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e Colégio Pedro II. O artigo 2º da referida lei, nos apresenta o conceito dos IFs:

são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei (BRASIL, 2008, p. 1).

Segundo Pacheco (2010, p.13), um dos objetivos dos IFs é auxiliar na construção da emancipação do cidadão, sendo usado como uma ferramenta para: “derrubar as barreiras entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana, [esse] é um dos objetivos basilares dos Institutos.” Desta forma, os IFs têm como proposta uma formação mais abrangente aos cidadãos de modo a compreender o mundo do trabalho e não apenas a executar uma atividade, a partir de uma formação humana integral e omnilateral.

O que está posto para os Institutos Federais é a formação de cidadãos como agentes políticos capazes de ultrapassar obstáculos, pensar e agir em favor de transformações políticas, econômicas e sociais imprescindíveis para a construção de um outro mundo possível. A referência fundamental para a educação profissional e tecnológica é o homem e, por isso, o trabalho, como categoria estruturante do ser social, é seu elemento constituinte. É, pois, uma formação que se dá no decorrer da vida humana, por meio das experiências e conhecimentos, ao longo das relações sociais e produtivas (Pacheco, 2010, p. 24).

Seguindo essa linha de pensamento Cunha e Pimentel (2022, p. 27) salienta que a educação profissional “deve servir como um instrumento para capacitar o(a) cidadão(ã), tornando-o(a) um(a) sujeito(a) político(a), com o intuito de que ele(a) se torne capaz de intervir, atuar e transformar a realidade criticamente”.

Para garantir a formação de cidadãos críticos e emancipados, para atuarem nos vários ramos da economia e com foco no desenvolvimento local, a Lei nº 11.892/2008, estabelece as seguintes finalidades para os IFs:

- I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;
- II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;
- III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infra-estrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;
- IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;
- V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;
- VI - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;
- VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;
- VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;
- IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente (Brasil, 2008).

Os IFs são uma política pública inovadora de educação gratuita e de qualidade, com uma gama de opções de formação em vários níveis de ensino em uma mesma instituição (verticalização) e possuem características únicas. Foram incorporadas instituições antigas para sua criação e alcance de seus objetivos. A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, tem mais de 110 anos de existência e faz parte da história de vida de milhares de brasileiros, devido a sua presença nos diversos estados brasileiros.

Dentre os 38 IFs criados pela Lei 11.892 de 28 de dezembro de 2008, temos a concepção do Instituto Federal de Minas Gerais, a partir da junção da Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, do Cefet de Ouro Preto, Cefet Bambuí e das Uneds de Formiga e Congonhas. Hoje o IFMG é composto por uma reitoria, um polo de inovação e 18 campi, sendo quatro deles *campi* avançados. Dessa forma, os campi são: Bambuí, Betim,

Congonhas, Formiga, Governador Valadares, Ibirité, Ouro Branco, Ouro Preto, Ribeirão das Neves, Sabará, Santa Luzia e São João Evangelista, e os *campi* avançados de Arcos, Conselheiro Lafaiete, Ipatinga, Piumhi, Itabirito e Ponte Nova, além do Polo de Inovação Formiga. As localizações dos diversos campi é possível verificar na Figura 1.

Figura 1 - O IFMG e suas unidades



Fonte: IFMG, 2023.

A missão do IFMG é "ofertar ensino, pesquisa e extensão de qualidade em diferentes níveis e modalidades, focando na formação cidadã e no desenvolvimento regional." (IFMG, 2022). Além do mais,

O IFMG tem o compromisso com a valorização do aprendizado através do desenvolvimento de habilidades e competências, e da geração de conhecimentos humanísticos, científicos e tecnológicos. Procura promover junto ao corpo discente amplo domínio das atividades intelectuais, culturais e práticas laborais, como instrumento de conquista da cidadania e de adaptação ao mercado de trabalho, preparando-os para agir com autonomia e responsabilidade. Para isso, desenvolve as bases tecnológicas em laboratórios de ensino e produção, enquanto também trabalha as bases instrumentais e científicas, na convivência diária e através de atividades de lazer, esportes, artísticas e culturais (IFMG, 2022).

A partir desse contexto, o IFMG oferta de forma gratuita mais de 40 cursos na modalidade de ensino médio integrado e subsequente, e também mais de 30 cursos na modalidade de ensino superior, além dos cursos de pós-graduação e formação inicial continuada - FIC.

## CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA ORAL E AS MEMÓRIAS

Esta seção traz a discussão de conceitos acerca da História oral, além de trazer a história oral como metodologia de pesquisa aplicada ao campo da Educação, por meio da elaboração de um projeto norteador. Também serão abordados alguns gêneros de história oral e como devem ser conduzidas as entrevistas nesta modalidade.

Também discutimos os conceitos de memórias e a compreensão da memória institucional a partir da definição de memória e instituição. A seção finalizada apresenta como as memórias podem construir a identidade da pessoa e até mesmo da instituição.

### 2.1 A História Oral

A história oral será adotada como metodologia de pesquisa mais adequada a este estudo, a partir das memórias dos servidores de uma instituição escolar. Para tanto, precisa-se conceituar o que é a história oral e como ela se desenvolveu como campo de conhecimento.

Para Meihy (2005) o conceito de história oral é complexo, dinâmico e criativo, que com o decorrer do tempo sofre influência tanto da modernidade quanto das tecnologias, que são ferramentas essenciais e que auxiliam neste processo por meio da utilização de aparelhos eletrônicos. Seguindo essa linha raciocínio, não seria possível estabelecer um conceito fechado sobre a história oral, assim este autor apresenta cinco aspectos diferentes sobre o conceito de história oral:

1. História oral é uma prática de apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato.
2. A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Tais documentos, contudo, podem ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural.
3. História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a ser entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para uso; arquivamento e; sempre que possível, publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.
4. História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos.
5. História oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vestidos o oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas ( Meihy, 2005 , p. 17-18).

Para Portelli (2001, p.10), a história oral “é uma forma específica de discurso, a história evoca uma narrativa do passado; o oral indica um meio de expressão”. Uma forma de abordar o conceito da história oral é destacar a relevância das fontes orais para a construção do conhecimento histórico. As fontes orais são “narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre o historiador e narrador” (Portelli, 2016, p. 9). É através dessas fontes orais que se obtém informações valiosas referente aos fatos históricos que serão investigados.

As fontes orais surgem da interação entre o entrevistador e o entrevistado por meio da entrevista, em que elas “contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa o que fez” (Portelli, 2001, p. 31). E nessa perspectiva sobre o que as fontes orais nos fornece por meio das entrevistas, temos que a história oral “não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores” (Portelli, 2016, p. 12). Dessa forma, a história oral por meio de suas fontes orais, irão nos fornecer narrativas não apenas sobre um fato histórico consolidado, mas sobre as variáveis que envolveram este fato, desde percepções, sentimentos, influências nas rotinas de vidas de pessoas muitas vezes desconhecidas e que estão por trás da história oficial.

Já Delgado (2017), destaca que por meio da história oral gera-se conhecimento histórico, que utiliza da memória como sua principal fonte e os tempos que envolvem a narrativa a ser gerada. Assim, temos que a história oral:

Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento foi produzido o tempo passado, e sobre a época no qual o depoimento foi produzido no tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades (Delgado, 2017, p. 15).

Diante de tantos conceitos sobre história oral, nesta pesquisa entende-se que ela é um processo sistêmico que deve ser iniciado a partir da elaboração de um projeto, em que as narrativas serão captadas por meio de entrevistas gravadas, e que depois serão transcritas e transformadas em documentos, em que serão realizadas análises, conforme o objetivo do projeto. Os projetos de história oral, tem uma relação com a memória e a história, Meihy e Seawright (2020, p. 34), afirmam que:

Todo projeto de história oral baseado na expressão da memória se caracteriza por admitir flexibilidade e superação do mecanismo, condição que confere sentido ao que se reconhece por ‘história viva’ ou história feita no tempo vivo da memória.

Assim, a história oral “recorre a memória como fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida.” (Delgado, 2017, p. 15). A memória carrega muitas variáveis relacionadas ao indivíduo, ao tempo e ao esquecimento, e é um elemento fundamental para construção da história.

Na condução de entrevistas de história oral, é crucial reconhecer que a memória é dinâmica e forja mudanças, e que “estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar formas às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico” (Portelli, 1997, p. 33). Essas variações ocorrem devido ao fato dos narradores buscarem dar sentidos a esses fatos, e ao ser entrevistado esses fatos são colocados em um contexto histórico. Essas ocultações, modificações também estão ligadas ao fato que os narradores podem ter mudado a sua maneira de pensar, devido a alteração de cenários pessoais, políticos e ideológicos. As ocultações também são objeto de análise na história oral, se há ou não a intencionalidade de esconder alguma informação pode revelar algo sobre a informação omitida (Portelli, 1997).

Uma das características da história oral é que ela se baseia nas narrativas de pessoas que vivenciaram determinados acontecimentos, isso significa que as fontes orais são construídas a partir das memórias e das interpretações dos sujeitos no presente. A subjetividade faz parte do método de história oral e deve ser levada em conta na análise dos depoimentos, como destaca Portelli (1996, p. 3-4):

Por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.

Uma forma de lidar com as dificuldades envolvidas na aplicação da história oral é através da construção de um projeto, que abrangerá todo o planejamento da pesquisa, além do estabelecimento de uma metodologia científica para dar credibilidade aos resultados obtidos. Uma perspectiva a ser levada em consideração é que “em história oral, não se busca exatidões, verdades históricas, dados incontestáveis. Pelo contrário, interessa a versão dada pela relação da fala do enunciado narrativo” (Meihy; Seawright, 2020, p. 22). Devido a essa característica da história oral, a entrevista face a face é tão importante para o andamento do projeto.

Para uma coleta de dados por meio de entrevistas ricas em detalhes faz-se necessário a criação de uma relação de confiança entre o entrevistador e o entrevistado. Isto só é possível respeitando o entrevistado e deixando ele concluir sua narrativa, sem que o entrevistador fique interrompendo ou interferindo nas falas. Nesse sentido, Portelli (2016) aponta que a história oral é a arte da escuta, em que o entrevistador tem que saber ouvir o entrevistado, e não interromper a narração, mesmo que ela se desvie do objetivo do projeto. Para construir esse diálogo, temos que cultivar o respeito, e considerar um conjunto de relações, que Portelli (2016, p. 12) aponta com o objetivo de se obter êxito na pesquisa realizada:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores ( diálogos);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e privada, entre autobiografia e história - entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.

Essas relações que envolvem a história oral irão definir o sucesso na coleta de dados por meio das entrevistas. É por meio do respeito, do saber escutar, de encontrar pontos em comuns e diferenças significativas, que fará com que o diálogo flua na hora da entrevista, gerando assim narrativas ricas de informações. Vale destacar que a memória é subjetiva e que constantemente elabora e constrói significados sobre eventos que ocorreram no passado, no presente. E ao passar do oral para escrito o entrevistador tem que ter o cuidado de não apagar os traços que caracterizam o entrevistado (Portelli, 2016).

Outra questão que Portelli (2001) salienta é que o produto gerado pela história oral está relacionado não só com o que os entrevistados dizem para o entrevistador, mas também como este interfere neste processo, por meio de sua presença e apresentação das narrativas.

### ***2.1.1 Gêneros de trabalho em história oral***

Os gêneros de trabalho em história oral estão vinculados aos enfoques que serão abordados nas entrevistas e como elas serão conduzidas para alcançar o objeto que envolve o projeto. Para Meihy e Seawright (2020), existem quatro gêneros narrativos de História oral, sendo eles: História oral de vida, História oral temática, História oral testemunhal e Tradição oral. Cada um desses gêneros possui particularidades e maneiras diferentes de serem conduzidos e aplicados, mas o que os gêneros de história oral têm em comum é a utilização da memória e da narrativa como o seu objeto central, para “a reconstituição de épocas e

acontecimentos que tiveram importância para a vida de comunidades, instituições e movimentos aos quais os depoentes tiveram ou ainda estão vinculados” (Delgado, 2017, p. 20).

A história oral de vida “ versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas. Trata de um tipo de narração com começo, meio e fim, em que os momentos extremos - origem e atualidade - tendem a ganhar lógica explicativa” (Meihsy; Ribeiro, 2011 p. 82). Segundo Delgado (2017, p. 20), a história oral de vida:

Constitui-se por depoimentos aprofundados, e, normalmente, mais prolongados, orientados por roteiros abertos, semiestruturados ou estruturados, que objetivam reconstituir, através do diálogo do entrevistador com o entrevistado, a trajetória de vida de determinado sujeito (anônimo ou público), desde a sua tenra infância até os dias presentes.

Essa autora ressalta como a história de vida é um recurso valioso para recriar contextos, em que “as histórias de vida são fontes primorosas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas” (Delgado, 2017, p. 20).

A história oral temática pode estar vinculada a um projeto de pesquisa de dissertação de mestrado, em que as entrevistas “fornecerão elementos, informações, versões e interpretações sobre temas específicos abordados pelas pesquisas” (Delgado, 2017, p. 22). Para Meihsy e Seawright (2020, p. 69) “a história oral temática tem sempre um assunto central a ser focalizado e trabalha com versões interpretativas organizadas por redes de colaboradores”. A partir dessas definições, a história oral temática consiste em coletar e comparar diferentes perspectivas sobre um tema específico, permitindo realizar análises críticas e contrastar as divergências entre os relatos.

O fundamento da História oral temática, contudo, não é a versão da pessoa sobre a sua própria experiência, e sim a respeito de um conjunto factual previamente apontado. Pois isso a história oral temática admite o uso de roteiros e questionários - indutivos ou dedutivos, abertos ou fechados - e, além disso, esses guias tornam-se peças fundamentais para aquisição dos detalhes procurados (Meihsy; Seawright, 2020, p. 72).

Na história oral temática é definido um assunto específico a ser estudado por meio de narrativas de pessoas que participaram de alguma maneira de determinado evento, em que sua história de vida e experiências vão ganhando relevância para o projeto a partir do momento que cruza com a temática estudada. Devido a suas particularidades, “a história oral temática é, quase sempre, usada como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos” (Meihsy; Ribeiro, 2011, p. 88).

Já a história testemunhal é um gênero narrativo que combina aspectos da história oral de vida e história oral temática. E tem como característica narrativas sobre experiências traumáticas e dramáticas. Esse gênero de história oral pode vir a gerar políticas públicas, como forma de reparação dos acontecimentos passados (Meihy; Ribeiro, 2011). Este gênero:

Preside algo de moral nos projetos de história oral testemunhal, porque, esse tipo de elaboração, estabelecem-se compromissos com o reconhecimento de atrocidades que se dirigem à superação de problemas graves e variados; cuida-se, então, de formular postulados denunciadores de procedimentos acumulados contra desfavorecidos, minorias e questões naturalizadas na vida cotidiana. O vínculo político com propostas ativistas é inerente aos projetos de história oral testemunhal (Meihy; Seawright, 2020, p. 76).

Fazem parte do rol de entrevistas de história oral testemunhal aquelas pessoas ou grupo de pessoas que sofreram com torturas, agressões, exílios, ataques, exclusão, entre outros. Cicatrizes e memórias que ultrapassam a individualidade e impactam relações sociais de modo a justificarem o caráter de dever social de reparação (Meihy; Ribeiro, 2011).

A Tradição oral é um gênero da história oral que acaba sendo menos aceita pelo meio acadêmico, conforme destaca Meihy e Ribeiro (2011 p. 91), visto que trabalha “com a transcendência do tempo e admite interferência dos mitos e demais valores de explicação não racional”. A tradição oral está muito voltada para a cultura, crença e tradições de um povo, que vão sendo passadas de geração em geração. Este gênero envolve narrativas relacionadas “a origem dos povos, as crenças referentes às razões vitais de grupo e ao sentido da existência humana enquanto experiência que imita a vida; o destino de deuses, semideuses, heróis e personagens malditos e históricos, e experiências negativas, pragas, abalos sísmicos ...” (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 92).

O objetivo deste trabalho é utilizar a história oral temática como metodologia de pesquisa para analisar as vivências e as lembranças dos servidores do IFMG campus Congonhas.

### ***2.1.2 História oral como metodologia de pesquisa qualitativa***

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em coletar, registrar e analisar os relatos de pessoas que vivenciaram ou testemunharam determinados fatos, eventos ou processos históricos. Essa abordagem permite valorizar as experiências individuais e coletivas, bem como as diferentes perspectivas e interpretações sobre o passado, além de contribuir para a preservação da memória e da identidade de instituições e pessoas.

A definição do projeto de história oral é uma etapa fundamental na pesquisa, pois ele é “ato fundador de pesquisas organizadas a fim de se tornarem factíveis as investidas sobre a memória de expressão oral” (Meihs; Seawright, 2020, p. 31), neste sentido:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim o registro de depoimento sobre essa história vivida (Delgado, 2017, p. 15).

Um estudo que emprega a história oral como metodologia, requer algumas etapas estabelecidas para guiar o desenvolvimento pelo pesquisador, sendo elas: definição do projeto de pesquisa, preparação da pesquisa, preparação de roteiros, realização da entrevista, processamento e análise das entrevistas que será dividida em 3 etapas: transcrição; conferência de fidelidade e análise das entrevistas (Delgado, 2017).

Alguns cuidados com o processo que envolve o projeto de história oral, devem ser tomados para resguardar tanto o entrevistado como o entrevistador, como: guardar as autorizações de publicação, aprovação das transcrições, não usar o material obtido para prejudicar quem concedeu a entrevista, cumprir os acordos verbais, etc (Portelli, 1997). Outra questão de atenção está relacionada ao processo de análises, interpretações e conclusões do material coletado nas entrevistas de História Oral, no qual não se pode manipular e nem deturpar os depoimentos, mesmo que os resultados obtidos não correspondam às expectativas e objetivos iniciais do projeto.

### ***2.1.3 A entrevista em História Oral***

Uma das etapas mais relevantes do projeto de pesquisa em história oral é a realização das entrevistas, pois a partir delas que serão coletadas as narrativas dos sujeitos, que serão objeto de análises e interpretação de acordo com os objetivos do projeto. São por meio das entrevistas que “registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje” (Delgado, 2017, p. 17).

As entrevistas evocam sentimentos e o entrevistador precisa estar atento e saber respeitá-los, dando tempo ao entrevistado de se recuperar da emoção sozinho. Portelli (2001, p. 12) ressalta que a realização de entrevistas “realça a autoridade e a autoconsciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente”. E Thompson (1998, p. 271) complementa:

Uma entrevista é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorrer. Por baixo tudo está uma ideia de cooperação, confiança e respeito mútuos.

Assim, as entrevistas em história oral evocam lembranças e sentimentos durante a sua realização, que podem culminar em sentimentos, positivos ou negativos. Por um lado, a entrevista pode ser uma oportunidade de lembrar bons momentos. Por outro lado, a entrevista pode trazer à tona experiências traumáticas, conflitos, angústias e frustrações, que podem causar desconforto e sofrimento ao entrevistado. Nesse sentido, o pesquisador deve estar atento e preparado para lidar com as emoções que emergem na entrevista, buscando estabelecer uma relação de confiança, empatia e respeito com o entrevistado.

O entrevistador tem um papel fundamental na realização de um projeto de história oral, pois é ele quem conduzirá a conversa com o entrevistado e registrará seus depoimentos. Para isso, é preciso que o entrevistador tenha algumas competências, Delgado (2017) aponta que o entrevistador deve saber respeitar as condições físicas, emocionais, idade, origem social e de disponibilidade do entrevistado, bem como sua personalidade, além de ter domínio do assunto que será investigado, para gerar um sentimento de confiança no entrevistado. Com relação a postura na hora da entrevista, o entrevistador tem que saber ouvir e manter-se neutro nas situações narradas, não demonstrando que concorda ou discorda do entrevistado e nem se mostrando espantado. Outro aspecto a ser considerado ao se realizar a entrevista é a flexibilidade para alteração nos roteiros de perguntas, de acordo com o andamento das mesmas.

Nesse sentido, Paul Thompson complementa as qualidades que considera essenciais em um bom entrevistador que são: “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar” (Thompson, 1998, p. 254).

Ao adotar o método de entrevistas em história oral, o entrevistador tem que estar preparado para ouvir atentamente o entrevistado, além de dar o espaço necessário para as emoções que podem surgir ao se rememorar determinados fatos de sua vida, pois as “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classe não hegemônicas” (Portelli, 2001, p. 31).

Para Meihy e Seawright (2020), o processo de realização das entrevistas envolve 3 fases distintas, que são: a pré-entrevista, a entrevista propriamente dita e os tratamentos pós-entrevista. A pré-entrevista consiste na escolha e preparo do(s) equipamento(s) a serem utilizados. Esses equipamentos também devem ser testados para não comprometer o processo de entrevista. Também faz parte desta etapa o agendamento da entrevista como escolha do local e horário, e também uma apresentação sucinta do projeto. Cada entrevista é única e deve ser planejada, considerando as particularidades de cada sujeito, além de buscar conhecimentos prévios sobre o participante da pesquisa.

Uma maneira de começar os trabalhos, pode ser por meio de entrevistas exploratórias, que tem como objetivo a coleta de informações e reconhecimento do campo a ser pesquisado. O objetivo neste momento não é esgotar o assunto, mas sim adquirir um certo conhecimento prévio. É provável que na entrevista, o entrevistador consiga extrair mais informações relevantes sobre o assunto e aprender com o entrevistado, que deve possuir mais informações que o entrevistador (Thompson, 1998).

Antes da entrevista é essencial que haja todo um cuidado na preparação das perguntas a serem realizadas, Thompson (1998) reforça que fazer as perguntas da melhor maneira possível é de suma importância para todas as entrevistas e que ao se elaborar as perguntas, é necessário tomar cuidados para não sugerir uma resposta, além de evitar perguntas que induzam os entrevistados a pensar da maneira que o entrevistador pensa.

Há alguns princípios básicos para a elaboração de perguntas, que se aplicam a todo tipo de entrevista. As perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido - em geral, apenas uma de suas metades será respondida e, em geral, não ficará claro qual delas (Thompson, 1998, p. 260).

As perguntas elaboradas fazem parte do roteiro de entrevistas, este roteiro “é essencialmente um mapa para o entrevistador pode-se recorrer a ele ocasionalmente, mas o melhor é tê-lo na cabeça, de modo que se possa percorrer o território com segurança.” (Thompson, 1998, p. 263). O roteiro irá direcionar as entrevistas, mas o mesmo não precisa ser rígido ou seguido à risca. Durante o processo de entrevista outras questões poderão surgir e perguntas poderão ser respondidas sem que o entrevistador tenha passado por elas.

A próxima fase do processo é a entrevista, que depende do planejamento feito na pré-entrevista, conforme salienta Meihy e Seawright (2020). Ao realizar as entrevistas, encontramos diversidade nas personalidades dos participantes: uns são mais falantes e com poucas perguntas/estímulos consegue-se informações relevantes, outros são tímidos e

precisam de mais estímulos para fornecer informações. O entrevistador deve estar preparado para ambas as situações.

A entrevista deve ser feita em local que o entrevistado se sinta à vontade e de preferência somente com a presença do informante, pois dessa maneira haverá privacidade, o que pode favorecer o sentimento de confiança, ao se gerar as trocas de informações por meio da narrativa.

O tratamento pós-entrevista consiste na passagem do oral para o escrito, em que as gravações de áudio ou áudio e vídeo, serão transcritas. A transcrição é uma fase considerada trabalhosa e de natureza técnica, e “é uma das fases de grande importância à construção e à análise da documentação escrita” (Meihs; Ribeiro, 2011, p. 107). A transcrição acaba gerando modificações e interpretações quando é realizada a transformação do oral para o escrito, afirma Portelli (1997).

Já Meihs e Ribeiro, (2011) destacam que a transcrição é um texto, em que os elementos externos são nele introduzidos, com o intuito de reconstituir o ambiente em que a entrevista foi realizada, bem como as sensações e emoções provocadas no encontro. Assim, a transcrição “será a primeira versão escrita dos depoimentos, buscando reproduzir, com fidelidade, tudo que foi dito, sem cortes nem acréscimos. (...) Deve-se também atentar para a pontuação, procurando-se assim não alterar o sentido das palavras e das frases” (Delgado, 2017, p. 28).

Neste processo é necessário o uso de pontuações específicas para que a transcrição fique compreensível ao leitor, pois “a pontuação indica pausas distribuídas de acordo com as regras gramaticais: cada sinal tem um lugar convencional, significação e comprimento”. (Portelli, 1997, p. 28). O texto final gerado pela transcrição tem que ser validado pelo colaborador que forneceu a entrevista. Essa é a etapa final do processo da entrevista em história oral e de contato com o colaborador. O colaborador irá ler o texto produzido e poderá solicitar alterações relacionadas a erros ou má interpretação. Para Meihs e Ribeiro (2011, p. 111) “validar uma narrativa é ato de respeito e atitude de maturidade de oralistas”.

Uma forma de facilitar a análise das entrevistas é seguir as fases propostas por Delgado (2017, p. 29), que consistem na:

- análise temática de seus conteúdos, destacando-se temas gerais;
- realização de nova análise das narrativas, de acordo com os temas destacados anteriormente, objetivando compreender com maior profundidade o conteúdo dos depoimentos, procurando inclusive entender sua especificidade;

- realizar o agrupamento de um conjunto de entrevistas no qual cada depoimento possa se constituir como unidade especial, e o conjunto deles possa ser cruzado, comparando-se as versões e as informações obtidas.

As análises são realizadas conforme o objetivo do projeto e com o intuito de captar os significados dos depoimentos transmitidos durante o processo de entrevistas. A partir da divisão por temáticas, é possível fazer uma análise qualitativa que busca entender as vivências dos entrevistados em relação aos contextos históricos específicos.

## 2.2 A Memória

A memória é um assunto tão intrigante que existem diversas literaturas e pesquisas com diferentes enfoques que abordam esse assunto. Os estudos podem estar voltados para descobrir como as informações são obtidas, como são gravadas e recuperadas, ou mesmo como se dá o processo de memorização no cérebro, e o porquê dos esquecimentos (Catarino; Pereira, 2004). As abordagens podem ser as mais variadas, tal como filosóficas, psicológicas e históricas, por exemplo. Neste estudo não serão abordados os aspectos fisiológicos ou psicológicos da formação da memória, mas sim as informações e conhecimentos acerca de determinado acontecimento.

Assim, devido às mais variadas concepções sobre a memória, pode-se afirmar que ela é dinâmica, seletiva, utiliza o passado como base e é fundamental para formação de identidades individuais e coletivas. Catarino e Pereira (2004, p. 176 grifo do autor) nos traz que “o termo *memória* refere-se a grande número de processos cuja função precípua é criar uma ponte que ligue o passado ao presente. Como os processos para memorização são diferentes, pode-se afirmar que não há *memória* mas *memórias*”.

De maneira bem simples Liblik (2016, p. 82) indica que “a memória pode ser entendida como uma construção feita no presente, a partir de vivências e experiências ocorridas num passado sobre o qual se deseja refletir e entender”. A autora ainda destaca que a memória pode sofrer influência tanto da subjetividade como da seletividade, além de ressaltar que a memória pode ser usada na construção de sentimentos de pertencimento a passados e experiências em comum, o que constitui identidades aos sujeitos que as compartilham, assim temos que “o pertencimento ocorre no interior de uma série de ações, experiências de vida e sociais compartilhadas” (Liblik, 2016, p. 87).

A memória, além de ligar o passado ao presente também está ligada à capacidade de armazenar informações, e por consequência à capacidade de manter vivo um pensamento. Le Goff (1990, p. 423) retrata “a memória como propriedade de conservar certas informações,

remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Mas a memória não pode ser reduzida apenas a armazenamento de informações “é graças à memória que podemos materializar e conservar a palavra falada, rediscutir o árduo, o obscuro, fazer florescer o real ou o imaginário”(Araújo, 2016, p. 5). A memória funciona como um filtro pelo qual seleciona-se o conteúdo que irá compor o testemunho, atribuindo significado e interpretação às experiências vividas anteriormente.

Margarida Neves (1998), relaciona o conceito de memória com algumas variáveis como o tempo, identidade e algumas características da própria memória que podem ser consideradas ao trabalhar com essa concepção:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (Neves, 1998, p. 218).

A partir desse contexto tem-se que “a memória atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo que inconsciente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados” (Delgado, 2009, p. 16-17). Assim, a memória desempenha um papel crucial na construção da história pessoal e coletiva, moldando identidades, transmitindo valores e perpetuando narrativas ao longo do tempo. É um fenômeno complexo e fundamental para a compreensão da cultura e da sociedade. E por ser um conceito multifacetado, pode-se adotar algumas perspectivas, considerando o foco da pesquisa em que o estudo da memória se faz presente. Delgado (2009, p.17) descreve essas perspectivas, como sendo:

- ordenação e releitura de vestígios (espontânea ou induzida), relacionada a comportamentos, mentalidades, valores;
- retenção de elementos inerentes a conhecimentos adquiridos;
- estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas;
- evocação do passado, através de reminiscências e lembranças;
- afirmação de identidades através do reconhecimento da pluralidade e da alteridade, que conformam a vida em fluxo contínuo;
- atualização do passado no eterno presente;
- retenção e manifestação, através do ato de lembrar de reminiscências vagas, telescópicas, profundas, transparentes, auto-censuradas, registradas, esquecidas, selecionadas;
- evocação de utopias, que libertam o homem, fazendo do passado suporte para reconstrução do próprio presente e para construção do futuro;
- manifestação de identidades – não unívocas, mas plurais, múltiplas e sempre atualizadas.
- reconhecimento, ou mesmo superação de traumas marcados pela ausência de raízes;
- reconhecimento de espaços perdidos ou reencontrados (Delgado, 2009, p. 17).

Nos estudos sobre as memórias é comum a associação do conceito de memória com o conceito de história, o que acaba sendo equivocado, pois existem diferenças entre esses conceitos. Nora (2012), faz essa distinção, levantando em consideração as particularidades de cada uma dessas áreas:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é sempre um fenômeno atual, um ele vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções ( Nora, 2012, p. 9).

Desse modo, a história e a memória carregam diferenças, mas o que esses dois conceitos têm em comum é a concepção de identidades a partir do emprego do passado como base, e de serem um antídoto para o esquecimento (Delgado, 2009). Uma forma de compreender as memórias é examinando-a a partir de alguns aspectos que influenciam diretamente na sua formação, como o fator tempo, o recordar, a seletividade e o esquecimento.

Delgado (2009, p. 10) afirma que “o tempo atua modificando ou reafirmando o significado do passado” e que ele:

é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inseridos à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações ( a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (Delgado, 2017, p. 33).

Outro aspecto que influencia a memória é o ato de recordar, que é naturalmente seletivo, conforme aponta Liblik (2016, p. 95) que “a rememoração e a verbalização do passado constituem-se como um processo amplo e intencionalmente seletivo por parte do depoente”. Para Scarpim e Trevisan (2018, p. 225):

No processo de rememorar o passado, os ritos de recordação, particularmente os comemorativos, desempenham papéis fundamentais na constituição do eu, da identidade, da subjetividade e de um sentimento de coerência da pessoa.

Esses autores salientam que o recordar está relacionado à identidade e ao sentimento de pertencimento, em que “o núcleo primário de formação da pertença e também de rememoração do passado é estabelecido na família (idem, ibidem).

Os ritos são uma forma de lembrar e reforçar o sentimento de pertencimento das pessoas, principalmente na memória coletiva em que as memórias são compartilhadas. Alguns desses ritos podem ser “as festas familiares, os ritos de passagem, a narração de histórias, a transmissão de saberes culinários, a posse de fotografias ou de objetos antigos, entre outros elementos, que são condições necessárias para a criação de um sentimento de pertença” (Scarpim; Trevisan, 2018, p. 225). Neste contexto, os cheiros e lugares também podem evocar lembranças, isto quer dizer que existem diferentes formas de se criar um elo de ligação entre o passado e o presente que instiga a memória e evoca recordações de experiências vividas.

O ato lembrar, conforme mencionado por Paul Thompson citado por Delgado (2009, p. 15), consegue ativar diversos sentimentos, pensamentos e reflexões nas pessoas, como:

- reacender e reviver utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou suas vidas individuais ou comunitárias;
- reconstruir a atmosfera de outros tempos, lembrando hábitos, valores, e práticas da vida cotidiana;
- reacender emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais;
- lembrar convivências mútuas que se constituíram na dinâmica da História;
- representar e reativar correntes de pensamento;
- reviver embates políticos e ideológicos;
- reconstituir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismos, de lutas.

O ato de lembrar pode ser uma boa experiência quando se tem boas recordações sobre o passado, ou pode ser uma situação frustrante e triste dependendo do que se viveu.

A memória humana está sujeita a sofrer interferências, esquecimentos e distorções. Além disso, a forma como lembramos das coisas podem ser moldadas por emoções, percepções e experiências vividas após o fato lembrado. Apesar de suas limitações, a memória é uma ferramenta crucial para nossa aprendizagem, adaptação e construção de identidade pessoal e coletiva. Pollak (1992, p. 201) destaca que “a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Porém, na visão de Maurice Halbwachs, conforme destaca Pollak, “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”(Idem, *ibidem*).

A memória é carregada de características individuais e coletivas. Para Halbwachs (1990, p. 51) “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. A memória coletiva, conforme definida por Halbwachs (1990), refere-se à maneira como os

grupos sociais se constroem, criando e preservando suas lembranças do passado. Ele argumentou que a memória não é apenas um fenômeno individual, mas também é influenciada e moldada pelos laços sociais e pelas felicidades com os outros membros de um grupo social. Assim, o contexto social deve ser levado em conta no processo de reconstrução da memória, uma vez que “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos “(Halbwachs, 1990, p. 30). E isso só acontece porque jamais estamos sós.

Para Le Goff (1990) a memória coletiva é um instrumento de poder que nos permite entender as manifestações das memórias sociais, na luta pelas lembranças e recordações. Assim temos que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento ”( Le Goff, 1990, p. 426).

A memória coletiva é um conceito essencial para compreensão da memória institucional e seu significado para os servidores docentes e TAE do IFMG campus Congonhas. A memória institucional se expressa a partir da memória do grupo, que reflete as experiências, valores e identidades dos seus membros.

### **2.2.1 Memória X Identidade**

O Sociólogo Claude Dubar, em sua obra: A socialização construção das identidades sociais e profissionais, define a identidade como:

o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições (Dubar,2005, p.136).

Este mesmo autor ressalta que a identidade é influenciada pela socialização, pelo emprego e pela formação, além de ser dinâmica “A identidade nunca é dada, ela é sempre construída e deverá ser (re)construída” (Dubar, 2005, p.135), ou seja a identidade é construída ao longo da vida e pode sofrer alterações e possui diversas dimensões (profissional, social, gênero, etc). Pode-se verificar também que a socialização tem um papel fundamental na construção das identidades, pois através da interação entre pessoas, instituições e contextos sociais, as pessoas buscam se sentir pertencentes àquele grupo.

A socialização é, enfim, um processo de identificação, de construção de Identidade, ou seja, de pertencimento e de relação. Socializar-se é assumir seu pertencimento a grupos (de pertencimento ou de referência), ou seja, assumir pessoalmente suas

atitudes, a ponto de elas guiarem ampla mente sua conduta sem que a própria pessoa se dê conta disso (Dubar 2005, p.24).

Outro elemento que tem um papel fundamental na construção de identidade é a memória, seja ela memória coletiva ou individual. O que vale destacar é que a identidade molda o que lembramos e como lembramos. Delgado (2017, p. 37) enfatiza que:

A memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo do autorreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família.

Michael Pollak (1992, p. 204, grifo do original), destaca que:

Podemos portanto dizer que a *memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

E independente das experiências o “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos” (Lowenthal, 2012, p. 83).

Cabe ressaltar que:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (Bobbio, 1997 *apud* Delgado, 2009, p. 16).

Para Pollak (1992), a relação entre memória e identidade se intensifica ao utilizarmos a história oral como método de entrevista. Ou seja, a história oral ao gerar narrativas históricas contribui para construção/reconstrução de identidades, quando registra as várias visões sobre um fato e evita o esquecimento do mesmo, além de gerar difusão de tradições e herança identitária. (Delgado, 2017).

### **2.2.2 Memória Institucional**

Uma forma de compreender o conceito de memória institucional primeiro é necessário conceituar a memória e a instituição. Costa (1997) argumenta em sua pesquisa, que ao se realizar o estudo do fenômeno da memória no contexto institucional, é necessário entender primeiro o que vem a ser uma instituição.

A partir dessa premissa, define-se instituição como aquela que “guarda a idéia comum de algo que não estava dado e que é criado, posto, organizado, constituído pelo

homem” (Saviani, 2008, p. 28). Esse autor ainda complementa que “a instituição se apresenta como uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente” (Idem, *Ibidem*). Nesse sentido tem-se que as instituições são criadas com propósito de atender a uma demanda permanente da sociedade e que com tempo vai sendo modificada, não é algo pronto e acabado, conforme ressalta Saviani (2008). Nessa direção Gonçalves Neto e Carvalho (2020, p. 54), reforçam o caráter permanente das instituições, em que:

As instituições, como o próprio termo indica, referem-se ao que é instituído, algo considerado fundamental para a estabilidade e continuidade de uma organização social. Não se referem a entidades episódicas ou de caráter secundário ou suplementar, mas àquelas que realmente asseguram os elementos centrais, os pilares de uma sociedade. E essas instituições espalham-se pelas diferentes áreas que compõem o tecido social, como política, economia, cultura, saúde e, importante para o nosso caso, educação, entre outras.

Sobre o caráter social das instituições Werle (2004, p. 111) destaca algumas características que nos instiga ainda mais a estudá-las:

As instituições são lugares de ação social e, como tal, marcadas pelo tempo, espaços e pessoas, são formas sociais dotadas de organização jurídica e material, cujo estudo envolve a análise de suas origens, gênese, estabilidade, rupturas e processos de formação. Elas são o espaço real, tanto objetivo como subjetivo, no qual vivenciamos relações, valores, normas, poder, experiências de lideranças, rivalidades, conflitos e competição.

Para Magalhães (2004, p. 63) “a noção de instituição corresponde a uma memória, a um historicismo, um processo histórico, uma tradição, em permanente atualização”. Esse mesmo autor afirma que as histórias das instituições “tomam por referência as memórias, o arquivo, a historiografia, visando a uma narrativa coerente que confira uma identidade histórica articulando materialidade, representação, apropriação” (Magalhães, 2004, p. 70). A partir dessa linha de raciocínio é possível inferir que as instituições são organismos vivos e que há toda uma justificativa para sua criação, bem como um conjunto de permanência e rupturas que fazem parte de sua história, que criam memórias e identidades em seu espaço. Desde a concepção da instituição escolar, as continuidades podem ser observadas, mas o seu desenvolvimento se dá pelas rupturas, de maneira que essas instituições vêm se modificando ao longo do tempo e a escola se transforma na principal forma de educação (Saviani, 2008).

Percebe-se que a memória é fundamental para a preservação da história das instituições escolares. Werle (2004, p. 110), faz um alerta sobre falta de preservação do passado das instituições:

Não é incomum encontrar instituições sem registros de seu passado, desprezando-o; com lapsos de documentação referentes a longos períodos ou nas quais uma ou outra

pessoa domina a documentação apropriando-se da memória institucional como se fosse proprietária do passado institucional do qual muitas vezes nem foi ator ativo.

Uma forma de construir e consolidar a identidade de uma instituição é preservar e divulgar a sua memória institucional, que reflete a sua história e os seus feitos ao longo do tempo. A memória institucional é registrada nos documentos que são produzidos em cada época e que revelam as ações e os valores da instituição. Esses documentos devem ser guardados e organizados para que possam ser consultados e utilizados como fontes de informação e conhecimento (Felipe; Pinho, 2008). Uma forma de preservar e disseminar a memória institucional é a partir da criação de acervos que podem se tornar um centro de memórias composto por uma série de documentos, objetos e fotografias.

São os documentos que garantem a segurança do registro da memória institucional, surgem para a contribuição na preservação das recordações. Porém, a memória institucional não é composta somente por documentos. O indivíduo que trabalhou na instituição e lhe serviu de alguma maneira, retém em si a memória institucional. Cada indivíduo possui o seu ponto de vista e se torna peça fundamental para a reconstrução da memória institucional. Essa visão dos indivíduos garante um olhar generoso sobre a história da instituição (Felipe; Pinho, 2018, p. 94).

Outra maneira de manter viva a memória institucional é por meio da valorização e reconhecimento das pessoas que integraram ou integram a instituição. Elas são testemunhas e protagonistas da história e do legado institucional. A partir de suas lembranças é possível reconstituir e relembrar a história da instituição, por meio de seus relatos, conforme afirma Costa (1997, p. 146) “nós somos e fazemos as instituições. E a memória institucional é o reflexo dessa trajetória, não como mimesis, mas um cristal com infinitas facetas”. Essa mesma autora ainda complementa que:

A memória institucional, tal como é vista nesta pesquisa, remete-nos a experiências híbridas, que incluem e excluem no social. Na perspectiva do tempo, seria o retorno reelaborado de tudo aquilo que contabilizamos na história como conquistas, legados acontecimentos, mas também vicissitudes, servidões, escuridão. E, mais importante ainda, por mais paradoxal que possa parecer, precisamos construir uma memória institucional no tempo presente, o único de que dispomos, já que o passado já passou, e o futuro está em nossas mãos (Costa, 1997, p. 147).

Em sua tese, Costa (1997) descreve um conceito de memória institucional de forma aberta, em que a memória no contexto das instituições, possui características próprias e a defini-la de maneira sistemática iria limitar a sua “esfera representativa” e limitaria o resgate das memórias das mais variadas instituições. A autora defende que a memória institucional é definida pela própria instituição, o que deve ser lembrado, bem como o que deve ser esquecido ou mesmo guardado, isto de acordo com a relevância para sua imagem. A memória institucional se manifesta de diversas formas, segundo Costa (1997, p. 152) e pode estar nas

“linhas e entrelinhas, nos discursos dos autores, entre os personagens conceituais que povoam a escrita, que ora interrompemos. Mas está, também, em cada indivíduo e em cada instituição, sendo construído e reconstruído a cada dia de nossas existências” .

As discussões sobre a memória institucional revelaram que este conceito é amplo e é determinado pela própria instituição, além de poder compreender um conjunto de registros, documentos, narrativas e símbolos que expressam a identidade, a cultura e os valores de uma instituição. A memória institucional contribui para o fortalecimento do senso de pertencimento e de identidade, além de valorizar a história das instituições. Felipe e Pinho (2018, p. 93), aponta que:

Por meio da memória institucional, se entra em contato com a história das práticas da instituição, do que foi instituído. Ao se fortalecer a identidade de uma instituição, essa tem a possibilidade de originar e gerar conhecimento. A partir da memória, se pode planejar as atividades futuras a fim de não perder sua identidade. Ao se gerar conhecimento, nos mais variados âmbitos da sociedade, as instituições geram regras de convivência.

Werle (2004, p. 114) reforça questões relacionadas à história e da memória das instituições:

As instituições têm a sua história/memória e a forma como esta é registrada e o que nela é enfatizado é compreendê-la. Esta história/memória institucional é variável no tempo, reescrita de quando em quando. Pode-se dizer que ela tem duas dimensões, uma oficial e outra idiossincrática. Conforme os agentes da instituição vão retomando esta história, vão retrabalhando-a, enfatizando determinados elementos, encobrando outros. A história/memória que as instituições mantêm de si mesmas é uma dimensão que, em grande parte das vezes, reforça os espaços objetivos da instituição, as continuidades, contando novamente o que anteriormente já vinha sendo referido, reproduzindo simplesmente o que outros no passado escreveram, embora retomando, periodicamente, tais escritos para acrescentamento de fatos recentes. Por vezes, esta memória pode tomar uma dimensão de exclusividade e posse.

Dessa forma, torna-se essencial estabelecer algum mecanismo de conservar a história e as memórias das instituições, por meio da organização de acervos documentais (fotografias, matérias de jornais, documentos, legislações, etc). Neste sentido Rueda, Freitas e Valls (2011, p. 82) destacam que “ao promover a preservação da Memória Institucional as instituições detêm a possibilidade de disseminá-la com a criação do seu próprio lugar de memória”. Esses lugares muitas vezes são centros de memórias que abrigam os acervos referente a história e a memória da instituição. Outra maneira de preservação é por meio das narrativas que podem ser registradas através da realização de entrevista em história oral. Werle (2004, p. 112) reforça que “ocupar-se da memória institucional é analisar e abordar relatos históricos para chegar à organização e a suas práticas”. Esse mesmo autor aponta que:

O cultivo da memória institucional implica rearticular relações, emoções vividos em um certo espaço numa perspectiva individual e grupal. Merece destaque a importância da base material ao ser mesclada com o real subjetivo que emerge em processos de preservação da memória. Recuperar a memória com referência à base material pode significar se recolocar naquele lugar e, a partir de fotos e imagens, revisitá-lo, pela recordação, os espaços subsequentes e contíguos ao fragmento presente na imagem, retomando afetos e acontecimentos que ali ocorreram, recuperando os fatos vividos sob a forma de narrativas (Werle, 2004, p. 113).

Os registros fotográficos são uma das formas mais simples de preservar a memória institucional, Felipe e Pinho (2018, p. 95) reforçam que "toda fotografia é objeto do passado, pois cada momento vivenciado não volta mais e, nesse sentido, mesmo que frequentemos um lugar várias vezes ao longo da vida, nenhuma visita será igual a outra". Esses mesmos autores complementam que:

é o conteúdo, a imagem congelada, uma cópia fiel que a torna mecanismo da memória individual, coletiva e social. A fotografia toca cada um à sua maneira, é objeto de construção social, mediação cultural e fonte histórica {...} Nesse sentido, as fotografias servem como documento para auxiliar na construção da memória institucional, juntamente com os outros documentos e com a participação dos membros que constituem a instituição (Felipe; Pinho, 2018, p. 96).

Diante do exposto, tem-se que a memória institucional é um elemento essencial para a compreensão da história, da cultura e da identidade das instituições e dos indivíduos. E que pode ser disseminada e preservada a partir da criação de lugares de memórias como acervo com documentos, registros fotográficos, de vídeos, narrativas, dentre outras possibilidades, que poderão contribuir para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento à instituição.

### CAPÍTULO 3: PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo irá detalhar os métodos e instrumentos utilizados para realização desta pesquisa, que visa investigar como a história do IFMG campus Congonhas pode contribuir para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento de seus servidores. Assim, ao se planejar uma pesquisa em instituições escolares é fundamental definir as metodologias adequadas que irão subsidiar o desenvolvimento do trabalho. Neste sentido, Nosella e Buffa (2008) apresenta três aspectos a serem considerados para pesquisar as instituições escolares, sendo eles: a escolha do objeto, as fontes e os procedimentos e por último a narrativa.

O primeiro aspecto está relacionado à escolha do objeto de estudo, que envolve a especificação da instituição escolar que será objeto de análise. A escolha geralmente se dá por interesse pessoal do pesquisador e a relevância social da instituição envolvida. Além disso, é relevante considerar a disponibilidade das fontes de pesquisas e quais delas serão usadas para contribuir nas diferentes abordagens do problema. Além do levantamento bibliográfico é necessário ir a campo em busca de acervos como documentos da própria escola, livros, revistas, jornais da época, produção de fontes a partir de entrevistas e ou questionários com os atores da história local.

Com relação aos procedimentos e a narrativa, Nosella e Buffa (2008) ressaltam a importância de estudar e visitar a instituição antes de montar o projeto, e ainda comunicar-se com a direção e assumir o compromisso de entregar um relatório da pesquisa realizada. Em relação ao projeto é necessário elaborar um referencial teórico-metodológico e definir os procedimentos de análise de dados para que se realize uma análise crítica dos dados gerados. Não basta apenas apresentar os dados é preciso interpretá-los e contextualizá-los de forma rigorosa e objetiva. Depois de reunidas todas as informações, tem-se a redação do relatório final e a divulgação. Estreitar os laços com a instituição facilitará o acesso às informações e o compromisso de entrega de um relatório da pesquisa irá demonstrar engajamento do pesquisador com o estudo.

Gatti Júnior (2007, p. 186) estabelece algumas categorias de pesquisa a serem consideradas na realização de estudos sobre as instituições escolares, conforme destacadas abaixo:

1. Origem, criação, construção e instalação;
2. Prédio (projeto, implantação, estilo e organização do espaço);

3. Mestres e funcionários (perfil);
4. Clientela (alunos, ex-alunos);
5. Saber (conteúdos escolares);
7. Evolução;
8. Vida (cultura escolar: prédio, alunos, professores e administradores, normas).

Para atingir o objetivo desta pesquisa de investigar a História do IFMG campus Congonhas, as seguintes categorias foram adotadas: origem, criação, construção e instalação do campus, a partir de narrativas obtidas por meio da história oral dos seus servidores docentes e técnicos administrativos. A análise dos dados coletados foi realizada segundo a análise de conteúdo de Bardin (2016) e as interpretações por meio de inferências. No decorrer da pesquisa, ficará evidente a cultura escolar e os espaços de memória da instituição e para isso, a metodologia adotada e os instrumentos de pesquisa serão detalhados a seguir.

### **3.1 Caracterização da pesquisa**

O objetivo deste estudo foi realizar um assunto que ainda não foi suficientemente abordado na literatura científica - a História do IFMG campus Congonhas. Para isso, foi adotado uma abordagem exploratória, com o objetivo identificar de que maneira essa história pode vir a contribuir para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos servidores dessa instituição escolar. Este tipo de pesquisa requer uma familiaridade com o problema, deixando-o explícito, além do envolvimento de pesquisa bibliográfica e entrevistas com pessoas que tiveram contato com o problema da pesquisa (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010).

A pesquisa foi do tipo aplicada, pois “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e conseqüências práticas dos conhecimentos” (Gil, 2008, p. 27). Para isso, foi conduzido um processo de entrevistas em história oral e a partir dos dados coletados foi desenvolvido, aplicado e validado a exposição “Conhecer para pertencer: Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas” como produto educacional, com o intuito de estimular o desenvolvimento do senso de pertença e a identidade dos servidores do IFMG campus Congonhas, por intermédio da construção da História do campus.

A abordagem foi do tipo qualitativa, pois buscou-se compreender a história do IFMG campus Congonhas desde a sua origem, utilizando-se de narrativas de seus servidores, com o fim de construir o sentimento de pertencimento e a identidade dos mesmos. Por se tratar de uma pesquisa em que os relatos pessoais ganham destaque, a abordagem qualitativa se mostrou mais adequada para a sua realização. Destaca-se que:

As metodologias qualitativas, por romperem com as formas tradicionais de pesquisa, aproximaram os pesquisadores das pessoas, dos sujeitos, isto é, dos participantes das situações de aprendizagem (Demartini, 2006, p. 101).

Para realizar esta pesquisa as seguintes técnicas foram adotadas: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e história oral. A pesquisa documental é uma forma de obter dados para a pesquisa de maneira indireta. Fazem parte desse universo de pesquisa documentos do tipo livros, jornais, fotos, vídeos, documentos pessoais, entre outros. Seguindo esse princípio, destaca-se que “para fins de pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno” (Gil, 2008, p. 149). Dessa forma, diversos tipos de documentos foram utilizados, desde documentos elaborados pelo próprio IFMG até arquivos/registros dos próprios servidores.

A pesquisa documental apresenta uma gama de vantagens ao pesquisador em termos de quantidade e qualidade de dados. Destaca-se também a questão de baixo investimento, economia de tempo, além de não gerar constrangimentos com sujeitos e de oferecer um conhecimento do passado mais objetivo, livre de percepções dos respondentes, por exemplo (Gil, 2008). Para realizar um estudo da história de uma instituição escolar, recorre-se aos saberes do passado e aos documentos produzidos na época como fontes primárias de dados para a pesquisa.

A pesquisa bibliográfica foi uma etapa fundamental para esta pesquisa, e que teve como objetivo “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (Lakatos; Marconi, 2011, p. 71). Foi a partir da pesquisa bibliográfica, que utilizou-se de diversas fontes, como livros; artigos; teses; dissertações; periódicos; sites, em que foi realizado o levantamento das obras existentes sobre as instituições escolares, história da EPT, história oral e memória que deram embasamento teórico à pesquisa.

Outra técnica utilizada foi a história oral como metodologia de pesquisa, que consiste em entrevistar pessoas que vivenciaram ou testemunharam determinado fato. Para Thompson (2006, p. 20) a história oral é “uma abordagem ampla, é a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas”. Essa metodologia de investigação e de coleta de dados foi usada para obter narrativas referente às histórias e memórias do IFMG campus Congonhas, contadas pelos servidores que contribuíram para a construção da história desse campus.

Neste sentido, destacamos o potencial que a história oral tem como ferramenta de inclusão social. Fortalecer o senso de pertencimento e de autoria de cada um, somado à possibilidade de fazer-se “ouvir” é o grande sentido social que um projeto de memória pode adquirir. Além disto, produzir novas fontes para a compreensão dos processos históricos é fundamental para revisão das narrativas históricas em si. (Thompson, 2006, p. 204).

O instrumento de coleta de dados adotado foi a realização de entrevistas, e nesta técnica “o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social” (Gil, 2008, p. 109). Esta ferramenta de coleta de dados possui as seguintes vantagens:

- a) entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;
- b) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;
- c) os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação (Gil, 2008, p. 110).

As entrevistas foram do tipo semi-estruturada, seguindo um roteiro flexível, com perguntas pré-definidas, sendo que, no decorrer da entrevista, o entrevistador pode acrescentar novas indagações. Marconi e Lakatos (2015, p. 281), define que a entrevista semi-estruturada é “quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de explorar mais amplamente a questão”.

Diante do exposto, o uso das entrevistas foi o método mais adequado para a história oral, devido à proximidade com os participantes da pesquisa e de possibilitar o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao registrar as narrativas sobre as memórias dos servidores. As entrevistas em história oral podem ser classificadas em três categorias, conforme aponta, Marconi e Lakatos (2015, p. 129):

- A. tradicional - quando o conhecimento e/ou prática resultam da transmissão oral;
- B. biográfica - quando o indivíduo exerce papel importantes na vida da comunidade
- C. temática - quando a pessoa tem participação na sociedade.

Para coletar os relatos dos participantes, utilizamos a técnica de história oral temática nela “a entrevista tem caráter de depoimento, realizada por um grupo de pessoas sobre um assunto específico. Não abrange a totalidade da vida do informante” (Marconi; Lakatos, 2015, p. 129). A entrevista em história oral temática se justifica pela abordagem adotada nas entrevistas, sendo a história do IFMG campus Congonhas o foco do estudo, em que a história de vida dos participantes se misturavam com a história do campus, ganhando relevância na pesquisa.

Parte do material utilizado nesta pesquisa foi coletado a partir de uma outra frente de pesquisa: o projeto "IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras", coordenado pelo Professor Matheus Faleiros Silva, servidor do campus Congonhas. Utilizamos as pesquisas produzidas, dando-lhes tratamento à luz da pesquisa e das reflexões ora proposta.

Assim, serão adotadas as seguintes etapas para a realização deste projeto: levantamento bibliográfico, levantamento documental, realização das entrevistas semi-estruturadas na modalidade de história oral e análise dos dados obtidos.

Quadro 4 - Resumo da pesquisa

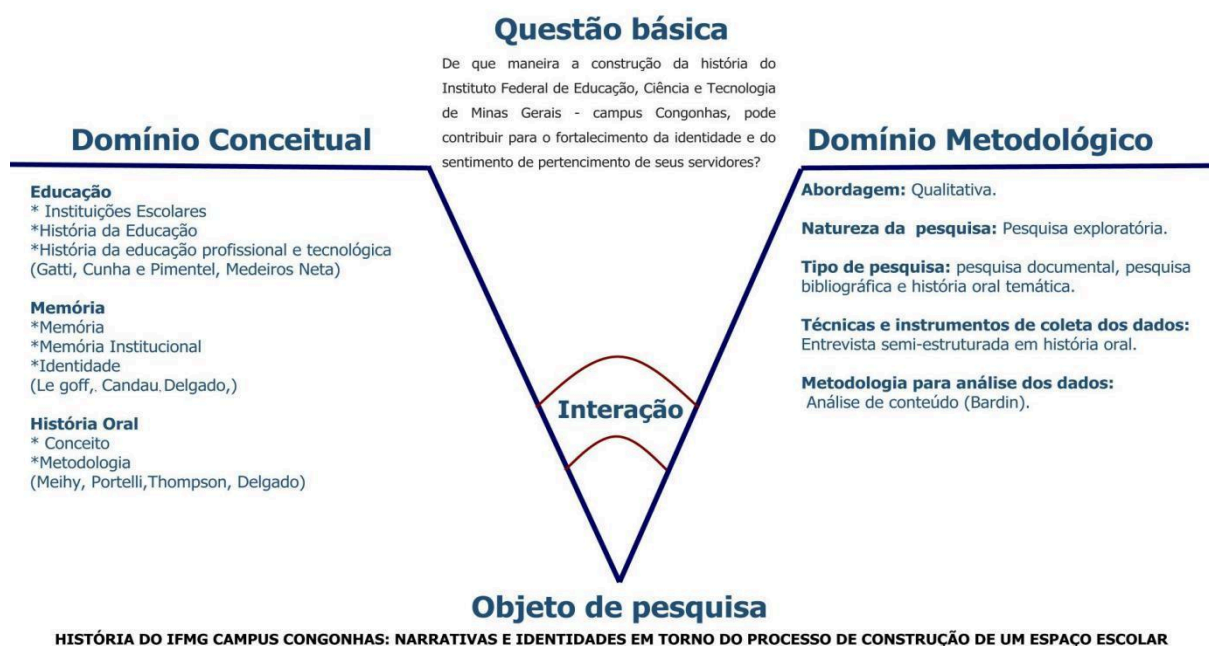
<b>Objetivos Geral</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Questões</b>	<b>Procedimento e Instrumentos Metodológicos</b>
Construir, por meio da história e memória do IFMG campus Congonhas, o sentimento de pertencimento daquele espaço educativo, para seus servidores.	Reconstituir a história de criação do IFMG campus Congonhas até os dias atuais;	Existe registros sobre a criação do IFMG campus Congonhas e de quando este campus era UNED do campus Ouro Preto? Os servidores conhecem a história do campus? Se sentem orgulhosos de fazerem parte dessa instituição? A rotatividade de servidores que ocorre no IFMG campus Congonhas será uma falta de identidade com o campus?	Pesquisa Documental;  Pesquisa Bibliográfica;  Entrevistas de História Oral;
	Rememorar histórias dos servidores no IFMG Campus Congonhas;	Existe nos servidores um sentimento de pertencimento que os fazem permanecer na instituição? O campus traz boas memórias/recordações?	
	Desenvolver um produto educacional voltado para a história e memória do IFMG campus Congonhas	Como podemos despertar o sentimento de pertencimento e a identidade dos servidores do IFMG campus Congonhas?	Elaboração e Validação da Exposição: Conhecer para pertencer: histórias e memórias do IFMG campus Congonhas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

### 3.1.1 Planificação da Pesquisa

Os procedimentos metodológicos que se encontram nesta pesquisa estão estruturados conforme a metodologia do Vê de Gowin (Novak; Gowin, 1984), apresentados na Figura 02.

Figura 2 - Planificação da pesquisa - Vê de Gowin (adaptado)



Fonte: Adaptado de: Novak e Gowin, 1984.

O “Vê” de Gowin foi “inventado para ilustrar os elementos conceituais e metodológicos que interagem no processo de construção do conhecimento ou nas análises de conferências ou documentos que apresentam um dado conteúdo de conhecimento” (Novak; Gowin, 1984, p. 19). Na Figura 02, tem-se uma adaptação do Vê heurístico de Gowin que representa a estrutura desta pesquisa na forma de diagrama, em que no vértice é indicado objeto de pesquisa que é a História do IFMG Campus Congonhas, no centro é descrito a questão básica (problema de pesquisa), apresenta a interação existente entre o domínio conceitual, domínio metodológico para responder a questão básica da pesquisa, nos auxiliando na visualização, na análise dos conteúdos/conhecimentos e métodos usados na pesquisa sem perder o foco do problema a ser estudado.

### ***3.1.2 Campo de Pesquisa***

A pesquisa foi realizada no campus Congonhas do Instituto Federal de Minas Gerais. A escolha desse campus como lócus de pesquisa se deve ao fato de a pesquisadora ter integrado o corpo administrativo da instituição por seis anos, o que facilitou a realização da pesquisa e a observação de uma crescente rotatividade existente no campus Congonhas, que é um fator que instiga uma investigação.

O IFMG campus Congonhas conta com as seguintes modalidades de ensino: técnico integrado em Edificações; Mecânica e Mineração, técnico concomitante em Edificações e Mineração, técnico subsequente em Edificações; Mecânica e Mineração, no ensino superior conta com as licenciaturas em Física e em Letras e o Bacharel em Engenharia de Produção e Engenharia Mecânica e pós-graduação em Gestão de Projeto e Operação.

### ***3.1.3 Universo e amostra***

Esta pesquisa foi realizada com os servidores técnicos administrativos e docentes do IFMG campus Congonhas, que possui em seu quadro efetivo de servidores 70 Docentes e 46 Técnicos Administrativos. Serão excluídos da amostra os servidores que no momento da realização das entrevistas, estejam afastados de suas funções.

Devido ao grande número de servidores, não será possível a realização de entrevistas em história oral com todos eles, pois este tipo de entrevista demanda muito tempo no processo de transcrição. Dessa forma, foram selecionados três servidores que acompanharam de perto as evoluções que campus Congonhas passou ao longo dos anos. Também adotou-se (sete) entrevistas do projeto “IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras” coordenado pelo professor Professor Matheus Faleiros.

### ***3.1.4 O Roteiro de entrevistas***

Para esta pesquisa, adotou-se o roteiro de entrevistas desenvolvido pelo Professor Matheus Faleiros (Anexo A). Esse roteiro já foi validado, por sete entrevistas que foram realizadas pelo professor citado e o material transcrito fornecido para a presente pesquisa.

O uso de roteiros nas entrevistas em História Oral é opcional, mas quando adotado não precisa ser seguido literalmente. O objetivo principal é que o entrevistado fale livremente sobre as questões apresentadas e o entrevistador adapte o roteiro de acordo com o andamento da entrevista. Perguntas poderão ser incluídas ou suprimidas a depender do relato e fatos que forem sendo apresentados, bem como a ordem das mesmas.

O objetivo do roteiro de entrevistas foi buscar registrar a história do IFMG Campus Congonhas, a partir das experiências dos servidores que aceitaram compartilhar suas memórias. Ele é composto por 14 questões que buscam rememorar a trajetória da instituição sob a perspectiva de seus servidores técnicos administrativos e docentes.

As perguntas abordam aspectos como: trajetória dos servidores que trabalham no campus Congonhas, desde que ingressaram na instituição até o momento atual. Buscou-se compreender como estes servidores perceberam as transformações que ocorreram na instituição ao longo do tempo, quais são os diferenciais da instituição em relação a outras, como a instituição influenciou a vida pessoal e profissional, como é o convívio social entre os colegas de trabalho, quais foram os fatos mais marcantes que eles vivenciaram e as dificuldades que eles enfrentaram e como as superaram, quais são os espaços que eles se sentem mais acolhidos e suas perspectivas sobre o futuro da instituição.

### ***3.1.5 Coleta de dados***

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas em história oral, que é uma técnica de pesquisa qualitativa que visa registrar e analisar as narrativas de pessoas que vivenciaram ou testemunharam eventos, processos ou fenômenos históricos. Essa técnica permite acessar as memórias, as percepções e as interpretações dos sujeitos sobre o passado, além de ajudar na compreensão de como essas narrativas são construídas e o seu significado no momento presente.

O roteiro de entrevistas foi semiestruturado, contendo perguntas abertas e flexível a inclusão ou exclusão de perguntas, de acordo com o andamento da entrevista com cada entrevistado. Para a realização da entrevista foi recolhido o consentimento do entrevistado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, este documento assegura os direitos do participante, além de conter informações básicas sobre o projeto de pesquisa.

O local das entrevistas foi determinado pelo participante, só foi alertado que precisava ser algum local tranquilo no campus Congonhas. As entrevistas foram gravadas utilizando o celular e o aplicativo URecorder e foram arquivadas em HD externo, em que cada arquivo foi identificado com o nome do entrevistado e data da realização da entrevista.

A transcrição foi realizada de forma literal, conforme os arquivos de áudios e depois foram realizadas as adequações necessárias, tomando-se o cuidado de não descaracterizar a personalidade do entrevistado. Após a transcrição, os participantes receberam uma cópia do arquivo para apreciação e validação do material.

Os dados sobre as saídas dos Campi de Congonhas, Ouro Branco e Formiga, foram solicitados junto à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas do IFMG. Tivemos acesso ao número de servidores que saíram desses campi nos últimos 10 anos (Raimundo, 2024).

### **3.2 Análise de Dados - Análise de Conteúdo segundo Bardin**

O processo de análise de dados iniciou-se após coleta de dados, no qual os materiais orais coletados nas entrevistas já estavam em documentos escritos. Nesta etapa, buscou-se manter o foco no problema e nos objetivos da pesquisa para se garantir uma boa análise de dados.

A análise de conteúdo é uma metodologia muito utilizada na análise de dados de pesquisas qualitativas. Nesta pesquisa foi adotado o livro intitulado “Análise de Conteúdo” de Laurence Bardin (2016), que descreve um passo a passo para a realização do tratamento de dados da pesquisa científica. Para Bardin (2016, p. 37) a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, a autora defende que o melhor seria usar a expressão “análises de conteúdo”, devido às várias técnicas a serem aplicadas para a sua realização.

O processo de análise de conteúdo descrito por Bardin (2016) envolve três etapas, sendo elas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise consiste na organização do material, que envolve a seleção do material que será usado e que irá compor o corpus da pesquisa. Para realizar essa seleção a autora Bardin (2016), indica a realização da leitura flutuante de todo o material e a aplicação das seguintes regras: exaustividade (ler todo o material definido para o corpus), representatividade (a amostra têm representar o universo escolhido), homogeneidade (a coleta de dados deve ser feita de forma semelhante e se enquadrar no mesmo tema), pertinência (os documentos devem estar alinhados com o objetivo da pesquisa) e exclusividade (um elemento não deve pertencer a mais de uma categorias).

Na etapa de exploração é necessário a criação de códigos e categorias para auxiliar na análise dos dados, em que a codificação é uma forma de tratar o material conforme descrito por Bardin (2016, p. 133), e que:

corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras específicas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto.

Para auxiliar nesse processo faz-se necessário definir as unidades de registro e as unidades de contexto. A unidade de registro é a “unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (Bardin, 2016, p. 134). E a unidade de recorte a ser adotado nesta pesquisa será de origem semântica com base em temas, isto significa fazer uma análise conteúdo temática que “consiste em descobrir os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2016, p. 135).

A unidade de contexto é definida por Bardin (2016, p. 137) como uma forma de “compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro”.

Já a categorização consiste em um processo de classificação com base em critérios pré-estabelecidos, em que “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos” (Bardin 2016, p. 147).

Algumas características são essenciais para elaborar boas categorias na análise de conteúdo, tais como: exclusão mútua ( o objeto não pode ser classificado em mais de uma categoria, homogeneidade, pertinência, objetividade e a fidelidade, produtividade (Bardin, 2016, p. 149-150). Nesta segunda etapa do processo de codificação e categorização, pode-se fazer o uso de software para auxiliar e facilitar o processo e Bardin (2016), apresenta essa possibilidade.

A terceira e última etapa do processo está relacionada ao tratamento dos resultados por meio de descrição, inferência e/ou interpretação que possibilitam as análises das questões inicialmente propostas. Essa etapa requer um rigor lógico e uma clareza na exposição dos resultados e das conclusões finais.

### **3.3 O Produto Educacional**

A preservação da memória permite rememorar o passado, o que nos auxilia a compreender melhor o presente e então planejar o futuro. Seguindo essa linha de raciocínio, o produto educacional resultante dessa pesquisa materializou-se em uma exposição sobre a História do IFMG campus Congonhas.

A exposição como produto educacional se apresentou como a melhor proposta para perpetuar a história do campus, além de homenagear os servidores que fazem e fizeram parte da instituição. Além de rememorar momentos marcantes e de alegrias compartilhadas na instituição escolar, a exposição tem o intuito de fortalecer o senso de pertencimento e identidade do campus Congonhas. A seguir, descreve-se o processo seguido para a elaboração de uma exposição.

### **3.3.1 *Elaboração da Exposição***

Antes de planejar uma exposição, é necessário entender o que ela significa e quais são as fases e elementos necessários para sua produção/execução. No livro ‘Exposição: concepção, montagem e avaliação’, apresenta-se a definição de exposição relacionada a área da museologia, em que a exposição “é a parte que visualmente se manifesta para o público e a grande possibilidade de experiência poética por meio do patrimônio cultural” (Cury, 2005, p.35). Camila Borges em Sandy (2022, p. 14) reforça que as exposições carregam história, memória, são instrumentos culturais capazes de provocar mudanças, transformações no seio social. Já Sandy (2022, p.28), nos diz que as exposições são:

Reconhecidas como uma importante forma de comunicação, sobretudo dos museus, as exposições são basicamente eventos culturais organizados com o objetivo de comunicar um acervo, uma coleção, uma obra específica ou uma informação. Muitas exposições são utilizadas para comunicar também uma ideia, um conceito, um sentimento, uma crítica, um artista e, até mesmo, um produto. Podemos visitar exposições em diversos locais além dos museus, como galerias, centros culturais e instituições diversas, bem como ruas e outros locais públicos e privados de uso coletivo.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), produziu o material “Caminhos da memória: para fazer uma exposição” e nele Bordinhão e Valente (2017), apresentam uma série de conceitos sobre o que é uma exposição, conforme demonstrado na Figura 3. Esses conceitos permitem inferir que uma exposição tem o objetivo de comunicar e transmitir uma mensagem a determinado público.

Nesta pesquisa, o objetivo da exposição foi de (re)lembrar e rememorar a História do IFMG campus Congonhas. Seguindo esse pensamento Sandy (2022, p. 8) reforça que “uma exposição é, pois, um modo de comunicar um pensamento, um sentimento, um período histórico, a cultura de um grupo, a marca da identidade de um povo”. Ressalta-se que a realização da exposição “se baseia na escolha e na apresentação de objetos que possam sustentar uma narrativa sobre um assunto determinado. As seleções e definições apontam as

ideias e imagens desejadas e estabelecem, pelos sentidos, diálogos com o público” (Bordinhão; Valente, 2017, p. 8).

Segundo Sandy (2022) as exposições têm o objetivo de apresentar, dentro de um contexto histórico, as realizações humanas, de maneira a observá-las e entendê-las. Vale ressaltar, que as exposições não são realizadas somente em museus, elas podem ocorrer em vários ambientes, sejam eles abertos ou fechados, e até mesmo virtuais. Um aspecto importante a considerar é o perfil dos visitantes que a exposição pretende atrair, para definir qual é a estratégia mais adequada para alcançá-los.

Figura 3 - Conceitos de exposição

**Exposições**

- 1 São parte de um sistema de comunicação, com lógica e sentido próprios. Pretendem desempenhar um papel para **representar e comunicar** histórias, tradições, novidades, conhecimentos, modos de fazer e viver.
- 2 Muitas vezes podem ser o primeiro contato dos visitantes/espectadores com determinado assunto, questões da vida, de particularidades, do passado, das artes, da ciência e de muitas outras áreas do conhecimento humano.
- 3 Resultam de uma soma de esforços, coletivos e individuais, de conteúdo teórico e conceitual, transformados na materialidade das cores, das texturas, na qualidade e quantidade dos objetos, do local, da iluminação.
- 4 Traduzem discursos e narrativas por meio de intermediações sensoriais, como imagens, sons, cheiros, sensações. Expor é, ainda, escolher o que ocultar, optar entre o que lembrar e o que esquecer. A exposição, deste modo, traduz anseios, medos, questionamentos, afirmações, perguntas e respostas, propondo soluções por meio de uma discussão pública e coletiva.  
**Expor é também, e sobretudo, **propor**.**  
(BELLAIGUE,1996:45 e CUNHA, 2005:2-4).
- 5 Exposições devem ser instrumentos para a produção, reprodução e difusão de conhecimentos. São espaços para a circulação de ideias, e, deste modo, profundamente ideológicas e essencialmente políticas. Espaços para revelar e tornar público posicionamentos.
- 6 *“Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refratária de ignorância, a ideia pré-concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientar-se - no sentido etimológico (perder a orientação, perturbar a harmonia, o evidente e o consenso, constitutivo do lugar comum, do banal)”*  
(MOUTINHO, 1994:4)

Fonte : Bordinhão; Valente , 2017, p. 11.

Para executar um projeto de exposição é necessário a realização de um planejamento prévio para que se obtenha êxito no cumprimento de seus objetivos e para assegurar que não ocorra nenhuma falha e atrasos durante a exposição. Bordinhão e Valente (2017, p. 8) destacam que:

O que torna uma exposição fascinante, na maior parte das vezes, é a vitalidade das linguagens e não o acervo em si. Para que se possa criar uma exposição fascinante, é necessário sempre ter claro o que se quer fazer, para quem se quer fazer e por que fazer. E, paralelamente, planejar, representar e visualizar o resultado da sua montagem, mesmo antes de ela ser executada.

Para Cury (2005) ao se preparar exposições é necessário levar em consideração a ótica do público, proporcionando assim uma interação entre o público e a exposição, de modo a favorecer a construção de conhecimentos.

Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolhas, tomar decisões quanto ao *o quê e como*. Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolher um tema de relevância científica e social e organizá-lo material e visualmente no espaço físico com o objeto de estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento que o público já tem em pauta e o novo conhecimento que a exposição está propondo (Cury, 2005, p. 43).

Segundo Alambert e Monteiro (1990), a elaboração de uma exposição requer algumas etapas, tais como o planejamento prévio, a elaboração do conteúdo e a montagem da mostra. Essas etapas são essenciais para garantir a qualidade e a eficácia da exposição. No Quadro 5, apresenta-se algumas definições a serem realizadas na etapa do planejamento de uma exposição:

Quadro 5 - Etapas para elaboração de uma exposição

Temática	Precisa-se levar em consideração o público que a exposição destina, para que desperte o interesse do público.
Público	Geralmente acontece concomitante com a escolha do tema.
Local	Deve ser de fácil acesso e possuir uma estrutura mínima para abrigar a exposição.
Data da Exposição e duração	Deverão ser analisadas de forma a atender tanto o expositor quanto os visitantes.
Acervo a ser exposto	A definição do acervo será acerca do tema do projeto, que poderá contar com um acervo já existente.
Planejamento de gastos	Considerar todos os gastos envolvidos no planejamento e para a execução da exposição.
Cronograma de atividades	Para a execução do projeto faz-se necessário a elaboração de um cronograma de atividades para se cumprir todo o planejamento.

Fonte: Adaptado de: Alambert; Monteiro, 1990.

A próxima etapa a ser seguida é a execução da exposição, nesta fase será necessário a realização de uma pesquisa prévia do local e da temática envolvida na mostra “que trará subsídios teóricos para a estruturação e concretização da exposição” (Alambert; Monteiro, 1990, p. 26). Também faz parte desta etapa a escolha dos objetos que irão compor a exposição que devem estar de acordo com a temática e com o espaço físico a ser utilizado.

Além disso, esta fase envolve a produção do material gráfico da exposição, como a criação de convites, cartazes e catálogos para a divulgação da mostra.

O catálogo segundo as autoras Alambert e Monteiro (1990, p. 31) "constitui a documentação da exposição apresentando a relação das peças expostas e fotografias temáticas e dos objetos". Existe uma gama de materiais e recursos expográficos, que devem ser escolhidos conforme o projeto e os objetivos da exposição, Cury, 2005 p. 46 os elencam como "textos, legendas, ilustrações, fotografias, cenários, mobiliários, sons, texturas, cheiros, temperatura que compõe um conjunto de elementos enriquecedor da experiência do público, na medida em que potencializa a interação entre o público e o patrimônio cultural".

Já a fase de montagem da exposição está relacionada a logística e o transporte dos objetos para o local da mostra, "essa é uma etapa da exposição que merece muita atenção para não haver surpresas desagradáveis, como embalagens inadequadas, extravios, roubos e danos" (Alambert; Monteiro, 1990, p. 32). Esta etapa envolve também a montagem do espaço, que já deve estar pronto para receber os objetos a serem expostos .

No dia da exposição é necessário a figura de um monitor que irá atender os visitantes, tirar dúvidas, estimular a reflexão, providenciar livros de assinaturas e no caso desta pesquisa a realização da avaliação da exposição. Cada exposição é única, mas como destaca Cury (2005, p. 14):

os passos do processo são basicamente constantes, mas a metodologia adotada para o processo de concepção e montagem de exposição varia dependendo da dinâmica de desenvolvimento, de acordo com as características e prioridades de cada processo, em conformidade com o ambiente onde se desenvolve e principalmente, de acordo com a concepção de público que se tenha.

Outra etapa essencial a ser realizada no(s) dia (s) da exposição é a avaliação. Para Cury (2005, p. 41) "a avaliação da exposição, ao trazer informações sobre como o público a compreende, assume a forma de feedback, realimentando o processo através de correções e/ou adequações ao meio". Além da avaliação possibilitar a realização de adequações e melhorias no projeto da exposição, ela será usada como uma ferramenta de validação do produto educacional deste projeto de pesquisa.

No final de todo o processo de planejamento, organização, execução, o resultado será uma exposição sobre a História do IFMG campus Congonhas, que objetiva "construir e oferecer uma experiência de qualidade para o público, que esteja conectada com suas experiências anteriores e que influencie positivamente suas experiências futuras"(Cury, 2005, p. 44). A partir dessa experiência espera-se desenvolver sentimento de pertencimento aos servidores dessa instituição escolar.

Com base nas entrevistas em história oral que foram realizadas, tem-se um acervo de narrativas que contarão a versão dos servidores sobre a História da IFMG campus Congonhas. Este material guiou a construção da trilha histórica da exposição, de forma a alcançar o objetivo principal da pesquisa que é de despertar nos servidores dessa instituição o sentimento de pertencimento, por meio das suas memórias. Sandy (2022, p. 29) descreve bem a finalidade deste projeto de exposição:

Por trás de toda exposição existe, ainda, uma narrativa, algo que possivelmente permitirá que o visitante tenha uma experiência de fruição. Há muitos relatos de experiências verdadeiramente surpreendentes, nas quais o público pôde interagir com a obra e vivenciá-la em um aspecto mais profundo.

Dessa forma o produto educacional no formato de uma exposição visa oferecer uma experiência atrativa, interativa e motivadora para transmitir a História do IFMG campus Congonhas a seus servidores.

## CAPÍTULO 4 : RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta os resultados e discussões referentes às análises realizadas nas entrevistas de história oral do projeto “IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras”, coordenado pelo professor Matheus Faleiros Silva, e pela pesquisadora. A metodologia de análise de dados aplicada foi a Análise de Conteúdo (AC) segundo Laurence Bardin (2016). A partir das categorias mapeadas, elaborou-se a exposição “Conhecer para pertencer: Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas”, em que foram rememorados momentos marcantes do campus sob o olhar dos participantes da pesquisa.

### 4.1 As entrevistas

Para realizar a análise de conteúdo (AC) primeiramente realizou-se a coleta de dados e a transcrição das entrevistas em história oral. A coleta de dados desta pesquisa ocorreu de duas formas, sendo que a primeira através do acesso a sete entrevistas transcritas do projeto “IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras” coordenado pelo professor Matheus Faleiros Silva e a segunda forma foi o material coletado de três entrevistas em história oral realizado pela pesquisadora.

As entrevistas em história oral foram realizadas de forma presencial no campus Congonhas, durante o mês de dezembro/2023. O contato foi realizado via whatsapp com os três participantes que concordaram prontamente em colaborar com a pesquisa. Para a seleção dos participantes considerou-se o tempo de instituição do servidor e se ele presenciou as transformações que o IFMG campus Congonhas passou ao longo dos anos. Após a confirmação dos convidados, definimos a data e o local das entrevistas em conjunto, levando em consideração aspectos de privacidade, acústica, ruídos para não prejudicar a qualidade da gravação e interrupções do testemunho.

Em seguida, iniciou-se as entrevistas e a gravação das mesmas. Para a gravação foi usado um celular e o aplicativo de gravador de voz chamado “URecorder”, que é muito utilizado na gravação de reuniões e palestras, pois apresenta uma captura de voz aprimorada para essas situações. Comprovou-se a eficácia do aplicativo por meio de testes realizados previamente, com o intuito de aprender a utilizar o aplicativo e certificar a qualidade das gravações.

Para realizar as entrevistas em história oral temática, adotou-se o mesmo roteiro de entrevistas do Projeto: IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas

futuras, excluindo apenas as perguntas 10 e 14 (Anexo 1), que não se encaixavam nos objetivos desta pesquisa. Essa decisão foi tomada para assegurar a consistência dos dados coletados.

Nas entrevistas, o clima de confiança é essencial para que os participantes sintam a vontade de compartilharem suas memórias. Essa relação de confiança foi sendo estabelecida por meio da demonstração de respeito com o entrevistado, sabendo escutá-lo, deixando-o concluir as suas falas sem ficar interrompendo as narrativas. Durante as entrevistas adotou-se o roteiro semi-estruturado e que devido a natureza da história oral, este roteiro foi apenas um guia, em que tínhamos flexibilidade para incluir e/ou excluir perguntas de acordo com o andamento das narrativas. A duração média das entrevistas foi de cerca de 30 (trinta) minutos.

Em posse do material gravado, o próximo passo foi de realizar a transcrição dos áudios. Este processo é bastante trabalhoso e demorado, em que é necessário ouvir os áudios diversas vezes e transformá-los em documentos que tenham o conteúdo o mais próximo do arquivo de áudio, tomando o cuidado de não apagar os traços dos entrevistados. Ao finalizar as transcrições, os conteúdos foram validados pelos participantes da pesquisa. Nesta etapa era permitido a solicitação de alteração de alguma interpretação ou até mesmo a exclusão de alguma fala, por parte dos participantes. Em posse dos documentos gerados a partir das transcrições, iniciamos a análise de dados.

## **4.2 A análise de dados**

A metodologia adotada para a realização da análise de dados foi a Análise de Conteúdo - AC segundo Bardin (2016), dessa forma, adotamos as seguintes etapas para a realização da análise: a pré-análise, exploração do material (codificações e as categorizações) e o tratamento dos resultados. As fases do processo da AC estão demonstradas na Figura 4.

Após uma leitura detalhada das dez transcrições de entrevistas de história oral, procedemos à organização e seleção dos materiais que foram analisados. Esta etapa corresponde à fase de pré-análise descrita por Bardin (2016). Nesta fase não descartamos nenhuma entrevista, pois as 10 (dez) transcrições estavam de acordo com os objetivos desta pesquisa e seguiam os critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade. A partir da seleção do material tem-se o corpus da pesquisa.

Figura 4 - Etapas do processo de análise de dados



Fonte: A autora

O material a ser utilizado na análise passou por um processo de preparação, no qual foram realizadas as edições necessárias no texto transcrito, como alguns recortes em que foi desconsiderado a apresentação inicial e as perguntas realizadas durante as entrevistas.

Na etapa de exploração do material aplicou-se as técnicas de codificação e categorização, seguindo os objetivos da pesquisa. Na etapa de tratamento dos resultados foi realizada a análise e a interpretação das categorias, buscando estabelecer relações, inferências e conclusões sobre as histórias e memórias do IFMG campus Congonhas. Essas etapas serão descritas mais detalhadamente nas próximas seções.

#### **4.2.1 As categorias de análise e suas unidades de registro**

No processo de codificação, primeiramente definiu-se algumas unidades de registro considerando os objetivos desta pesquisa. Com as unidades de registros definidas, é hora de identificar os trechos das entrevistas que as contém, este processo chama-se mapeamento das unidades de contexto. A partir das unidades de registros e suas respectivas unidades de contexto, criou-se as categorias que agrupam as unidades, para isso observou-se algumas regras definidas por Bardin (2016), que nos auxilia a realizar a inclusão das unidades de registro em uma categoria específica, são elas: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade. Este processo é muito trabalhoso e contamos com o auxílio do sistema MAXQDA versão 2022 para auxiliar na criação das

categorias, unidades de registro e identificação das unidades de contexto. Este sistema apresenta ferramentas visuais que auxiliam na melhor compreensão e visualização dos dados.

Para a utilização do sistema MAXQDA, primeiramente é necessário a criação de um projeto dentro do sistema, este processo visa organizar os vários projetos que podem ser criados no programa e também para gerar os arquivos de backup. O projeto foi denominado - Entrevistas em História Oral e para iniciá-lo foi necessário importar as dez transcrições das entrevistas que foram analisadas nesta pesquisa. Destaca-se a importância do software nesta etapa inicial de codificação, pois conseguimos explorar todo o material, criando, modificando e excluindo categorias e unidades de registro. O sistema apresenta uma interface com fácil visualização, que permite marcar os trechos importantes com cores diferentes, fazer anotações, gerar relatórios, nuvens de palavras, o que facilitou a realização de várias análises dos dados categorizados.

Para a realização da AC adotou-se a metodologia de análise temática, devido ela nos auxiliar a encontrar padrões e temas relevantes nas entrevistas. E com base nos objetivos desta pesquisa, definiu-se 3 (três) categorias e cada uma delas com as suas unidades de registros, que representam os temas analisados conforme demonstrado no Quadro 6:

Quadro 6 - Categorias de análise

Categorias	Unidades de Registros (subtemas)	Descrição
Servidores	-Emprego antes de ser servidor -Clima Organizacional -Rotatividade de servidores	Caracteriza os participantes da pesquisa.
Histórias e Memórias de uma Instituição Escolar	-Histórias e Memórias de Criação da UNED Congonhas -Histórias e memórias de trajetórias -Espaços de memórias	Apresenta as memórias dos servidores sobre a história oficial da instituição. Retrata as experiências vividas pelos participantes desde a criação da UNED Congonhas até os dias atuais.
Perspectivas e desafios futuro	-Perspectivas de futuro	Representa as aspirações sobre o futuro da instituição a partir da visão dos entrevistados

Fonte: A autora

A partir da categorização e da análise das entrevistas foi possível criar a trilha histórica que norteou o desenvolvimento do produto educacional decorrente desta pesquisa. No Quadro 7, é possível verificar essa relação entre as categorias de análise e a trilha histórica da exposição "Conhecer para pertencer: Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas":

Quadro 7 - Categorias de análise X trilha histórica da exposição

Categorias	Trilha Histórica
Servidores	-Pessoas
Histórias e Memórias de uma Instituição Escolar	-Origem do IFMG campus Congonhas e a Trajetória da Educação Profissional Tecnológica -Evolução do IFMG campus Congonhas -Espaços de Memória -Celebrações
Perspectivas e desafios futuro	-Perspectivas de futuro

Fonte: A autora.

A trilha histórica foi inspirada nas memórias registradas nas entrevistas de história oral, que revelaram um padrão nos depoimentos em que foram destacados fatos importantes e essenciais para a preservação da memória da instituição.

Na próxima seção serão apresentados os principais resultados e discussões, a partir das categorias definidas no Quadro 7. O foco das análises foi a trajetória histórica do campus congonghas, destacando os achados e reflexões obtidas a partir das entrevistas em história oral realizadas.

#### 4.2.1.1 Categoria 1 - Servidores

A categoria "Servidores" foi analisada tematicamente a partir das seguintes subcategorias: Emprego antes de ser servidor, Clima Organizacional e Rotatividade de servidores. Das dez entrevistas realizadas com servidores do IFMG campus Congonhas, 80% foi do gênero feminino e 20% do gênero masculino. Em relação ao cargo ocupado, 60% são TAE e 40% são docentes. O tempo de serviço público dos participantes variou entre 08 e 18 anos, com uma média de 14,7 anos trabalhados, conforme ilustrado no Quadro 8.

Quadro 8 - Perfil dos participantes da pesquisa

Participante	Tempo de Instituição (completos)	Processo de transformação da instituição vivenciados
Docente A	17 anos	Transição UNED X IFMG
Docente B	17 anos	Transição UNED X IFMG
Docente C	14 anos	Início IFMG
Docente D	16 anos	Transição UNED X IFMG
TAE A	17 anos	Transição UNED X IFMG
TAE B	8 anos	IFMG Consolidado
TAE C	15 anos	Início IFMG
TAE D	15 anos	Início IFMG
TAE E	13 anos	Início IFMG
TAE F	15 anos	Início IFMG

Fonte: A autora

Uma análise dos perfis dos participantes das entrevistas revelou que 40% fizeram parte da transição UNED vinculada ao antigo CEFET-OP para IFMG campus Congonhas. Estes servidores testemunharam todas as transformações da instituição, desde o funcionamento em uma escola provisória até a os dias atuais em que o campus está mais estruturado. Observou-se também que 50% dos participantes ingressaram no IFMG, logo após a lei nº 11.892/2008 de criação dos IF e apenas 10% ingressaram no campus Congonhas com a sua estrutura já consolidada.

Um ponto em comum nas narrativas dos participantes é que eles tiveram outros vínculos empregatícios antes de ingressarem no serviço público federal. Das entrevistas realizadas, 90% dos participantes tiveram outros vínculos empregatícios e em apenas 10%, o serviço público foi o primeiro emprego. Considerando estes dados, verificou-se que a experiência profissional dos participantes foi um fator que influenciou nas perspectivas sobre o ambiente de trabalho, desde como percebem o clima organizacional, a rotatividade de servidores e até como as decisões e tarefas são gerenciadas. Essas percepções são identificadas durante os relatos quando há comparação com as experiências passadas em outras empresas ou instituições.

A pesquisa revelou que a rotatividade de servidores é um fator significativo e é considerado alto na instituição, conforme expresso pelos participantes da pesquisa e que pode

vim a interferir no desenvolvimento/comprometimento das atividades da instituição. Na fala do Docente C, esta rotatividade é apontada como um ponto negativo para o campus Congonhas e chega a nomear a escola como uma instituição de passagem devida ao número de remoções existentes no campus:

O que eu vejo de pontos negativos é que nós somos uma instituição de passagem, A maioria dos professores são de fora e eles vêm para o IF com o desejo de serem removidos, então, isso eu vejo como o nosso principal problema principal desvantagem, não que quando eles estejam aqui eles não façam o seu trabalho, mas eles não se envolvem tanto (Docente C).

A cidade de Congonhas é citada como um dos fatores que favorecem a rotatividade dos servidores do campus estudado. Questões como falta de estrutura da cidade, acesso ao campus e a proximidade com a capital Belo Horizonte, são apontados pelos participantes da pesquisa, conforme destaca Docente C:

Claro, é um problema estrutural, a cidade não oferece uma boa infraestrutura, a maioria quer morar na Capital Mineira, e tem um problema de deslocamento que é difícil (Docente C).

A localização do campus também é frisada nas falas como uma possível causa da rotatividade de servidores, isto envolve a dificuldade de acesso ao campus Congonhas devido a limitação de transporte público e da distância do centro da cidade. Salienta-se que o campus fica às margens da BR 040, essa rodovia é conhecida pelos longos congestionamentos e grande número de acidentes graves. Esses aspectos são ressaltados pelos participantes TAE D e TAE C, quando retratam os pedidos de remoção do campus:

e teve o pessoal que foi chegando depois também, e por causa do risco da BR, muita gente coloca isso como principal motivo, o campus em si, todo mundo fala que gosta muito do campus, tem saudades do campus, mas que infelizmente a BR era muito arriscada, às vezes gastam até mais tempo para ir do campus que estão hoje do que gastavam para vir aqui (TAE D).

Então assim, é um lugar agradável, eu falo, o campus em si. E acho que às vezes, o que muitas pessoas não ficam no campus, não é questão de pessoal não, é questão da localização né. Alguns preferem às vezes ir para BH, justamente por morar em BH (TAE C)

Além das circunstâncias já destacadas o fator “interesse pessoal” é um elemento que exerce grande influência na decisão de sair ou não do campus Congonhas. Na fala do TAE C, verifica-se essa questão da cidade de residência do servidor como fator atenuante da rotatividade e que somado a outras questões, o servidor julga não ser vantajoso toda uma mudança de vida pessoal para se adaptar a localização de seu serviço, optando assim por buscar alternativas que a própria instituição oferece, como a possibilidade de se inscrever em um edital de remoção.

Nas narrativas foi possível identificar casos em que um servidor conseguiu remoção do campus Congonhas para outra unidade do IFMG e o mesmo sentiu saudades do campus Congonhas e manifestou o interesse em retornar. No relato do Docente A, verificou-se essa situação e ele ainda aponta que para alguns servidores a saída do campus, vem com um sentimento de tristeza, devido ao bom ambiente de trabalho:

Muita gente passou e foi embora, ficou muito pouco tempo, o que eu vejo da maioria dos que passaram estariam tristes, por deixar Congonhas, porque é uma escola muito boa de trabalhar. Graças a Deus eu nunca tive problema nenhum na escola, sempre tive um grande respeito com os alunos, profissionais, colegas. É uma escola excelente para mim, realmente quem saiu, saiu triste. Tem colegas da minha área que até hoje quer voltar aqui, voltar como né? Não tem jeito, só se alguém quiser sair (Docente A).

Em alguns relatos é possível perceber que o clima organizacional no geral é classificado como bom e apresenta alguns conflitos como qualquer outro lugar. Esses conflitos geralmente são resolvidos e que não afetam as relações. Conforme exemplificado nos testemunhos a seguir:

Eu tenho um bom convívio, penso que de maneira geral também há uma boa relação aqui, às pessoas se respeitam. Às vezes há atritos de setor com setor, mas assim, coisas passageiras, de resolver um serviço, mas nada pessoal, eu não vejo isso, assim, que possa interferir no trabalho,(...). Mas já passaram muitas pessoas que tinham atrito umas com as outras, aí pedem remoção, isso já aconteceu muito aqui no Instituto, mas, no final tudo se resolve (TAE C).

Eu convivo bem com todo mundo e algumas pessoas igual eu falei, são difíceis mesmo, mas eu acredito que isso a gente tenha em todos os lugares, mas nada nem ninguém, chega perto do convívio com as pessoas da prefeitura que eu tive, então o mais difícil aqui não é nem de longe, igual ao que era da prefeitura (TAE F).

É um Campus bom da gente trabalhar. Eu particularmente gosto muito. Eu não tenho nada que reclamar, não (TAE E).

Mas, eu vejo uma instituição onde o clima é muito bom, as pessoas são muito solidárias, eu vejo, pelo menos no meu departamento, os professores discutem as coisas de forma muito saudável, a gente tenta ajustar carga horária para não sobrecarregar um ou outro, respeitando principalmente a questão da capacitação para dar aquele conteúdo, tudo é muito discutido. (...) Eu acho que poderia promover ações que poderiam mudar o clima organizacional, do senso de pertencimento, das pessoas criarem uma identidade em relação à instituição, mas vejo que tem uma melhora (Docente C).

Percebe-se nas falas dos participantes da pesquisa que há um carinho com a instituição e que as relações de trabalho foram se modificando ao longo do tempo, tendo como um dos fatores a rotatividade de servidores. Foi evidenciado que há conflitos sim na instituição, mas nas falas é enfatizado que são divergências ou desentendimentos que logo são resolvidos, e o clima organizacional é considerado bom. Também foi evidenciado que ações voltadas para o desenvolvimento/fortalecimento do sentimento de pertencimento e da criação

de uma identidade com campus Congonhas, seriam importantes para melhorar o clima organizacional e até poderiam influenciar positivamente na permanência dos servidores na instituição.

#### 4.2.1.2 Categoria 2 - Histórias e Memórias de uma uma Instituição Escolar

As histórias e memórias de uma instituição escolar são uma jornada através do tempo, que nos remete às transformações sociais, políticas e a evolução da educação dentro do contexto Histórico. Nesta categoria, buscou-se rememorar a história do campus Congonhas desde o início de suas atividades quando era denominada Unidade Descentralizada de Ensino - UNED do antigo CEFET-OP. As seguintes unidades de registros foram criadas para nos auxiliar na análise dessa temática: Histórias e Memórias de Criação da UNED Congonhas, Histórias e memórias de trajetórias e Espaços de memórias

##### 4.2.1.2.1 *Histórias e Memórias de Criação da UNED Congonhas*

A UNED Congonhas inicialmente esteve vinculada ao CEFET - OP que é uma instituição que completou 80 (oitenta ) anos de sua existência e possui uma trajetória na EPT marcada pelas transformações que já sofreu desde a sua concepção, em 1944 como escola técnica de Mineração e Metalurgia. Essa instituição foi transformada em Autarquia Federal por meio da Lei nº 3.552 de 16 de fevereiro de 1959, e passou a ser conhecida como Escola Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP). Em 2002, a ETFOP passou por mais uma transformação, se tornando Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto (CEFET), e em 2008 virando IFMG campus Ouro Preto.

A primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, incluiu a criação das UNEDs. De acordo com Araujo, Nicacio e Oliveira (2021), essa expansão foi proposta pelo governo federal, que planejou a criação de 64 novas unidades de Institutos Federais (IF) e 37 UNEDs. Entre essas, a UNED Congonhas se destacou ao receber autorização para iniciar suas atividades a partir do ano de 2006.

As discussões para a criação da UNED Congonhas, iniciaram no ano de 2005 contando com esforços da Diretora Geral do CEFET Ouro Preto, Prof. Maria da Glória Santos Laia e o então prefeito da cidade de Congonhas Anderson Costa Cabido.

Um dos requisitos para a instalação da UNED em Congonhas era espaço para o funcionamento da nova instituição. Então o Sr. Juvenal de Freitas Ribeiro, morador da cidade de Congonhas, doou o terreno para a construção da sede. Este terreno está localizado na

Avenida Michael Pereira de Souza, nº 3007, bairro Campinho, onde está localizado o IFMG campus Congonhas atualmente. As obras iniciaram no ano de 2006 e em agosto/2007 houve a inauguração de um prédio de aulas 1.

O processo ele foi, e aí eu vou contar o que eu sei, porque eu não participei da forma direta, foi o que eu fui informado na época. Quando foi feito o processo de negociação, de implantação da instituição, tinha que se pensar um terreno, tinha que ter um terreno né, para localização, e a gente na época... parece que tinha um professor né, o professor Juvenal, inclusive tem uns prédios aí... que tem a foto dele aí nos murais aí, nos painéis da instituição, professor Juvenal tinha esse terreno, e ele, por ser um precursor da educação, ele fazia parte, ou era dono, de uma escola técnica aqui, muito famosa... eu acho até Matheus, aproveitando, eu acho que você talvez pudesse fazer um histórico, essa questão da escola técnica, aqui em Congonhas, tem um histórico muito forte. Algumas pessoas sempre falam do if hoje, mas fazem o paralelo, as pessoas que eu conheço aqui.. às vezes a gente posta alguma coisa, eles fazem sempre questão de falar: “ah porque existia uma escola técnica, muito importante... então eles viam nessa UNED que tava chegando, o ressurgimento dessa escola técnica (Docente B).

Paralelo a construção de sua sede, a UNED Congonhas iniciou suas atividades no ano de 2006, em uma escola municipal da cidade de Congonhas, denominada: Escola Municipal Judith Augusta. Visando os arranjos produtivos locais, a UNED Congonhas ofertava em primeiro momento, os seguintes cursos: cursos técnicos subsequente e concomitantes de Mecânica, Edificações, Produção Industrial. O documento que autorizou o funcionamento da UNED foi a Portaria nº 2.024 de 28 de dezembro de 2006, conforme demonstrado na Figura 5.

Como rememorado pelos participantes da pesquisa, o início das atividades da UNED contou com a colaboração da prefeitura na contratação de alguns funcionários:

as atividades iniciaram aqui por intermédio né, da parceria entre a Prefeitura de Congonhas e o CEFET Ouro Preto, então nessa parceria foram contratados, na verdade foi a prefeitura cedeu uma escola do município para iniciar as atividades, foram contratados alguns professores, eu não me lembro se foi pelo processo de substituto, se foi por meio de convênios, sei que tem alguns professores que iniciaram as atividades e que não eram servidores efetivos (DOCENTE B).

A situação de funcionamento da UNED Congonhas na Escola Municipal Judith Augusta foi descrita como precária, devido a falta de infraestrutura e insumos disponíveis para a nova instituição escolar. além de móveis emprestados do CEFET OP:

a escola funcionava lá no Judith Augusta, que era uma escola municipal, a gente utilizava algumas salas né, que eram nossas turmas, e o nosso espaço era duas salinhas pequenas, com um corredorzinho para passar de uma sala para outra, onde ficávamos eu e a Edilene na primeira sala, e o diretor na segunda, não tínhamos computador, nós tínhamos que usar o computador do diretor, material também, assim, todo início de campus tem aquela dificuldade, quando chegou os móveis também, que eram móveis emprestados né, que eram de Ouro Preto aí foram emprestado pra lá ( TAE A).

Então, olha só, quando a gente começou no Judite, realmente era bem precário, não tinha condições de muita coisa não, fazer prova, fazer lista de exercícios para ajudar os alunos, tinha que mandar com muita antecedência, eu lembro que ia lá para Ouro Preto, teve um semestre que eu mandei tudo de uma vez, mandei tudo para não ter problema, porque demorava (DOCENTE A).

porque lá no Judith Augusta nós tínhamos um data show para 15 professores, então eu tinha que fazer uma escala, o professor tinha que usar a cada 15 dias, para dar a chance de todo mundo usar, tinha uma escala, então se você reservasse para essa semana, para a próxima já não podia usar (TAE A).

Figura 5 - Portaria de funcionamento UNED Congonhas

**PORTARIA Nº 2.024, DE 28 DE DEZEMBRO DE 2006**

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com a Portaria Ministerial nº 67, de 06 de fevereiro de 1987, e

considerando a crescente carência de mão-de-obra especializada nas diversas áreas do saber;

considerando a necessidade de continuar promovendo a educação profissional de qualidade nos diversos níveis;

considerando a necessidade de proporcionar o desenvolvimento das regiões atendidas pelas Unidades de Ensino Descentralizadas - UNED, das Instituições Federais de Educação Tecnológica, resolve:

**Art 1º Autorizar o Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto - MG, a promover o funcionamento de sua UNED de Congonhas.**

**Art 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.**

FERNANDO HADDAD

Fonte: <https://www.ifmg.edu.br/congonhas/portaria-autorizacao-de-funcionamento-da-uned-congonhas.pdf> (grifos meus)

Nessas falas é possível observar as dificuldades encontradas na implantação da UNED Congonhas. Por mais que a instituição estivesse ligada a uma escola de referência e consolidada, a nova instituição passou por dificuldades relacionadas a número de pessoal TAE e Docente e de infraestrutura de funcionamento. Percebe-se uma falta de planejamento para iniciar as atividades de uma nova unidade, e que foi sentida e superada por aqueles que tiveram que fazer a escola funcionar.

Em seguida, em 2007, a UNED Congonhas passou a funcionar em seu prédio próprio, localizado no bairro Campinho. A inauguração contou com a presença do presidente da república da época, Luiz Inácio da Silva. Este momento é rememorado pelos servidores que estiveram presentes neste momento.

E também, teve a inauguração que teve a presença do nosso presidente Lula, teve toda aquela preocupação, organização, cerimonial preparar aluno, escolher os alunos que iriam participar do evento e poder tá ali, é história (TAE A).

O funcionamento da UNED Congonhas na Escola Municipal Judith Augusta Ferreira, durou menos de um ano e meio devido a mudança para a sede oficial conforme recordado pelo Docente B:

Então nós funcionamos lá até meados de 2007, até que o prédio de aulas 1 que nós temos lá, tivesse condições mínimas de funcionamento (Docente B).

O Docente B destaca que a mudança para a sede ocorreu com condições mínimas de funcionamento, o que gerou muitas memórias de dificuldades que foram enfrentadas neste primeiro momento, tornando-se memórias de superação dos que passaram por este momentos, conforme destacado na fala do Docente C:

Então, eu já falo que eu pertença aí ao grupo de desbravadores, né? Porque a gente chega no Campus, na unidade própria, sede própria, e só tinha o prédio e absolutamente mais nada, né? Tudo ao redor era mato, mesmo. Então, a gente não tinha infraestrutura, não tinha aparelhagem, não tínhamos um refeitório, lugar para fazer as refeições, mas ainda assim havia um espírito de muito boa vontade, de comprometimento daquele corpo de servidores que ali estavam atuando para fazer a coisa acontecer. Então, eu me senti muito acolhida. Eu falo que eu me senti muito em casa, né? (DOCENTE C).

Vale destacar que a nova sede era apenas o que é denominado hoje de Prédio de aulas 1. Neste local, comportava o funcionamento das salas de aulas e as salas de atividades administrativas e devido ao espaço limitado, os servidores tinham que fazer o revezamento de horário de trabalho, devido à falta estrutura física, conforme as recordações a seguir:

só aquele prédio onde hoje funciona a pedagogia. Só aquele. E ali naquele prédio, onde é a pedagogia, tinham quatro mesas. E as quatro mesas era pra todo mundo, todos os servidores tinham que utilizar as 4 mesas. Não tinha mais nada ali (TAE C).

Ó, quando eu cheguei lá, em 2010, só tinha o prédio 1, mais nada. E mais nada mesmo. Era o prédio onde aulas ali e só. E a gente trabalhava com uma certa dificuldade, como era só um prédio de aula, a gente que era técnico administrativo, trabalhava tudo na mesma sala. Então, a gente não tinha lugar direito para trabalhar, por exemplo, eu cheguei, fui trabalhar à noite, eu pegava serviço às 16:00h, eu tinha que esperar o pessoal que saía às 17:00h sair para liberar a mesa para poder sentar. Para poder começar a trabalhar porque não tinha espaço físico. Então tinha essa dificuldade de espaço físico, que era difícil e uma dificuldade muito grande que eu particularmente achei quando eu fui trabalhar lá no IF (TAE E).

O pessoal da noite tinha que aguardar o pessoal do dia liberar sala para começar a trabalhar. Era quatro mesas na sala, então era RH, DAP, secretaria, extensão, tudo no mesmo lugar, era tudo junto, (...) porque foi só chegando gente e não tinha espaço, então a área pedagógica e a extensão foi pro andar de cima, dividindo com a sala de professores, até que o prédio administrativo ficou pronto em 2010, que aí nós tivemos o nosso espaço né, onde tá hoje (TAE A).

As adversidades enfrentadas foram inúmeras e somente aqueles que vivenciaram tais situações podem compreender como as dificuldades de escassez de transporte público, falta de água e de energia elétrica, de estrutura de restaurantes, afetaram o dia-a-dia de quem trabalhava na instituição. Esses foram apenas alguns dos problemas que também foram relatadas nos depoimentos a seguir:

Só que em volta só tinha terra vermelha. Eu lembro direitinho, porque, como a gente ficava lá por muito tempo, não tinha lotação para descer, na época eu não tinha nem carteira ainda, né? Aí eu pegava carona, era até com a Adriana, porque não tinha lotação também para buscar o pessoal. A gente andava em volta do campus, e era cheio de buraco, porque estavam começando ainda a fazer os outros... as outras edificações, as outras obras. Então era só terra vermelha e buraco. ( TAE C).

até a infraestrutura mesmo, de água, até acostumar quando tem que encher a caixa d'água de novo, questão de falta de energia que, assim, o problema de queda de energia nós tivemos bastante, questão da estação, mas assim, é igual casa, você tá numa casa alugada, você não tem autonomia para fazer o que você quer, uma reforma, mudar alguma coisa (TAE A).

A gente almoçava, tinha que levar marmita, né? E tinha um trailer, só um trailer, lá em cima perto da Guarita e com algumas cadeiras de plástico, pra poder sentar lá, pra poder comer um lanche ou alguma coisa assim, porque não tinha nada, não tinha nada mesmo, não tinha a estrutura toda que tem hoje (TAE C).

Os desafios enfrentados pelos primeiros funcionários da UNED Congonhas não se limitaram apenas a questões de infraestrutura física. A dependência do CEFET-OP também foi profundamente sentida, manifestando-se através da falta de autonomia financeira e administrativa para resolver as questões da escola. Este aspecto é enfatizado nos relatos daqueles que vivenciaram diretamente essa fase.

Essa fase era bem complicada, porque a gente só pegava resto, o que Ouro Preto não usava era o que vinha para Congonhas, era o caso do carro, quando vinha um carro novo, aí veio usado para cá, a mesma coisa de funcionário, eles ficavam com os funcionários lá e quando não tinha necessidade de trazer funcionário para cá porque tinha pouco aluno ( TAE A).

e muitas coisas nós não tínhamos autonomia para decidir, nós tivemos problema de alguma situação de aluno, aí tivemos que nos reunir com a área pedagógica de lá para tomar alguma decisão. E tínhamos também o desencontro de informações né, hoje tem o regulamento de ensino que é de toda IFMG, mas lá quando pertencemos a Ouro Preto eram várias instruções normativas, então às vezes, quando ia ver, uma pessoa passava uma instrução, outra pessoas passava outra, “não é assim, de onde vocês pegaram essa informação?”, “ah, de instrução tal”, “não, essa instrução foi revogada”, e aí isso atrapalhava bastante o nosso trabalho, muitas vezes informações desencontraram, a falta também de um treinamento, porque nós tomamos posse e viemos para cá, né, e as coisas iam acontecendo (TAE A).

Buscou-se nessa seção entender o contexto histórico e os cenários específicos de criação e evolução do campus Congonhas, conforme apresentados por Nosella e Buffa (2008) o itinerário para estudo das instituições escolares. Por meio da história oral foi possível compreender a conjuntura histórica e o contexto de criação do IFMG campus Congonhas, em

que o passado vai além de documentos, conforme destaca Fernandes, Fernandes e Paiva, (2023). A história oral também nos permitiu criar arquivos a partir das narrativas geradas, auxiliando na preservação da história da instituição, isto em concordância com Gonçalves Neto e Carvalho (2020).

#### 4.2.1.2.2 *Histórias e memórias de trajetórias*

Todo movimento de expansão da Rede Federal de ensino resultou na promulgação a Lei nº 11.892 em 29 de dezembro de 2008 (Brasil, 2008), que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, com o objetivo de ofertar educação profissional e tecnológica em todas as modalidades, em consonância com as demandas locais e regionais, buscando sempre uma formação humana e omnilateral. (OLIVEIRA, 2020).

A Lei nº11.892 de 29 de dezembro de 2008 (Brasil, 2008) instituiu a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica. Por meio dessa lei foram criados 38 Institutos Federais, que estão espalhados por todo país. Os IFs foram criados a partir de integração ou transformação de Centros Federais de Educação Tecnológica e/ ou Escolas Agrotécnicas. Fazem parte da rede federal: os Institutos Federais, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca e de Minas Gerais, Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e Colégio Pedro II.

Com a transformação dos CEFETS em Institutos Federais, a UNED Congonhas se transformou em um campus pertencente ao IFMG. O campus neste período contava apenas com prédio e não havia refeitório. As imediações do campus também não tinha nenhuma estrutura de restaurante, comércios, pois está muito próximo da BR 040 e afastada do centro da cidade de Congonhas. Essa transformação trouxe maior autonomia administrativa, algo que os servidores desejavam profundamente, e isso pôde ser observado claramente nas declarações subsequentes.

pra gente foi muito melhor, a questão da autonomia. Para os campus que já existiam, para eles foi muito ruim, eles viram isso como eles perdendo muita coisa, mas hoje, se nós ainda pertencessem a Ouro Preto, não ia ser um campus desse tamanho, não ia ter a quantidade de funcionários que nós temos hoje, provavelmente não teria todos esses cursos que nós temos, o que é adquirido somos nós mesmo que escolhemos através do planejamento, isso foi assim, um ponto principal pro desenvolvimento do campus, porque tá sempre amarrado a decisão deles, e o que chegava ficava sempre pra lá, isso era muito (TAE A).

Então, eu acho que o momento da UNED, foi um momento que a gente não tinha autonomia administrativa. Quando nós passamos para campus, passamos a ter autonomia administrativa e começamos esse processo de definição né. Então nesse processo, tivemos um momento de planejamento de finalização né, de consolidação, e o momento em que vive hoje, o momento pós consolidação (Docente B)

Com a criação dos Institutos, todos os campus passaram a ter igual autonomia, então foi muito melhor para Congonhas, passamos a ter mais gestão, as decisões de gestão passaram a ser mais descentralizadas, não eram mais subordinadas ao campus, na época CEFET, de Ouro Preto,(...) sem dúvidas o campus sendo mais autônomo desenvolveu muito mais (Docente D).

Junto com a recente autonomia alcançada pelo IFMG campus Congonhas, alguns medos e anseios também foram gerados com a nova institucionalidade:

e o novo que se chegava, que ninguém sabia como funcionava, nem o próprio MEC sabia informar as diretrizes, tudo que a gente queria a gente mandava para perguntar. Eles não sabiam, “a vai sair no decreto”, a “vai sair no decreto”, saiu a lei de formação, de reorganização institucional, olha vai tantos campus para cá, tantos campus para lá, e vai formar o IF São Paulo, vai formar o IF Minas Gerais, Minas Gerais é muito grande então vai ter cinco, tudo isso negociado politicamente (Docente C).

O problema maior mesmo é a insegurança do início né, tudo novo, quando teve a reunião lá que ia transformar em instituto, muita gente contra né, e as especulações de qual era a intenção do governo de fazer isso, o medo de de repente acabar com o campus, sempre a esse receio quando a mudança, então, assim que virou instituto, tudo foi mudança, foi tudo novo pra todo mundo, então, não foi tão ruim, teve as dificuldades e tudo, mas assim, pra gente foi muito bom. Pro campus, para quem trabalha, para região, essa foi uma mudança que pra gente foi muito boa (TAE A).

O movimento de expansão da Rede Federal, acabou de alguma forma interferindo nas saídas e permanências dos servidores do IFMG campus Congonhas, isto porque com a formação do IFMG, a partir da junção da Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, do Cefet de Ouro Preto, Cefet Bambuí e das Uneds de Formiga e Congonhas, tivemos os primeiros campi do IFMG e com expansão foram criados vários outros campi em diversas localidades, o que ocasionou a remoção de vários servidores. Esta situação fica evidenciada na fala do Docente 1:

Agora que deu uma estabilizada né, acredito que agora as mudanças vão ser bem menores, vão ser pontuais, algumas trocas que precisar fazer né? Mas realmente Congonhas sofreu muito com isso, por estar muito perto da capital, e com as expansões que começaram a surgir, se focou demais, então, a maioria passou por Congonhas, realmente ficou com esse título aí, de um campus de passagem (Docente 1).

Com o surgimento de novos campi na rede IFMG, diversos servidores do campus Congonhas solicitaram remoção e atualmente é comum encontrar nos mais variados campi servidores que já estiveram vinculados a ele:

Parte da mecânica foi pra Betim, Betim iniciou-se com professores de Congonhas, Santa Luzia a mesma coisa, Santa Luzia também início com professores de Congonhas, Elbert, André, Ronald, foram os primeiros a ir para Betim, entraram no campus junto com o Fabrício, e depois esses foram para Betim, aí para Santa Luzia foram a Denise, a Dayla que também foi embora, e o Warley (TAE A).

Na fase de expansão também houve um direcionamento de recurso financeiro do governo federal para a educação, neste momento o campus Congonhas conseguiu recursos para ampliar a sua estrutura física, conforme ressalta o Docente B:

e nós tivemos um boom de expansão, que se eu não falho a memória aqui foi em 2010, onde nós conseguimos os recursos para construir o prédio de administração, o prédio de sala de aulas dois, aí nós tivemos a ampliação do laboratório de mineração. Aí nós tínhamos também, quando criamos o integrado a gente conseguiu fazer uma quadra, uma quadra descoberta. Aí a partir dessa fase maior de expansão, nós já conseguimos recursos para fazer a cobertura. E aí fizemos um planejamento para fazer a biblioteca, Centro de Atenção à saúde, porque a gente tinha os servidores então a gente precisava ter essa ampliação, então foi um momento que o campus ficou todo em obras (Docente B).

Após a construção de mais prédios, o campus Congonhas foi ganhando forma e evoluiu de forma significativa. Se antes o campus contava apenas com um prédio, agora já consolidado conta com cantina, dois prédios de aula, laboratórios de edificações, mineração, mecânica, física, química, salas de informática, Biblioteca, centro de atenção à saúde - CAS, ginásio, estacionamento e um projeto que estava parado e está para ser retomado que é o da construção do Refeitório. Essa evolução é sentida pelos participantes da pesquisa, conforme destacado a seguir:

Então, assim é com o tempo que as coisas foram se alinhando, foram chegando mais pessoas ao Campus também para trabalhar e isso foi ajudando a melhorar (TAE E).

Nossa, melhorou muito (...) foi uma expansão assim gigantesca que hoje a gente já tem. Tem um prédio administrativo específico, porque antes ficava todo mundo numa sala muito pequena para todos os setores. Então numa sala que hoje é só a área pedagógica, eram todos os setores, a direção geral ficava na sala, gabinete, o RH, Secretaria TI era tudo dentro de uma sala só, então foi muito bom ver essa evolução. Hoje em dia tem uma biblioteca boa, que também já está em processo de expansão, vai ganhar mais um prédio. Tem os laboratórios que na época da inauguração não tinha e os alunos não puderam ter essa vivência prática. Teve ainda essa expansão de mais prédios de sala de aula. Então foi muito bom ver essa evolução e atualmente que a gente vai conseguir ainda o refeitório que vão fazer, e vai ser uma expansão assim, muito bacana, que vai beneficiar muitos alunos. E nesses 15 anos evoluiu muito. E para muito melhor, com certeza (TAE F).

Com uma estrutura física ampliada, o campus Congonhas também foi evoluindo na oferta de cursos, nas mais variadas modalidades, conforme estabelecido na política de verticalização prevista os IF:

Outro diferencial do campus Congonhas é que a gente respeitou a legislação do ensino verticalizado. Nós somos coerentes com essa proposta pode ver que a gente tem ali a engenharia mecânica a gente tem o técnico integrados e subsequentes, e agora engenharias superior, na produção a gente tinha, porque depois o MEC tirou, a gente tinha e era para ter mantido, o técnico, e depois que o MEC tirou virou a engenharia de produção, a engenharia de produção com todos os professores do técnico ela atende todos, a gente transita, a gente tem cadeira em todos os cursos e agora a gente tem a pós-graduação que transita ali nos dois cursos superiores, a gente tem, aí eu tô falando a vertente profissionalizante, né? Aí a gente tem os integrados e os subsequentes, creio que a gente tem muito tempo para continuar

seguinto o modelo certinho, né? A gente tem que subir aí a linha da edificações para conseguir uma abertura de arquitetura ou engenharia civil, a linha de mineração a mesma coisa a gente tem o integrado e o subsequente, a gente tem a vertente ali, e seguindo o percentual a gente tem a licenciatura a gente tem a física e a letra (Docente C).

Atualmente o campus Congonhas oferece uma variedade de cursos em diferentes áreas de conhecimento. Entre os cursos técnicos integrados e subsequentes, destacam-se Técnico em Edificações, Técnico em Mecânica e Técnico em Mineração. Na modalidade ensino técnico concomitante Técnico em Edificações e Técnico em Mineração. Na modalidade de graduação é oferecido o bacharel em Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção e as licenciaturas em Física e Letras. E a pós-graduação Especialização em Gestão de Projetos e Operações.

mas assim que abriu, mudou para o IF, deu uma melhorada, acho que foi no terceiro ano que mudou para o IF, aí já começou a ter xerox, foi melhorando a estrutura, eu acompanhei desde o início a gente foi vendo as outras obras lá, os outros prédios, então a cada ano que passava ia melhorando mas, cada vez melhor a estrutura da escola, realmente é uma estrutura de primeira linha mesmo, para mim é excelente, muito top mesmo, meu sonho é que meus dois filhos estudem lá, para mim é a melhor melhor escola, muito diferenciado (Docente A).

O IFMG campus Congonhas tornou-se referência pelo ensino de qualidade fornecido na região do alto Paraopeba, tendo em seu histórico um número expressivo de alunos que se sobressaem nas notas do ENEM e em empregos em diversas localidades.

#### 4.2.1.2.3 *Espaços de memória*

Na subcategoria espaços de memória, buscou-se levantar quais os espaços do campus remetem a boas lembranças, em que os participantes gostam de estar, bem como memórias de projetos e celebrações que os conectam com a história da instituição. Verificou-se que o próprio local de trabalho é considerado um espaço de memória e que os servidores se identificam:

O trabalho que eu faço eu gosto, eu não me vejo trabalhando em outro setor que não seja o ensino (TAE A).

O campus Congonhas possui vários espaços para socialização, além de um espaço verde e uma paisagem muito bonita. A hora de tomar um café bem como almoçar são lembrados como momentos de encontrar com os colegas de trabalho e ter um tempo de qualidade com eles.

Eu adoro ir pra mesa do ensino, aquela mesinha de café, adoro ir lá conversar com as meninas, levar um lanche, fofocar, aquela mesinha do cantinho do ensino, é muito gostoso de ficar, pelos momentos né, que a gente vive lá. Mas eu gosto muito de

dizer que o Campus no sentido de quando a gente começa a paisagem sabe, que a gente consegue sair lá fora e ver como é verde né, que você fala assim: “poxa vida. Olha que privilégio a gente poder dar uma andada aqui e ver essa área (TAE B).

particularmente, uma obra que eu gosto muito no campus, é o ginásio, e a cantina, são dois ambientes que eu gosto muito, porque já foi mais recente, do formato que está hoje. Eu gosto muito de trabalhar em projetos que aproximem as pessoas, gosto de trabalhar em projetos onde as pessoas podem confraternizar, onde as pessoas podem trocar informações, onde as pessoas podem se sentir bem, né? E assim, eu acho que o ginásio, a gente tem muito boas lembranças, a gente tem o espaço ali da quadra, porque vários jogos que a gente participava ali com os meninos, né? As formaturas que nós fizemos. E da cantina porque é o momento que a gente se encontrava para almoçar, para bater um papo, sempre encontrar com os alunos (Docente B).

Na fala do Docente B, é ressaltado a importância do Ginásio do campus como um espaço carregado de boas recordações, pois é ali que os servidores costumavam participar de jogos comemorativos, projetos de dança, etc. Além disso, o Ginásio se destaca pelos eventos de formatura realizados no campus, ocasiões repletas de histórias pessoais, vitórias e intensas emoções, simbolizando a conclusão de uma etapa importante na vida dos estudantes e a satisfação dos servidores pelo trabalho realizado.

Alguns projetos desenvolvidos na instituição também são lembrados com bastante carinho pelos participantes da pesquisa, criando oportunidades de confraternização e estreitamento de laços entre os servidores. O projeto café com prosa é um desses projetos, em que os servidores tinham um espaço de fala e de aprendizado, o que despertava o sentimento de pertencimento à instituição. Também foi lembrado um projeto envolvendo atividade física destinado às servidoras do campus, conforme descrito nos relatos do TAE F e TAE D.

Com certeza, o café com prosa era muito bom porque a gente, além de conversar, com os colegas, tínhamos momentos de confraternização, tomando um café juntos. Todo mundo fazendo um café compartilhado, a gente ainda, em alguns momentos, traziam pessoas que falavam sobre temas importantes, como o câncer de mama, saúde da mulher, educação das crianças mesmo. Então, assim, o café com prosa realmente acho que marcou todo mundo que viveu nessa época. Gostou muito desse projeto (TAE F).

Tinha aquele projeto onde hoje é o laboratório de edificações na parte de cima, ali era um centro de convivência. E aí contratou uma profissional de educação física e ela vinha 3 vezes por semana da atividade física para a gente era um treino tipo um treinamento funcional e aí era um momento da aí, era mais mulheres, né, das servidoras interagirem e era uma forma de a gente também cuidar da saúde. E aí esse projeto ficou alguns meses. Era um projeto de extensão e eu achei que foi muito legal. Foi muito válido. Só que se encerrou e depois a gente não teve mais algo parecido (TAE D).

Um projeto que é muito aguardado pelos alunos das turmas de 3º ano do ensino médio é o festival de dança, que é organizado por professores da área de Educação Física. Os servidores do campus também prestigiam este evento, nele é possível notar a evolução dos alunos desde a sua entrada na instituição. Como servidora do campus presenciei alguns desses

eventos, nota-se a empolgação dos alunos e como eles investem nesta apresentação. Todo ano este evento é aguardado por toda comunidade acadêmica, conforme elencado pelo TAE E.

O festival de dança e o festival de ginástica para a gente é um momento que a gente cria uma expectativa, de chegar ao dia para ir lá assistir. A gente prestigia também, não só os alunos ali. (TAE E)

Algumas celebrações também foram lembradas como espaços de memória e que compõem a memória institucional, como a formatura da primeira turma, inauguração do Prédio de aula 1, que foi o marco da sede oficial. O evento de comemoração dos 10 anos do campus Congonhas, foi uma celebração marcada pela presença de servidores lotados no campus e por servidores que fizeram parte da história do campus. O participante da pesquisa TAE D ressalta a importância de se realizar eventos como este na instituição com o intuito de manter a memória viva e reforçar o vínculo com os servidores e a instituição.

São dois eventos marcantes: a formatura da primeira turma, que foi um momento que ficou na memória, e a inauguração do prédio, que foi aquela coisa, é como se a gente tivesse indo pra nossa casa, um lugar que é nosso (TAE A ).

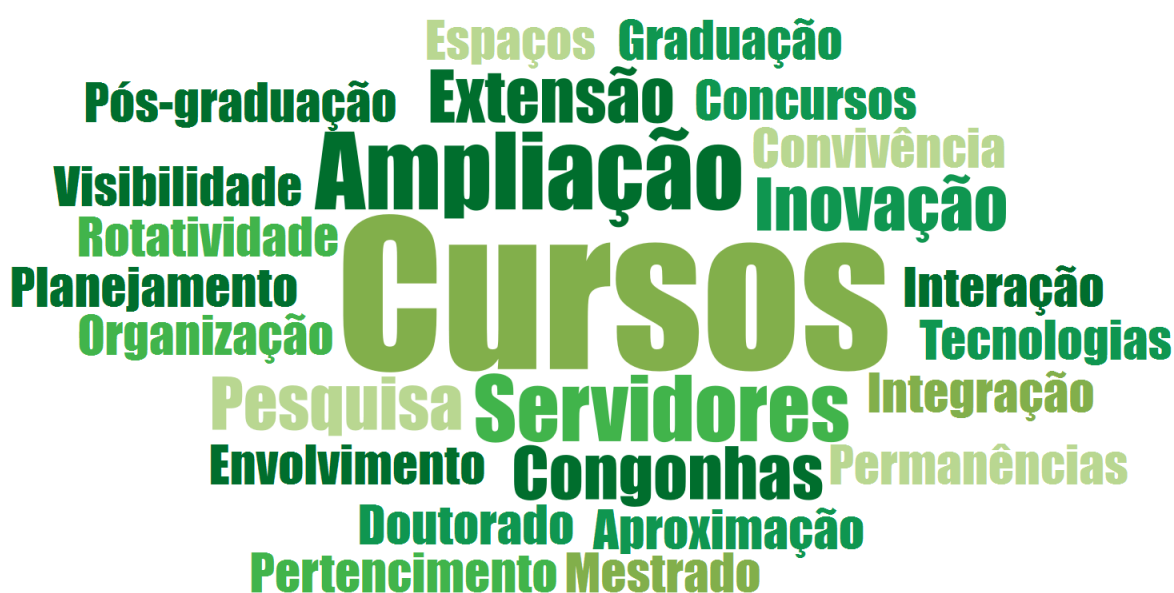
A comemoração que a gente teve nos 10 anos do campus, eu acho que poderia ter mais vezes, sabe essa coisa de chamar esses servidores? A gente se encontra com as pessoas que passaram por aqui. A gente teve isso uma vez só, né? A gente já fez 16 anos e não teve outra comemoração dessa aí. E aí, eu assim, tipo, talvez perpetuar essas comemorações anualmente seria uma coisa legal também, que é o que a gente não fez. A gente fez 10 anos, acabou aí. Eu acho que seria legal também fazer você ser evento de aniversário todo ano, não, tipo o evento grande, mas que fizesse uma alusão ao aniversário do campus, pra gente poder homenagear pessoas que passaram por aqui, até para manter esse memória viva assim de de com esses servidores e alunos. Às vezes você saber do ou trajetórias de alunos que saíram daqui, seria uma oportunidade. E aí eu penso, eu penso que não acontece, sabe? Assim a gente acaba perdendo muito rápido esse vínculo com os alunos que vão embora e com os servidores também (TAE D).

Através dos depoimentos coletados pela narrativa histórica oral, conseguiu-se registrar uma parte da memória institucional, ao preservar as recordações que estão retidas nos servidores e o seu ponto de vista sobre a história da instituição, conforme destaca Felipe e Pinho (2018). Isso nos permite compreender a trajetória da instituição e o impacto das transformações experienciadas por seus servidores. Como destaca Meihy e Seawright (2020), busca-se com a história oral a versão dos eventos dada pelos narradores, ou seja, a interpretação individual dos acontecimentos que é destaque, oferecendo uma perspectiva humana à história.

#### 4.2.1.3 Categoria 3 - Perspectivas de Futuro

As perspectivas de futuro veio como uma categoria de análise para trazer uma reflexão sobre o futuro do IFMG campus Congonhas na visão dos servidores que participaram desta pesquisa. Para esta reflexão, elaborou-se uma nuvem de palavras (Figura 6), com base nas respostas à pergunta: Como você vê o futuro campus Congonhas nos próximos 15 anos ou mais?

Figura 6 - Nuvem Perspectivas de futuro



Fonte: A autora

A partir da nuvem de palavras representada pela Figura 6 é possível visualizar as palavras chaves que mais foram citadas sobre o futuro do IFMG campus Congonhas. Constatou-se que as palavras mais recorrentes nas respostas foram: Cursos, Ampliação e Servidores.

Os participantes da pesquisa ressaltam a importância dos cursos oferecidos pelo IFMG campus Congonhas. A ampliação, alteração e reformulação são palavras que apareceram associadas à palavra “Curso” conforme exemplificado pelos trechos dos testemunhos a seguir:

Eu acho que porque a estrutura tende a ampliar. E junto com isso, eu consigo ver novos cursos de pós graduação, talvez um mestrado. Eu penso que hoje a gente já tem uma necessidade de mudar também os cursos que a gente oferece, por exemplo, os cursos técnicos (TAE D)

Eu acho que a gente tem que começar a pensar em outras possibilidades dentro daquilo que a gente já tem de mão de obra, que a gente já tem de professores; tentar reformular dentro das áreas de conhecimento algo novo (TAE B).

Eu não sei se é viável, mas eu acho que poderia abrir outros cursos. Eu sei que a gente tem que seguir alguns números né, que o MEC impõe assim. Então acho que isso é uma questão mais a longo prazo ainda, mas acho que poderia abrir alguns outros cursos na área de graduação, até mesmo de pós-graduação (TAE C).

a gente poderia ter muito mais cursos, temos profissionais excelentes no campus, temos profissionais motivados (Docente B).

Conforme ilustrado na Figura 6 e nos depoimentos fornecidos pelos participantes da pesquisa, verificou-se que existe uma expectativa que no futuro do campus Congonhas haja uma expansão da oferta educacional com cursos na modalidade de Graduação, Pós-graduação, Mestrado e Doutorado, uma vez que essa verticalização é uma política do IFMG.

Outro destaque na nuvem de palavras foi a palavra “Ampliação”, que nas falas dos entrevistados refere-se ao crescimento da infraestrutura física do campus. Tal possibilidade é viabilizada pelo amplo espaço disponível no campus Congonhas, sendo possível almejar a construção de novos prédios, laboratórios, salas de aulas, espaços de convivência, o que possibilitaria a abertura de novas turmas de cursos, conforme destaca TAE A:

Então, espero que daqui a 15 anos, os espaços que hoje estão vazios já estejam com mais prédios, para que possamos acolher mais alunos. (TAE A).

Outra palavra recorrente na análise da nuvem de palavras foi “Servidores”. Nota-se um anseio comum entre os participantes da pesquisa pelo aumento do número de códigos de vagas disponíveis para o campus Congonhas. Tal medida possibilitaria o planejamento de novos cursos alinhados aos arranjos produtivos locais e assegurando a presença de profissionais qualificados em número suficiente para atender às exigências da nova demanda. O TAE F nos traz essas considerações, na fala a seguir:

E que o campus consiga mais vagas, porque como a gente está numa estrutura fixa do MEC, de ter 70 professores, 45 técnicos, que a gente possa melhorar nisso, se a gente melhorar nisso, a gente consegue ter uma qualidade de serviço, né? E poder oferecer melhores cursos. E mais pra frente abrir um mestrado que seja, ou um doutorado. (TAE F)

Na Figura 6, também são apresentados termos que remetem ao convívio e à permanência dos servidores no campus Congonhas. Aspectos como pertencimento, permanências, rotatividade, interação e integração dos servidores foram destacados e enfatizados nos depoimentos coletados, como ilustrado nos trechos a seguir:

Eu penso que essa rotatividade vai continuar. Eu não sei se a gente chega aí, em um quadro que seja minimamente permanente. Eu acho que é uma coisa que a gente vai ter que aprender a lidar mesmo. Então, daqui 15 anos, eu não me vejo com os

mesmos colegas que eu tenho hoje. Eu vejo, é a minoria que vai estar aqui. Eu vejo que ainda vou conhecer muitas pessoas aqui no campus, então, para os próximos anos eu acredito que ainda passarão muitos servidores diferentes (TAE D)

Eu gostaria que as pessoas comessem a ficar no campus, porque nossa, essa rotatividade é terrível. Então, eu queria que as pessoas abraçassem mais o campus, que ficassem mesmo para seguir carreira, né? Conseguir desenvolver melhor os projetos e desenvolver cada vez mais possibilidades de abrir mais cursos, né? Ver numa perspectiva de melhoria de estrutura (TAE F).

Eu acho que a gente precisa muito de integrar sabe, integrar docentes, integrar os técnicos, colocar todo mundo para trabalhar alinhado, para a gente saber o que está acontecendo (TAE B).

Tem a questão do pertencimento, é uma interação mas direta das pessoas com o campus, ou seja, é uma relação mais próxima, seja entre a cidade, entre os servidores assim, então existe uma diferença, eu vejo as vezes em outras cidades, outros campus, que as pessoas têm um círculo de amigos ali, que é baseado no círculo de trabalho, a gente não tem isso, nossa interação é muito baseada ali, naquelas relações internas, e é ruim as vezes porque a gente mora em cidades diferentes, então espero que nos próximos anos as pessoas incorporem mais o campus, mais a cidade, no sentido de poder criar mais laços que extrapolem, por exemplo, nós temos aqui em um momento de festas, e as pessoas estão fazendo confraternização uma atrás da outra né, e são colegas de trabalho. A gente não tem isso, a gente trabalha o ano inteiro e não tem tempo para interagir (Docente B).

Como Congonhas tem essa característica de muitos passarem pelo campus e depois irem para outros lugares, a gente não se conhece mais, então a gente precisa se conhecer e criar essa identidade (Docente D).

Analisando a Figura 6, foi possível verificar uma preocupação dos entrevistados com o desenvolvimento das atividades relacionadas à pesquisa, extensão e inovação. Esta ênfase reflete a importância dessas práticas no contexto acadêmico, aspectos esses que estão alinhados à missão do IFMG.

é algo que ainda tem muito o que construir, a inovação dentro do instituto. A pesquisa andou muito, sabe? A pesquisa andou muito de um tempo para cá, mas a inovação eu acho que ela ta muito, muito além do que ela pode oferecer, sabe? Acho que tem muito o que fazer (TAE C).

Que a Gente esteja na condição de ter um Campus que tenha desenvolvido em termos suficientes, para ofertar mais para a cidade, não só de trabalhar, mas como de fazer pesquisa, de extensão, em termos de estrutura para pesquisa e extensão (Docente D).

Para finalizar as considerações em relação à nuvem de palavras, apurou-se que os participantes também expressaram preocupações relacionadas ao envolvimento, integração e colaboração entre o campus e a cidade de Congonhas. O docente D ressalta a necessidade de fortalecer as parcerias com a administração municipal para promover um envolvimento mais ativo e benefícios mútuos.

Mas se eu tivesse que mudar algo no campus, eu primeiro melhoraria, aumentaria a relação do campus com o município de Congonhas, buscar mais parceria, mais envolvimento com a comunidade (Docente D).

Os relatos dos participantes da pesquisa revelam visões de futuro que refletem suas experiências e vivências no campus Congonhas, tanto em aspectos profissionais quanto pessoais. Essas projeções para o futuro da instituição podem auxiliar os gestores do campus a terem uma visão mais ampla e diversificada sobre alguns cenários e expectativas com relação ao futuro da instituição.

## CAPÍTULO 5: O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional resultante da pesquisa intitulada “História do IFMG campus Congonhas: narrativas e identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar“, realizada no Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional Tecnológica - PROFEPT, foi uma exposição fotográfica.

A exposição denominada “Conhecer para pertencer: histórias e memórias do IFMG campus Congonhas” foi inaugurada no dia 01 de fevereiro de 2024 e teve a duração de dois dias. O objetivo da exposição foi de reconstituir a memória e a história da instituição por meio de fotografias. As fotografias foram coletadas no acervo da instituição e tivemos a contribuição de alguns servidores. A exposição seguiu a seguinte trilha histórica: Origem do IFMG campus Congonhas e a Trajetória da Educação Profissional Tecnológica; Evolução do IFMG campus Congonhas; Espaços de Memória; Pessoas; Celebrações e Perspectivas de futuro. Ao final da exposição os visitantes realizaram a avaliação do produto educacional, que visava identificar qual a sensação que a exposição despertou nos visitantes.

### 5.1. O produto educacional no ProfEPT

No Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), um dos requisitos para a obtenção do título de mestre é a elaboração de um produto educacional. A área de Ensino da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior - CAPES entende por produto educacional,

o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associadas ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo. A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui para que o produto ou processo possa ser compartilhável ou registrado (CAPES, 2019, p. 16).

Para Kaplún (2003) um material educativo, ou mesmo um produto educacional é um “objeto que facilita a experiência de aprendizado; ou, se preferirmos, uma experiência mediada para o aprendizado”. Nesta perspectiva temos que o produto educacional além de ser um portador de uma mensagem ele pode nos proporcionar uma experiência de afetividade, de relembrar o passado, despertando sensações a partir das vivências gerando novos conhecimentos.

A partir da pesquisa intitulada “História do IFMG campus Congonhas: narrativas e identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar”, o tipo de produto educacional selecionado para representá-la foi uma exposição física. Essa classe de produto educacional se enquadra dentro da definição da área da CAPES:

No Mestrado Profissional, distintamente do Mestrado Acadêmico, o mestrando necessita desenvolver um processo ou produto educativo e aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação/tese deve ser uma reflexão sobre a elaboração e aplicação do produto educacional respaldado no referencial teórico metodológico escolhido (CAPES, 2019, p. 15).

Uma vez estabelecido o produto educacional, iniciamos o processo de sua elaboração. Para isso, alinhamos os critérios de desenvolvimento de um PE com os métodos de elaboração de uma exposição. Essa estratégia foi adotada para garantir que, ao término, as metas estipuladas para ambos fossem efetivamente atingidas.

## **5.2 A concepção do produto educacional**

Farias e Mendonça (2019), apresentam um processo de 8 fases para auxiliar na concepção de um produto educacional, que consiste em Pré-concepção; Base da pesquisa Requisitos e parâmetros do produto; Prototipação do produto; Aplicação e avaliação do produto; Análise da aplicação do produto; Revisão / reformulação do produto e Produto Final. Para as autoras, este processo se inicia com a pré-concepção da pesquisa/produto e está relacionado com ideias iniciais (inputs) que o pesquisador traz em seu pré-projeto de pesquisa e que no desenrolar da pesquisa pode permanecer as mesmas ou não.

Em seguida, passamos para a fase de execução em que temos a base da pesquisa que articula o referencial teórico e metodológico, bem como a definição do público-alvo e o problema de pesquisa. A fase de requisitos e parâmetros do produto estão relacionados a questões que devem ser consideradas para ao elaborar o produto educacional, ou seja, elaboração de estratégias para que se consiga atingir o público-alvo.

A fase de prototipação do produto está relacionada à definição do tipo PE, bem como a forma que será apresentado, linguagem a ser utilizada e o suporte necessário para executá-lo. As próximas fases estão relacionadas a aplicação e avaliação do produto educacional, nesta fase não podemos esquecer do elemento de avaliação do PE. Já a etapa de análise da aplicação do produto educacional, deverá gerar uma discussão dos resultados

levantados na avaliação do PE. A última fase temos a Revisão / reformulação do produto, considerando a aplicação e a avaliação do PE.

Aplicando os oito passos na concepção do produto educacional definidos por Farias e Mendonça (2019), na elaboração deste PE, temos o seguinte Quadro 9:

Quadro 9 - Processo de Concepção de uma Exposição como Produto Educacional

Pré Concepção da pesquisa/ Produto	Alta rotatividade de servidores A instituição estudada não possui nenhum espaço de história e memória
1. Base da Pesquisa	Pesquisa Bibliográfica (História da Educação profissional, memória, instituição escolar, identidade) História oral Público alvo - Servidores TAE e Docentes Visita a museu/exposição
2. Requisitos e parâmetros do produto	Rememorar a história e a memória do campus, com o intuito de despertar o sentimento de pertencimento e identidade dos servidores do campus Congonhas. Seleção e impressão de fotos que se enquadrem nos temas propostos. Base teórica de como fazer uma exposição. Exposição física que os servidores do campus possam visitar.
3. Prototipação do produto	Planejamento e elaboração da exposição, definindo o acervo de fotografias que será utilizado, o local, a duração, criação de uma identidade visual, elaboração do layout da exposição, definição do material de impressão, elaboração do material de divulgação, envio dos convites da exposição
4. Aplicação e avaliação do produto	Os visitantes realizaram uma avaliação da exposição, logo após a visita ao acervo selecionado. A avaliação dos visitantes será a validação do PE. Buscamos saber qual a sensação a exposição despertou em seus visitantes.
5. Análise da aplicação do produto	Por meio de nuvem de palavras, realizada no software MAxqda.
6. Revisão / reformulação do produto	Foram observadas e analisadas os comentários realizados pelos visitantes durante a exposição
7. Produto Final	Após análise das observações realizadas pelos visitantes da exposição, concluímos que não será necessário a realização de ajustes.

Fonte: Elaborado pela autora

Ao aplicar os 8 (oito) passos para a concepção de um produto educacional, procedeu-se para a elaboração da exposição propriamente dita conforme as suas bases teóricas. Tais fundamentos serão explorados na seção subsequente.

### **5.2.1 Planejamento e Execução de uma Exposição**

A pré-concepção do produto educacional se deu no pré-projeto de pesquisa e se consolidou nas pesquisas da dissertação intitulada “História do IFMG campus Congonhas: narrativas e identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar”, na qual buscamos investigar e responder “De que maneira a construção da história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - campus Congonhas, pode contribuir para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento de seus servidores?”.

Nesta pesquisa, entende-se que a exposição é uma ferramenta que expressa histórias, memórias, identidades e valores capazes de inspirar, emocionar e gerar reflexões. E que tem como objetivo comunicar, transmitir, (re)lembrar e rememorar a história e as memórias do IFMG campus Congonhas, tendo como público alvo os servidores TAE e Docentes da instituição.

Cury (2005) destaca a importância de se elaborar uma exposição que promova interação do público com o conteúdo apresentado. Dessa forma, na elaboração da exposição conhecer para pertencer, foi enviado aos servidores do IFMG campus Congonhas, um convite para participarem da elaboração de uma exposição sobre a história do campus Congonhas. Os convites foram enviados por email no dia 06 de novembro de 2023, solicitando o envio de fotografias que retratam momentos significativos dos servidores na escola, tais como formaturas, eventos, atividades, projetos de pesquisa e extensão, aulas, entre outros. O prazo de envio foi até o dia 20 de novembro de 2023, e as fotografias deveriam vir acompanhadas por uma breve descrição que incluísse o ano, o local e as pessoas envolvidas. As melhores fotos seriam selecionadas e inseridas na exposição.

Também foi utilizado o acervo fotográfico institucional, para isso foi solicitado ao do setor de comunicação do IFMG campus Congonhas, autorização e acesso ao seu acervo fotográfico.

Para elaborar a exposição foram seguidas as 08 (oito) etapas de construção de um produto educacional definido pelas autoras Farias e Mendonça (2019), e constam no Quadro 9. E como a elaboração de uma exposição também possui as suas próprias etapas de planejamento e execução, adotamos as orientações de Alambert e Monteiro (1990). Para estes

autores a concepção de uma exposição consiste basicamente no planejamento prévio, a elaboração do conteúdo e a montagem da mostra.

Na fase de planejamento, foram definidos: o público, local, data da exposição e a sua duração, o acervo, gastos e o cronograma das atividades, conforme o Quadro 10:

Quadro 10 - Planejamento da Exposição

<b>Temática</b>	Conhecer para pertencer: Histórias e Memórias do IFMG campus Congonhas
<b>Público</b>	Servidores Técnicos Administrativos em Educação e Docentes do campus Congonhas
<b>Local</b>	IFMG Campus Congonhas - Av. Michael Pereira de Souza 3007, Congonhas, MG, 36417-050 Prédio de Aulas 1 - Hall do 1º andar
<b>Data da Exposição e duração</b>	01/02/2024 - de 13:00h às 17:00h 02/02/2024 - de 08:00h às 12:00h
<b>Acervo a ser exposto</b>	Fotografias enviadas pelos servidores e acervo institucional.
<b>Planejamento de gastos</b>	Impressão dos banners - R\$ 342,00 Impressão dos folhetos - R\$40,00 Deslocamento - R\$150,00 Suporte de Banner - Gratuito Divulgação - Gratuita Os gastos envolvidos no processo estão relacionados com a impressão das fotografias, impressão dos folhetos, impressão da avaliação, deslocamento para o campus nos 02 dias de exposição.
<b>Cronograma de atividades</b>	Será detalhado no quadro 3, detalhando as atividades e o período em que foram realizadas.

Fonte: Autora e (Adaptado de: Alambert; Monteiro, 1990).

O tema da exposição fotográfica é “Conhecer para pertencer: Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas”, e contém 66 (sessenta e seis) fotografias, referente a criação do IFMG campus Congonhas, em 2006 quando a instituição era denominada UNED Congonhas vinculada ao antigo CEFET-OP. As fotografias demonstram a evolução do campus desde a sua criação até os dias atuais, bem como memórias dos servidores sobre a instituição, profissão, eventos, projetos e momentos de celebração. Estes subtemas integram a trilha histórica definida para esta exposição.

A definição do local bem como a definição do período da exposição foram observados o seguinte critério: maior fluxo de servidores de uma só vez. Assim definiu-se que

a melhor data e local seria no encontro pedagógico, que ocorre todo início de ano letivo e há uma convocação para que todos os servidores docentes estejam presentes neste dia.

Também foi definida a trilha histórica que norteou a escolha e o agrupamento das fotografias com o objetivo despertar lembranças e memórias dos visitantes a partir da História e memória do campus. A trilha histórica foi construída levando em consideração as categorias geradas na análise de dados das entrevistas em história oral, realizadas nesta pesquisa e ficou representada da seguinte maneira:

- Origem do IFMG campus Congonhas e a Trajetória da Educação Profissional Tecnológica
- Evolução do IFMG campus Congonhas
- Espaços de Memória
- Pessoas
- Celebrações
- Perspectivas de futuro

Após a definição das trilhas históricas da exposição, foi a hora de organizar a disposição das fotos, a criação de pequenas descrições para deixar a exposição interativa com o público. Como a exposição foi realizada na própria instituição e em espaço não formal e não convencional, grandes alterações de espaços não foram possíveis de serem realizadas. O cronograma da exposição é demonstrado no Quadro 11:

Quadro 11 - Cronograma de montagem e desmontagem da exposição

<b>Atividade/período</b>	<b>Nov/23</b>	<b>Dez/23</b>	<b>Jan/24</b>	<b>Fev/24</b>
Levantamento/definição do Acervo	X	X		
Definir o tema e o nome da exposição		X		
Selecionar as fotografias a serem usadas na exposição	X	X		
Criação da identidade da exposição		X	X	
Criação do material expográfico (convite, folder, etc).		X	X	
Solicitar autorização para realizar a exposição		X		
Alinhar a programação da semana pedagógica com a exposição			X	

Envio dos convites da exposição			X	
Definição da forma de apresentação/impressão do acervo			X	
Montagem da Exposição				X
Desmontagem da exposição				X

Fonte: A autora

Após todo o planejamento da exposição caminhamos para a realização/inauguração da exposição no IFMG campus Congonhas. Para isso foi solicitada a direção geral do campus a autorização para realização da exposição nos dias 01 e 02 de fevereiro de 2024, juntamente com a 8º Encontro Pedagógico, que ocorre no início de cada ano letivo. Assim, tivemos a autorização para realização da exposição no prédio de aulas 1.

Em seguida, trabalhamos na elaboração do material expográfico utilizando a plataforma *Canva*, que viabilizou a criação do convite, folders para divulgação da exposição. O convite para a exposição foi enviado no dia 26/01/2024, pela área pedagógica aos emails dos TAEs e docentes do campus Congonhas, juntamente com a convocação para o 8º Encontro Pedagógico. O material produzido levou em consideração as propostas Alambert e Monteiro (1990) e Cury, (2005). O seguinte texto (Quadro 12) e a Figura 7 foram enviados juntamente com o convite da exposição aos servidores:

#### Quadro 12 - Texto convite da exposição

##### “Conhecer para pertencer – Histórias e Memórias do IFMG campus Congonhas

O IFMG campus Congonhas tem uma história rica e fascinante, que antecede a criação dos Institutos Federais. Em 2006, a instituição foi criada como uma Unidade de Ensino Descentralizada – UNED Congonhas, ligada ao antigo CEFET- Ouro Preto. Com a Lei 11.892/2008 que originou o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, a UNED se transformou em um dos primeiros campi do IFMG. De lá para cá, o campus não parou de crescer e se desenvolver, oferecendo educação profissional e tecnológica de qualidade para a região.

Uma das riquezas do IFMG campus Congonhas é a diversidade de experiências e narrativas que compõem a sua trajetória. Quem passou por aqui, seja como estudante, docente, técnico ou terceirizado, tem uma história para contar. Histórias de aprendizado, de superação, de luta, de celebração. Histórias que fazem parte da identidade e da cultura da instituição.

Hoje, o IFMG Congonhas é reconhecido não apenas pela qualidade de seus cursos e pela excelência de seus profissionais, mas também pela sua importante contribuição para o

desenvolvimento social e econômico da região. Por isso deve-se preservar e compartilhar a história e as memórias dessa instituição escolar tão especial.

Para que possamos valorizar e preservar esse capítulo da Educação, Profissional e Tecnológica é importante que todos tenham a oportunidade de conhecer mais sobre ela. Por isso, convidamos vocês a se juntarem a nós nessa jornada de descoberta e aprendizado, pois só assim podemos nos sentir parte dessa história.

Fonte: A autora

Figura 7 - Convite da Exposição



Fonte: A autora.

A identidade visual criada para exposição, tanto para a divulgação quanto para a elaboração dos banners, foi inspirada nas cores do IFMG.

#### 5.2.1.1 A etapa de Montagem da exposição

A fase de montagem da exposição, envolveu o deslocamento dos banners impressos até o edifício de aula 1 do campus Congonhas do IFMG, tarefa conduzida pela

pesquisadora. Os banners foram afixados utilizando os suportes que foram solicitados e disponibilizados pela instituição.

Iniciou-se a montagem da exposição às 11:00h do dia 01/02/2024, no primeiro andar do prédio de aulas 1, distribuindo nove banners no espaço selecionado, conforme as Figuras 8, 9 e 10. Como não se podia alterar o espaço para a exposição, adaptamos a exposição ao ambiente, por isso adotou-se o uso dos banners para impressão e apresentação das fotografias. Dois fatores influenciaram a seleção do Prédio de Aula 1 como local da exposição: inicialmente, sua escolha deveu-se à realização do encontro pedagógico no seu auditório; e em segundo lugar, e mais significativo, é o fato de ser o edifício inaugural da instituição educacional, marcando o começo da trajetória da então UNED Congonhas, sendo um local repleto de histórias e lembranças.

Figura 8 - Registro da exposição I



Fonte: A autora

Figura 9 - Registro da exposição II



Fonte: A autora

Figura 10 - Registro da exposição IV



Fonte: A autora

A disposição dos banners foi realizada considerando a trilha histórica da exposição, o espaço disponível, as condições de iluminação e o clima. A configuração foi pensada para garantir uma agradável experiência visual, respeitando a estrutura local.

No dia da exposição a pesquisadora ficou responsável em atender os visitantes, tirando dúvidas, coletando assinaturas na lista de presença e solicitando ao final da visita a avaliação da exposição. O formulário de avaliação (Quadro 13), buscou identificar qual a sensação que a exposição despertou em seus visitantes. Optamos por uma avaliação simples e objetiva e que ocorresse de forma rápida, após a visita a exposição e consideramos a programação do evento que ocorria concomitante.

## Quadro 13 - Formulário de Avaliação da Exposição

<b>FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO</b>	
Nome (opcional): _____	
Vínculo Institucional: ( ) Docente ( ) Técnico Administrativo ( ) Outro _____	
Defina em uma palavra a <b>sensação</b> que a exposição: “Conhecer para Pertencer: Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas”, despertou em você. _____	
Data: ___/02/2024	Agradecemos a sua visita.

Fonte: Elaborado pela Autora/2024.

A partir da avaliação dos visitantes iremos realizar a análise dos dados obtidos, como forma de validar o produto educacional e enriquecer ainda mais esta pesquisa.

### **5.3 A exposição: Conhecer para Pertencer: Histórias e Memórias do IFMG Campus Congonhas**

A exposição Conhecer para pertencer: Histórias e Memórias do IFMG campus Congonhas, ocorreu nos dias 01 e 02/02/2023, no Hall do Prédio I do próprio campus situado a Av. Michael Pereira de Souza 3007, Congonhas, MG, 36417-050. O Prédio aulas I, foi a primeira construção do campus, sendo inaugurado em 2008, pelo então presidente Lula Inácio da Silva.

Durante o período da exposição foram registradas no livro de presença um total 70 (setenta) visitantes, sendo 47 (quarenta e sete) docentes, 12 (doze) técnicos administrativos em educação - TAE e 11 (onze) pessoas que não servidores do campus - categoria outros.

O layout da exposição foi montado de maneira a utilizar o espaço do hall de entrada do prédio de aulas 1 da melhor maneira possível. Na entrada da exposição foi colocado um banner com a descrição da exposição, bem semelhante ao convite que foi enviado aos servidores. (Figura 11).

Figura 11 - Banner de apresentação da exposição

---

# EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA



## CONHECER PARA PERTENCER

*HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO IFMG CAMPUS CONGONHAS*

**IFMG CAMPUS  
CONGONHAS**

---

AV MICHAEL PEREIRA DE SOUZA 3007, CONGONHAS, MG,  
36417-030

Fonte: A autora.

Na entrada do prédio, os visitantes foram recepcionados pela pesquisadora e receberam folhetos informativos da exposição (Figuras 12 e 13). Solicitou-se que cada visitante deixasse sua assinatura no livro de registros para marcar sua presença. Durante o percurso da exposição, a pesquisadora esclareceu as dúvidas que surgiram.

Figura 12 - Folder da Exposição - Parte 1

## Produto Educacional

**Mestrado**

No Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFMG campus Ouro Branco, um dos requisitos para a obtenção do título de mestre é a elaboração de um produto educacional. Para a pesquisa intitulada "História do IFMG campus Congonhas: Narrativas e Identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar" o PE escolhido foi a elaboração de uma exposição, que visa divulgar a trajetória histórica do campus, as memórias e as identidades dos sujeitos envolvidos na sua criação e desenvolvimento.

**História e Memórias**

Uma exposição é uma forma de contar uma história, de preservar e valorizar a nossa memória e também de estimular reflexões e questionamentos sobre o passado, o presente e o futuro.

**Identidade e Pertencimento**

A memória é um processo dinâmico e seletivo que usa o passado como referência. Ela é fundamental para criar laços de pertencimento a histórias e vivências compartilhadas, o que forma as identidades dos indivíduos que as vivenciam.

Renata Borges Raimundo  
Curadoria e Montagem



Local: IFMG campus Congonhas  
Endereço: Av Michael Pereira de Souza,  
3007, Congonhas, MG,  
36417-050  
Visitação: 01/02 a 02/02/2023

## EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA



## Conhecer para Pertencer

HISTÓRAS E MEMÓRIAS DO IFMG CAMPUS CONGONHAS

Fonte: A autora.

Figura 13 - Folder da Exposição - parte 2

## Conhecer para pertencer:

Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas

Venha conhecer a história e as memórias do IFMG campus Congonhas, uma instituição que nasceu antes mesmo dos Institutos Federais existirem. Em 2006, ela começou como uma Unidade de Ensino Descentralizada – UNED Congonhas, vinculada ao antigo CEFET- Ouro Preto. Em 2008, com a Lei 11.892 que criou os Institutos Federais, a UNED Congonhas se tornou em um dos primeiros campi do IFMG. Desde então, o campus vem crescendo e se desenvolvendo, oferecendo educação profissional e tecnológica de qualidade para a região. A exposição está dividida em seis núcleos que mostram essa trajetória rica e fascinante.

## Trilha Histórica

*Origem do IFMG Campus e a Trajetória da Educação Profissional Tecnológica - EPT*

Para situar a origem do IFMG campus Congonhas, apresentamos a linha do tempo da EPT, que tem como marco Inicial a criação das Escolas de Aprendizizes Artífices em 1909.

*Evolução do IFMG campus Congonhas*

A evolução do IFMG campus Congonhas é representada a partir de imagens que retratam algumas etapas de cada obra do campus que coleciona inaugurações ao longo dos anos desde 2007.

*Espaços de memória*

Neste núcleo mostramos imagens que os próprios servidores do campus Congonhas nos enviaram, e que revelam lugares que trazem alegria, nostalgia e que guardam a história da instituição e das pessoas que nela trabalharam ou trabalham.

*Pessoas*

As fotografias mostram as diferentes profissões dos servidores, os projetos que eles realizam na instituição, e como eles trabalham juntos com dedicação, envolvimento e sintonia de propósitos e interesses.

*Celebrações*


Uma maneira de celebrar o passado e o presente é guardar na memória os momentos de felicidade, gratidão e reconhecimento. As celebrações fazem parte da história e da identidade da instituição, que se orgulha de sua trajetória.

*Perspectivas de Futuro*

As perspectivas de futuro são apresentadas por meio de uma nuvem de palavras. Essa nuvem representa as principais ideias e sentimentos que alguns servidores do campus Congonhas expressaram em entrevistas realizadas pelo Professor Matheus Faleiros ao projeto "IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras".

E para você, quais são as perspectivas de futuro para o IFMG campus Congonhas?

Não esqueça de avaliar Exposição "Conhecer para Pertencer"




Fonte: A autora.

A exposição seguiu a trilha história detalhada no folder (Figuras 12 e 13), e organizada em 6 seções. A seguir, detalharemos cada seção que será acompanhada pelo banner correspondente.

### 5.3.1 Origem do IFMG Campus e a Trajetória da EPT

Para situar a origem do IFMG campus Congonhas, apresentamos a linha do tempo da EPT (Figura 14), que tem como marco inicial a criação das Escolas de Aprendizizes Artífices em 1909. Representamos a transformação dessas instituições em Liceus Industriais em 1937 e para Escola Técnica ocorrida em 1942. Como o IFMG campus Congonhas iniciou suas atividades como UNED do CEFET-OP, também indicamos o nascimento desta instituição em 1944 como uma Escola Técnica Federal que se transformou em CEFET apenas em 2002. A Uned Congonhas foi concebida em 2006 e se transformou em um dos primeiros do IFMG em 2008.

Figura 14 - Banner Linha do Tempo












**INSTITUTO FEDERAL**  
Minas Gerais  
Campus Congonhas

## LINHA DO TEMPO

Conhecer a origem, a evolução e as transformações de uma instituição escolar é uma maneira de compreender melhor o presente e projetar o futuro, preservando o legado e a memória de quem fez e faz parte dessa história.

---

<b>1909</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação das Escolas de Aprendizizes Artífices - Marco Inicial da EPT.</li> </ul>	
<b>1937</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transformação das Escolas de Aprendizizes Artífices em Liceus Industriais.</li> </ul>	
<b>1942</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os Liceus Industriais passam a se chamar Escolas Técnicas Industriais.</li> </ul>	
<b>1944</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Instalada oficialmente a Escola Técnica Federal de Ouro Preto.</li> </ul>	
<b>1959</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ETFOP é elevada à condição de Autarquia Federal, e administrativa.</li> </ul>	
<b>2002</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ETFOP torna-se Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto (CEFET - OP).</li> </ul>	
<b>2006</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação da UNED Congonhas, com funcionamento na Escola Judith Augusta, no bairro Dom Oscar.</li> </ul>	
<b>2008</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A UNED Congonhas é transformada em um dos primeiros campi do IFMG.</li> </ul>	
<b>2010-2019</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação de cursos técnicos integrados, subsequente e concomitante. Graduações e pós-graduação. Ampliação do campus.</li> </ul>	

Fonte: A autora.

### 5.3.2 Evolução do IFMG campus Congonhas

A evolução do IFMG campus Congonhas é representada a partir de imagens que retratam algumas etapas de cada obra do campus que coleciona inaugurações ao longo dos anos, conforme retratado na Figura 15:

Figura 15 - Evolução do Campus Congonhas



Fonte: A autora.

### 5.3.3 Espaços de memória

Nesta seção apresentamos imagens cedidas pelos servidores do campus Congonhas e que revelam lugares que trazem alegria, nostalgia e que guardam a história da instituição e das pessoas que nela trabalharam ou trabalham (Figura 16).

Figura 16 - Espaços de memória



Fonte: A autora.

### 5.3.4 Pessoas

As fotografias desta seção mostram as diferentes profissões dos servidores, os projetos que eles realizam na instituição, e como eles trabalham juntos com dedicação, envolvimento e sintonia de propósitos e interesses (Figura 17)

Figura 17 - Banner Pessoas



Fonte: A autora.

No arquivo institucional, encontramos fotos que registram alguns dos projetos mais importantes e memoráveis do campus e que fazem parte da história e da identidade dos

servidores. São também projetos que envolvem a extensão e a integração com a comunidade, abrindo as portas da escola para o público externo.

### 5.3.5 Celebrações

Uma maneira de celebrar o passado e o presente é guardar na memória os momentos de felicidade, gratidão e reconhecimento. As celebrações fazem parte da história e da identidade da instituição. Neste banner representado pela Figura 18, foram selecionadas 7 (sete) fotografias que envolvem momentos de confraternização dos servidores como amigo ocultos, almoço de confraternização de fim de ano, formaturas, aniversários, chá de fraldas.

Figura 18 - Banner Celebrações



Fonte: A autora.

### 5.3.5.1 Comemoração 5 anos do IFMG Campus Congonhas

A comemoração de 5 anos do IFMG campus Congonhas, ocorreu em 2011 considerando o tempo de UNED e de IF. Esta comemoração foi marcada pela inauguração dos seguintes prédios: Biblioteca, Prédio de administração, Prédio de aulas II e o Centro de Atenção à Saúde - CAS (Figura 19).

Figura 19 - 5 anos do IFMG campus Congonhas



Fonte: A autora.

### 5.3.5.2 Comemoração 10 anos IFMG campus Congonhas

A Comemoração 10 anos IFMG campus Congonhas foi marcada por diversas celebrações. Entregas da medalha, missa, inauguração dos quadros de fotos dos diretores, jogos, inauguração da galeria de fotos dos diretores do campus e para encerrar as festividades houve um jantar dançante em que os servidores e ex-servidores do campus puderam participar e compartilhar deste momento, conforme representado na Figura 20:

Figura 20 - Celebração 10 anos IFMG campus Congonhas



Fonte: A Autora.

### 5.3.6 Perspectivas de futuro

As perspectivas de futuro são apresentadas por meio de uma nuvem de palavras (Figura 21). Essa nuvem representa as principais ideias e sentimentos que alguns servidores do campus Congonhas expressaram em entrevistas realizadas pelo Professor Matheus Faleiros ao projeto “IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras”.

Figura 21 - Banner Perspectivas de Futuro



Fonte: A autora.

### 5.3.7 Registros da visitação

Durante a exposição foi possível perceber como os visitantes ficaram surpresos e felizes com algumas fotografias que se depararam. Seja revivendo momentos no campus, seja na identificação de parentes nas fotografias e servidores que não estão mais no campus.

Também foi possível observar a emoção de um servidor, que presenciou toda a evolução do campus emocionado com todas as histórias e memórias que vivenciou no campus. Creio que como sua aposentadoria se aproxima, a exposição despertou as mais variadas memórias, evidenciando como a trajetória profissional impactou sua vida.

Durante a exposição foi servido um coffee break para os participantes do encontro pedagógico, bem como aos visitantes da exposição presentes. Estes momentos de socialização são sem dúvida uma forma de construir/desenvolver e até mesmo potencializar os sentimentos de pertencimento e identidade com a instituição. Durante este momento de confraternização foi possível presenciar grupos de servidores reunidos, comentando e discutindo sobre algumas fotografias que estavam expostas.

Figura 22 - Registro de visitação I



Fonte: A autora.

Figura 23 - Registro de visitação II



Fonte: A autora.

Figura 24 - Registro de visitação III



Fonte: A autora.

Figura 25 - Registro de visitação IV



Fonte: A autora.

Figura 26 - Registro de visitação V



Fonte: A autora.

Figura 27 - Registro de visitação VI



Fonte: A autora.

### 5.3.8 *Ficha técnica da exposição*

Quadro 14 - Ficha Técnica da Exposição

Número de fotografias: 66 fotos impressas em banner de papel
Fotografias: Arquivos pessoais e acervo da instituição
Curadoria: Renata Borges Raimundo
Apoio financeiro: Recursos Próprios
Apoio institucional - Direção Geral e área pedagógica
Design gráfico - Adriano Henrique Borges Raimundo
Design de montagem - Renata Borges Raimundo
Impressão das fotos - Xerox Segundinho

Fonte: A autora.

### 5.3.9 *Desmontagem da Exposição*

A exposição foi encerrada e desmontada no dia 02/02/2024 às 13:00h. Espera-se que com este produto educacional tenhamos proporcionado aos visitantes histórias e

memórias marcantes. Expressamos nossa gratidão pela presença e pelo suporte de cada indivíduo que contribuiu para o sucesso da mostra.

#### **5.4 Análises dos resultados e discussões**

A coleta de dados para a realização da análise dos resultados da validação do produto educacional ocorreu no dia da exposição. Solicitamos aos visitantes que, após percorrerem a trilha histórica da exposição, respondesse a seguinte pergunta: Defina em uma palavra a sensação que a exposição: “Conhecer para Pertencer: Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas”, despertou em você. Era opcional os visitantes se identificarem, mas deveriam assinalar qual era o seu cargo na instituição.

A análise dos dados coletados foi realizada a partir da utilização da nuvem de palavras, Essa ferramenta gráfica nos permite visualizar e compreender padrões em dados qualitativos, a partir da representação do tamanho das palavras de acordo com a frequência que aparecem na pesquisa. Segundo Vilela, Ribeiro e Batista (2020), as nuvens de palavras são “representações gráfico-visual que mostram o grau de frequência das palavras em um texto. Quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico”. Para os autores, o uso da nuvem de palavras gera uma segurança na análise de dados, pois identifica tópicos relevantes a serem considerados nas análises.

A criação das nuvens de palavras foi realizada a partir da utilização do software MAXqda versão 2022. Este programa auxilia na análise de dados qualitativos e métodos mistos em pesquisas, oferecendo uma série de ferramentas visuais, incluindo a nuvem de palavras. Outra ferramenta utilizada foi o excel para produzir gráficos, complementando a análise de dados.

A exposição contou com a presença de 70 (setenta) visitantes ao longo dos dois dias de duração e foram realizadas 53 (cinquenta e três) avaliações do PE. Todas as respostas recebidas fizeram parte da análise de dados. Para elaborarmos a nuvem de palavras fez-se necessário unificar palavras com o mesmo significado, variações de singular e plural e retiramos o adjetivo ‘boas’ que acompanhavam as palavras ‘lembranças’ e ‘memórias’.

As configurações aplicadas para gerar a nuvem de palavras no software MAXqda foram: letra: Impact; distância das palavras: mínimo; palavras mais curtas: mínimo; escala: linear; maior palavra: no centro; cores: Variação de verde; alinhamento - Horizontal. Essas configurações visam garantir uma melhor visualização da nuvem de palavras bem como uma interpretação dos dados mais precisa.

### 5.4.1 Os Visitantes da Exposição

O IFMG campus Congonhas conta com um quadro composto por 115 servidores efetivos, dos quais 70 são docentes e 45 são TAE. Durante a exposição "Conhecer para pertencer", o livro de visitas registrou assinaturas de setenta visitantes. Marcaram presença na exposição 47 docentes representando 67,1% dos visitantes, seguido por 12 TAE correspondendo 17,1 % dos visitantes e na categoria outros com 11 pessoas, o que equivale a 15,7% dos visitantes.

Conforme observado na Figura 28, constatou-se que a maior categoria de visitantes da exposição foram os docentes. Ao definir as datas do dia 01/02 e 02/02/2024 para realizar a exposição, estava claro que o público maior da exposição seriam os docentes, uma vez que houve uma convocação específica para esses servidores estivessem presentes no campus nestes dias. O risco foi calculado, pois o início das aulas no campus Congonhas seria no dia 05/02/2024. Assim, temos um grupo de TAE que estariam de férias neste período e outros que poderiam estar em teletrabalho, devido ao calendário acadêmico. Apesar disso, esta época seria aquela em que haveria mais servidores ao mesmo tempo na escola.

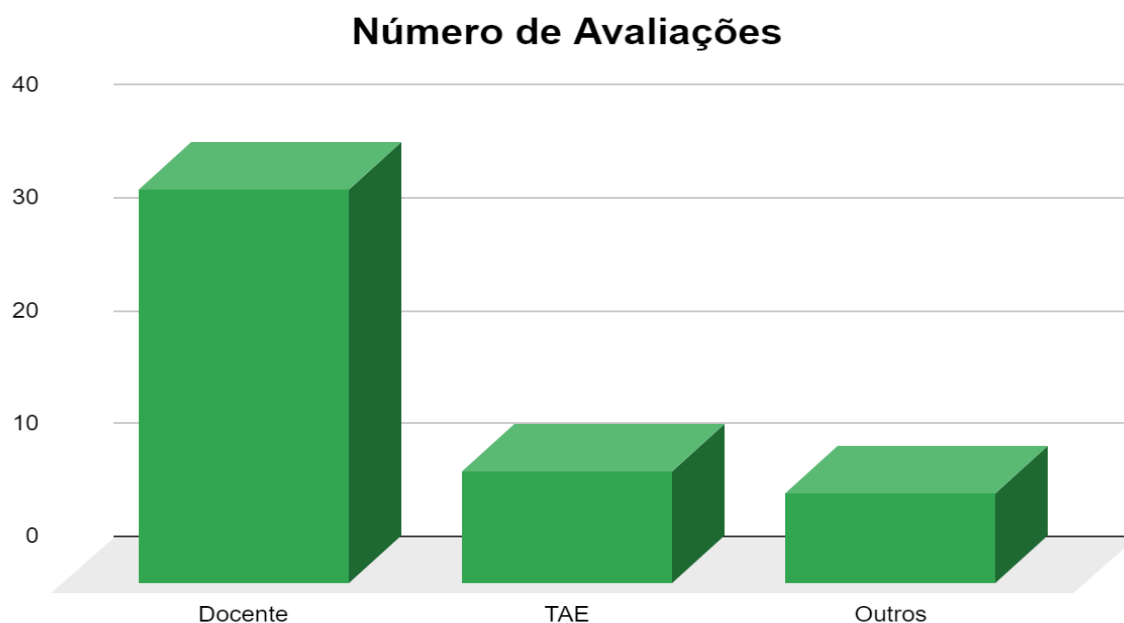
Figura 28 - Gráfico de número de visitantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação à validação do produto educacional, obtivemos 53 (cinquenta e três) respostas no formulário de avaliação da exposição, sendo 35 avaliações realizadas por docentes, 10 avaliações TAE e 8 avaliações de outras categorias, conforme demonstrado na Figura 29.

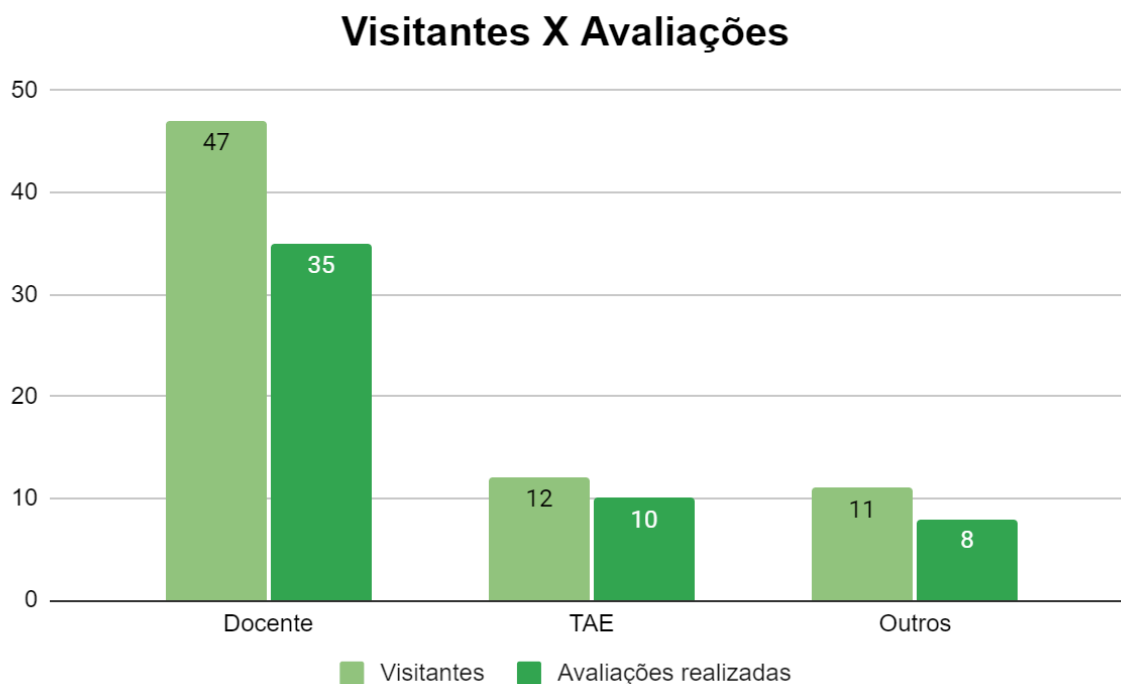
Figura 29 - Número de avaliações da exposição



Fonte: Elaborado pela autora.

A avaliação da exposição era opcional, o que é evidenciado na Figura 30, em que se nota que não houve uma adesão total ao processo de avaliação. Dos 70 visitantes que compareceram à exposição, 53 realizaram as avaliações, o que representa 75,7% do público total. Este percentual é significativo, considerando que alguns visitantes estiveram presentes nos dois dias de exposição e realizaram apenas uma avaliação.

Figura 30 - Número de visitantes X número de avaliações



Fonte: Elaborado pela autora.

#### 5.4.2 Nuvem de palavras

Para a elaboração da nuvem de palavras foram contabilizadas 53 respostas ao formulário de avaliação, com a variação de 28 palavras no total. As palavras têm tamanhos e cores diferentes, de acordo com a frequência e a relevância que elas tiveram para os participantes. Assim, é possível observar as principais sensações que a exposição despertou em todos os visitantes que responderam o formulário de avaliação, conforme representado na Figura 31.

Figura 31 - Nuvem de palavras Formulários



Fonte: Elaborado pela autora utilizando o software MAXQDA versão 2022.

Analisando a nuvem de palavras, observa-se que a exposição fotográfica despertou as mais diversas sensações em seus visitantes, e oferece um panorama valioso sobre as sensações despertadas no público durante a exposição. Esta análise encaixa-se com as falas de Felipe e Pinho (2018), que nos diz que as fotografias tocam as pessoas de maneiras diferentes, sendo objeto de construção social e de fonte histórica. Isto porque a reação das pessoas podem ser influenciadas por cada história e memória por detrás de determinada fotografia, podendo gerar uma conexão emocional com a mostra.

A partir da nuvem de palavras, nota-se que as palavras mais recorrentes nas respostas dos visitantes da exposição foram: Saudade, Lembranças, Pertencimento, Nostalgia e Excelente. Estas palavras refletem uma conexão emocional estabelecida com a exposição. A seguir, apresentamos um recorte da nuvem de palavras gerada a partir de uma frequência mínima de três repetições das palavras no formulário de avaliação, conforme ilustrado na Figura 32:

Figura 32 - Nuvem de palavras - Frequência mínima 3



Fonte: Elaborado pela autora utilizando o software MAXQDA versão 2022.

A análise das respostas dos visitantes da exposição revelou que a palavra 'Saudade' foi a mais mencionada, correspondendo a 17,0% do total. Seguiram-se 'Lembranças', com 11,3%; 'Nostalgia', com 9,4%; e 'Pertencimento' e 'Excelente', ambas com 5,7%, conforme demonstrado na Figura 33:.

Figura 33 - Maiores Recorrência da Nuvem de Palavras



Fonte: A autora.

A Figura 34, ilustra o sentimento que mais frequentemente emerge durante a avaliação da exposição. Quando sentimos saudade estamos evocando memórias e experiências que aconteceram e que temos vontade de revivê-las. Os motivos de sentir saudade podem estar associados a diversos contextos e a exposição realizada nesta pesquisa

pode ter despertado, uma vez que a saudade remete ao passado, a memórias afetivas que podem ser ativadas de diversas formas, como por lugares, cheiros, fotos.

Figura 34 - Palavra mais recorrente

# Saudade

Fonte: Elaborado pela autora utilizando o software MAXQDA versão 2022.

A saudade também nos remete ao pertencimento, uma vez que o sentir saudades nos relembra que fazemos parte de algo maior que temos carinho e faz parte da nossa história e identidade. Liblink (2016) ressalta que a memória é uma ferramenta que auxilia na construção do sentimento de pertencimento, devido ao passado e experiências vividos em comum, como também remete a constituição de identidade, conforme destaca Dubar (2005) que parte do princípio que a identidade é construída socialmente.

As palavras saudade, nostalgia e lembranças são palavras que nos remetem ao passado e porque não dizer memórias que podem ser positivas ou negativas, de um tempo que não volta mais. Já a palavra excelente nos traz uma ideia de que a exposição trouxe uma experiência de prazer e ou satisfação, relacionada a um momento de alegria.

A partir das sensações despertadas durante a exposição verificou-se que ela trouxe experiências positivas aos seus visitantes, apresentou conhecimentos relacionadas a história do campus Congonhas e rememorou momentos marcantes da trajetória das pessoas na instituição, contribuindo assim para um despertar do sentimento de pertencimento e identidades dos ali presentes.

Para finalizar, exposição também gerou uma matéria, em que a comunicação do IFMG campus Congonhas divulgou a notícia por e-mail aos docentes e técnicos administrativos, conforme registro na Figura 35:



**CURSOS** ▾

- Técnico
- Graduação
- Pós-Graduação

**INGRESSO** ▾

- Exame de Seleção e Vestibular

**INSTITUCIONAL** ▾

Figura 35 - Notícia sobre a Exposição

## Conhecer para Pertencer: Histórias e Memórias do IFMG Campus Congonhas - Uma Exposição Fotográfica como Produto Educacional

Servidora do IFMG Compartilha Vivências e Conhecimentos por Meio da Arte Visual

Publicado: 08/02/2024 15h11,  
Última modificação: 08/02/2024 16h43

Postar

Curtir 0



No Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre é a elaboração de um produto educacional.

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) Campus Congonhas, uma iniciativa inovadora tem ganhado destaque, unindo educação e arte de forma única. A servidora **Renata Borges Raimundo**, com o comprometimento com a valorização da história institucional, apresentou no seu produto educacional, uma exposição fotográfica que transcende as paredes da sala de aula e leva os espectadores a uma jornada pelo passado, presente e futuro da instituição.

Fonte: <https://www2.ifmg.edu.br/congonhas/noticias/conhecer-para-aprender-historias-e-memorias-do-ifmg-campus-congonhas-uma-exposicao-fotografica-como-produto-educacional>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção final, trata das considerações finais referentes ao desenvolvimentos desta pesquisa, em que foram enfrentados diversos desafios. Vale ressaltar que não procuramos esgotar a temática estudada, mas sim dar início a um movimento no IFMG campus Congonhas para a conservação das histórias e memórias desta instituição escolar.

Esta pesquisa teve como objetivo geral de construir, por meio da história e memória do IFMG campus Congonhas, o sentimento de pertencimento daquele espaço escolar para seus servidores. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa, pode-se apontar que o objetivo proposto foi alcançado. Os servidores que participaram da exposição Conhecer para pertencer: Histórias e memórias do IFMG campus Congonhas, tiveram várias sensações despertadas, destacando-se as palavras mais recorrentes como a saudade, lembranças, nostalgia, excelente e pertencimento.

A partir da realização das entrevistas de História oral realizadas pela pesquisadora e das transcrições das entrevistas do projeto “IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras”, foi possível alcançar os seguintes objetivos específicos da pesquisa: de reconstituir a história de criação do IFMG campus Congonhas até os dias atuais; e rememorar histórias dos servidores no IFMG campus Congonhas. A partir dos testemunhos foi possível estabelecer uma linha do tempo sobre a criação da UNED Congonhas, das condições de trabalho na escola provisória, da mudança para sede nova, das condições da nova sede, da mudança de institucionalidade, evolução do campus Congonhas de cursos e de estrutura física e as memórias associadas a cada fase que essa instituição escolar enfrentou.

Vale ressaltar que a metodologia de história oral nos auxilia na construção e/ou na potencialização do sentimento de pertencimento e de identidade, pois a partir das entrevistas foi possível socializar com os participantes da pesquisa quando foram compartilhadas experiências e memórias sobre o IFMG campus Congonhas. O ato de rememorar nos dá acesso a memórias, percepções e interpretações sobre o passado, que faz com que o sentimento de pertencimento desperte, ao recordar de temáticas que misturam vida pessoal com a história da instituição.

O último objetivo específico era de desenvolver um produto educacional voltado para a história e memória do IFMG campus Congonhas, este objetivo foi alcançado a partir da criação da Exposição Conhecer para Pertencer: Histórias e Memórias, que foi validado pelos visitantes da mostra.

A produção desse produto educacional partiu de uma inquietação com relação a uma elevada rotatividade de servidores do IFMG campus Congonhas. Como uma iniciativa de amenizar a situação, buscamos reconstituir a história do IFMG campus Congonhas e com isso estimular o sentimento de pertencimento e a identidade com o campus, a partir dos registros fotográficos fornecidos pelos servidores e arquivos da instituição.

O nome da exposição “Conhecer para Pertencer”, foi uma ideia que surgiu nas discussões após a apresentação do resumo expandido no seminário do Profept. Os espaços de memória do IFMG campus Congonhas bem como os eventos, formaturas e confraternizações fazem com que os servidores lembrem bons momentos compartilhados nessa instituição escolar, além de contribuírem para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e da formação identitária. E nada como conhecer a história da instituição para se identificar e se sentir parte dela. A partir do conhecimento do contexto de criação e evolução da escola é possível compreender a sua cultura e os seus processos. Este conhecimento histórico nos ajuda a compreender o passado da escola, bem como vislumbrar uma trajetória para o futuro.

Com a elaboração deste produto educacional foi possível a perpetuação da história e a memória da Educação Profissional e Tecnológica e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e identidade a essa instituição escolar. Entendemos que o sentimento de pertencimento e identidade são dinâmicos e podem ser alterados ao passar dos anos, de acordo com o contexto de vida que a pessoa se encontra. No nosso caso, cabe a instituição estar sempre lembrando e reconhecendo os atores dessas histórias para que o sentimento de pertencimento e identidade seja construído, desenvolvido e perpetuado na instituição. É importante reconhecer essa fluidez e entender que senso de pertença e identidade estão nas experiências positivas vividas. O lembrar, recordar, rememorar, reviver as histórias e memórias, despertam emoções e impressões nas pessoas de orgulho de pertencer à instituição.

A partir do alcance do objetivo geral e dos objetivos específicos, foi possível responder a pergunta problema desta pesquisa que foi: de que maneira a construção da história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - campus Congonhas, pode contribuir para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento de seus servidores? A partir da indagação verificou-se, a partir das entrevistas e da validação do produto educacional, que a construção e perpetuação da história e memória institucional é um processo contínuo e de construção conjunta, que é fundamental para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento de seus servidores. Dubar (2005) nos auxilia a compreender que a identidade e o pertencimento são dinâmicos e interligados, e que estão intimamente relacionados ao processo de socialização. Assim, por meio de experiências que a

exposição pode fornecer aos seus visitantes, concluímos que o processo de construção da história e da memória é uma ferramenta de desenvolvimento do sentimento de pertencimento e identidade.

Ao documentar os relatos sobre as memórias da instituição, bem como os marcos históricos, preserva-se o legado da escola para as gerações futuras, promovendo o orgulho de fazer parte da instituição. Ao elaborar a exposição como produto educacional, a partir dos testemunhos dos servidores do campus Congonhas, foi possível rememorar a trajetória do campus Congonhas, valorizando e reconhecendo as pessoas que fizeram ou fazem parte da instituição. Além disso, foi possível relembrar momentos de celebrações e projetos que marcaram época. Essas ações contribuem para uma maior conexão emocional com o instituto, o que faz com que as pessoas se sintam parte de algo do que elas mesmas ajudaram a construir, reforçando o sentimento de pertença e identidade.

A partir da análise de conteúdo realizadas nas entrevistas de história oral desta pesquisa, percebeu-se que a instituição apresenta uma história riquíssima e que merece ser preservada e disseminada no âmbito principalmente do IFMG campus Congonhas. Alguns pontos da história foram destaques nas narrativas e buscamos representar na exposição esses tópicos. A partir desta análise foi possível a produção da trilha histórica da exposição proposta como produto educacional desta dissertação, que foi composta pelas temáticas: Origem do IFMG campus Congonhas e a Trajetória da Educação Profissional Tecnológica; Evolução do IFMG campus Congonhas; Espaços de Memória; Pessoas; Celebrações e Perspectivas de futuro. Ao final da exposição os visitantes realizaram a validação do produto educacional, que buscava saber qual a sensação que a exposição despertou nos visitantes.

Só foi possível alcançar os objetivos propostos a partir do referencial teórico desenvolvido e discutido nesta pesquisa e que integram as contribuições teóricas, no qual, buscou-se contextualizar a história da educação a partir dos estudos sobre as Instituições escolares. Em seguida, percorreu-se o histórico da EPT, em que foi possível identificar os contextos políticos e sociais de desenvolvimento dessa modalidade de ensino. Neste histórico é possível contextualizar a criação da UNED Congonhas bem como o contexto de transformação dessa instituição escolar em IF.

A aplicação da metodologia da história oral viabilizou a preservação de mais um capítulo da EPT. Esta abordagem permite construir conhecimento fundamentado em experiências vividas, a partir da aplicação de um dispositivos legais, por exemplo. Embora a lei seja uma fonte histórica valiosa, ela não captura os efeitos práticos e emocionais das

mudanças ocasionadas por elas. Assim, a história oral é essencial para compreender como as pessoas vivenciaram a implementação da lei, revelando a testemunhos por trás desses textos.

A história oral nos traz as memórias que estão por trás da história oficial e não estão registradas. Nesta pesquisa registrou-se as dificuldades de implantação de um campus, a falta de planejamento e recursos para iniciar as atividades devido às burocracias de planejamento e licitação, que envolvem os recursos públicos. Essas dificuldades viraram histórias de superação e memórias de um tempo com recursos escassos. Essa lacuna pode vir a ser explorada em pesquisas futuras, como desafios enfrentados na concepção e consolidação de uma instituição escolar.

Esta pesquisa evidenciou que a memória institucional se constitui a partir de diferentes fontes, como documentos, arquivos, além das lembranças das pessoas que fizeram ou fazem parte da instituição. Essas memórias adicionam uma dimensão pessoal e única à história e identidade da instituição. Além de ser uma fonte valiosa de pesquisa para historiadores, estudiosos e outras pessoas interessadas em compreender a evolução e o impacto dessas organizações na sociedade ao longo do tempo. Através da preservação e valorização da memória institucional, é possível manter viva a história.

Com relação às contribuições práticas, este trabalho colabora para o uso da história oral como metodologia de pesquisa e ressalta a importância de se preservar as memórias como uma forma de entender os eventos, políticos e sociais, que a EPT vem passando ao longo dos anos. A partir dessa metodologia é possível registrar pontos de vistas de quem passou por determinada situação e como as alterações legais são sentidas por quem executa as atividades, o que muitas vezes não é possível averiguar em outras metodologias de pesquisas.

Outra contribuição prática desta pesquisa é a elaboração de uma exposição como produto educacional em uma instituição escolar. A exposição carrega conhecimento, desperta sentimentos e pode ser usada nos espaços formais e não formais de ensino, além de proporcionar uma experiência multifacetada de acordo com o objetivo que se pretende alcançar.

No que tange às limitações, pode-se destacar a coleta apenas de testemunhos de servidores mais antigos da instituição, dessa forma não tivemos a visão dos novos servidores sobre as histórias e memórias do IFMG Campus Congonhas e como ela é disseminada na instituição. Outra limitação constatada foi a aplicação do produto educacional apenas no IFMG Campus Congonhas. Sabemos da importância da divulgação da História da Educação

Profissional Tecnológica, mas devido ao prazo curto do mestrado e até mesmo recursos financeiros não foi possível realizar uma exposição itinerante.

Futuras pesquisas poderiam ampliar o registro das histórias e memórias de todos os campi do IFMG, como uma iniciativa de preservação da EPT. Tornam-se importantes investigações sobre a origem e desenvolvimento de cada campus, incluindo os desafios enfrentados para a sua consolidação, que foi uma questão bastante pontuada nas entrevistas realizadas e que originaria, uma nova pesquisa. Outra sugestão de pesquisa seria de buscar as causas da rotatividade dos servidores e os impactos causados por este índice.

Diante do exposto, percebe-se a importância do estudo da história das instituições escolares e como essa história ajuda na compreensão do atual formato da educação. E com base no seu histórico de criação, na concepção em que está pautada, possibilita-se a realização de análises de como o Estado e a sociedade tratam as questões escolares e o reflexo de tudo isso nas instituições atualmente.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fabrício Paiva. Entre o lembrar e o esquecer: a construção da memória e a validade do testemunho. **Literatura e Autoritarismo**, [S. l.], n. 16, 2016. DOI: 10.5902/1679849X21504. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/21504>. Acesso em: 08/06/2023.

ARAÚJO, José Júlio César do Nascimento; NICÁCIO, Marcondes de Lima; OLIVEIRA, Selma Suely Baçal de. A Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: Anotações a partir dos governos Collor, Fernando Cardoso e Lula. **Interfaces Científicas**, Aracaju, V.10, N.3, p. 275 - 291. 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/download/8367/4649/30045>. Acesso em 19/02/2023.

ALAMBERT; Clara Correia d', MONTEIRO; Mariana Garrido. **Exposição: Materiais e Técnicas de Montagem**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela S. Caminhos da memória: para fazer uma exposição. Brasília, DF: IBRAM, 2017. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Caminhos-da-Mem%C3%B3ria-Para-fazer-uma-exposi%C3%A7%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 05/07/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.566, de 23 de set. de 1909**. Crêa nas capitaes dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primario e gratuito. Rio de Janeiro. RJ. [1909]. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto\\_7566\\_1909.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf). Acesso em: 06/07/2022.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937**. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro. RJ, [1937]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em: 10/10/2022.

\_\_\_\_\_. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 10 de novembro de 1937**. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1937]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm). Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942**. Lei orgânica do ensino industrial. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1942]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/CCiVil\\_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del4073.htm](https://www.planalto.gov.br/CCiVil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del4073.htm). Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 4.048, de 22 de Janeiro de 1942a**. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI). Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1942]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del4048.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4048.htm). Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto Lei nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942.** Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1942]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4127-25-fevereiro-1942-414123-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.892, de 29 de Dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília, DF. Presidência da República, [2008]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm). Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. Presidência da República, [1961]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4024.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm). Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942.** Lei orgânica do ensino secundário. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1942]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del4244.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4244.htm). Acesso em: 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943.** Lei Orgânica do Ensino Comercial. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1943]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del6141.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del6141.htm). Acesso em: 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 8.529, de 02 de janeiro de 1946.** Lei Orgânica do Ensino Primário. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1946]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946.** Lei Orgânica do Ensino Normal. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1946]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del8530.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del8530.htm). Acesso em: 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946.** Dispõe sobre a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1946]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del8621.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del8621.htm). Acesso em: 27/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 8.622, de 10 de janeiro de 1946.** Dispõe sobre a aprendizagem dos comerciários, estabelece e deveres dos empregadores e dos trabalhadores menores relativamente a essa aprendizagem e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1946]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8622-10-janeiro-1946-416558-norma-pe.html>. Acesso em 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946.** Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1946]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del9613.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del9613.htm). Acesso em: 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 1.076, de 31 de março de 1950.** Assegura aos estudantes que concluírem curso de primeiro ciclo do ensino comercial, industrial ou agrícola, o direito à matrícula nos cursos clássico e científico e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1950]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1076-31-marco-1950-363480-publica-caoriginal-1-pl.html>. Acesso em: 27/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 1.821, de 31 de março de 1953.** Dispõe sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de graus médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1950]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1821-12-marco-1953-366631-publica-caoriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959.** Dispõe sobre nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura, e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ. Presidência da república, [1959]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3552.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3552.htm). Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF. Presidência da república, [1971]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publica-caoriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6.545, de 30 de Junho de 1978.** Dispõe sobre a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e Celso Suckow da Fonseca em Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Brasília, DF. Presidência da república, [1978]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6545.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6545.htm). Acesso em: 21/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.948, de 08 de dezembro de 1994.** Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências. Brasília, DF. Presidência da república, [1994]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1994/lei-8948-8-dezembro-1994-349799-norma-pl.html>. Acesso em: 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Presidência da república, [1996]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 30/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997.** Regulamenta o §2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Presidência da república, [1997]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d2208.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm). Acesso em: 30/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998**. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. Brasília, DF. Presidência da República, [1998]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19649cons.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19649cons.htm). Acesso em: 24/01/2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF. Presidência da República, [2004]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm). Acesso em 01/02/2023.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica - Fase I**. 2005. Disponível em: [/http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=96261-1-plano-expansao-rede-federal-fase-i&category\\_slug=setembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=96261-1-plano-expansao-rede-federal-fase-i&category_slug=setembro-2018-pdf&Itemid=30192)). Acesso em: 21/02/2023.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica - Fase II**. 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=96271-2-chamada-publica-plano-expansao-rede-federal-fase-ii&category\\_slug=setembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=96271-2-chamada-publica-plano-expansao-rede-federal-fase-ii&category_slug=setembro-2018-pdf&Itemid=30192)). Acesso em: 21/02/2023.

\_\_\_\_\_, Presidência da República. **Lei nº. 11.892 de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm). Acesso em: 02 fev 2023.

\_\_\_\_\_, CAPES, Documento de Área - Ensino, Brasília, 2019

CAIRES, Vanessa Guerra; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Educação profissional brasileira: da colônia ao PNE (2014-2024)**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CARMEM, Ariane Filgueira de Medeiros Guerra; NUNES, Albino Oliveira; PONTES, Sandra Renuzia de; SANTOS, Fábio Alexandre Araújo dos. De Escola De Aprendizizes Artífices Aos Institutos Federais: A Transformação Na Educação Profissional Brasileira. **Educação & Linguagem** · ISSN: 2359-277X · ano 7 · nº 1 · p. 40-54. JAN-ABR. 2020 Disponível em: [https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2020/06/3\\_REdLi\\_2020.1.pdf](https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2020/06/3_REdLi_2020.1.pdf). Acesso em: 25/08/2023.

CATARINO, João Marcos Ferreira; PEREIRA, Danilo Assis. Memória: da filosofia à neurociência. *Universitas Ciências da Saúde*. vl 02 n.02. p.154-199. 2004. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/531/352>. Acesso em: 08/06/2023.

CIAVATTA, Maria. A historicidade das reformas da educação profissional. *Cadernos de Pesquisa em Educação-PPGE/UFES. Cadernos de Revista em Educação*. Vitória, ES. a, v.

11, p. 50-64, 2014. Disponível em:  
<https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/10246/7032>. Acesso em 11/01/2023.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em:  
<https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/686/1/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: 25/06/2023.

CUNHA, Maria Soares.; PIMENTEL, Álamo. Panorama Histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. **Vivências**, v. 18, n. 36, p. 25-45, 21 abr. 2022 - Disponível em:  
<http://revistas.uri.br/index.php/vivencias/article/view/702>. Acesso em: 21/01/2023

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em:  
<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 19/07/2023.

\_\_\_\_\_. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. e-book.

DEMARTINI, Zeila de B. F. Memória e Educação: Caminho para a reflexão e diversidade. In WORCMAN, Karen, PEREIRA, Jesus Vasquez (coord). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo : SESC SP : Museu da Pessoa : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: martins fontes, 2005.

FARIAS, Marcella Sarah Figueiras de; MENDONÇA, Andréa Pereira, **Concepções de produtos educacionais para um mestrado profissional**. Manaus, 2019. Disponível em:  
 Acesso em: 05/02/2024. ebook

FELIPE, Carla Beatriz Marques; PINHO, Fábio Assis. Fotografia como dispositivo da Memória Institucional. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, n. 1, p. 89–101, 2018. DOI: 10.21728/logcion.2018v5n1.p89-101. Disponível em:  
<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4339>. Acesso em: 23/01/2023.

FERNANDES, Aleksandra Nogueira de Oliveira; FERNANDES, Stenio de Brito; PAIVA, Marlúcia Menezes de. A história da educação como campo de pesquisa no Brasil: uma historiografia da educação brasileira. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 64, p. 1-17, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/22717>. Acesso em: 28/08/2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação Básica no Brasil na década de 90: Subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educação & Sociedade**. Campinas -SP., v. 24, n.82, p. 93-132, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/fwBNt6pKWJKTdYrCkxHjPdQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em : 23/07/2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio.; CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. A GÊNESE DO DECRETO N. 5.154/2004 um debate no contexto controverso da democracia restrita. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, 6 dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4578/4214>. Acesso em: 23/07/2023.

GARCIA, Adilso de Campos, *et. al.* Educação Profissional no Brasil: origem e trajetória. **Revista Vozes dos Vales**. UFVJM – MG, Nº 13 – Ano VII – 05/2018. Disponível: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2018/05/Edilene1502.pdf>. Acesso em: 01/06/2023.

GATTI JÚNIOR, Décio. História e historiografia das instituições escolares: percursos de pesquisa e questões teórico-metodológicas. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 28, n. 14, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4469>. Acesso em: 28/07/2022.

GATTI JUNIOR, Décio, GATTI, Giseli Cristina do Vale. A história das instituições escolares em revista: Fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente. **Educativa**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 327-359, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/4553/2591>. Acesso em: 26/06/2022.

GONÇALVES NETO, Wenceslau .; CARVALHO, Carlos Henrique de. Instituições escolares e história da educação brasileira: análise dos CBHE e do NEPHE-UFU. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 51–71, 2020. DOI: 10.22483/2177-5796.2020v22n1p51-71. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3579>. Acesso em: 28/08/2023

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/portal>. Acesso em: 26/06/2022.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. O campo da história da educação no Brasil: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 3, p. 167-184, nov. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/JmjrwS8zRwnPthfnm9QhqQs/>. Acesso em: 28/08/2023.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>. Acesso em: 07/07/2023.

KAPLUN, Gabriel. **Material Educativo: a experiência do aprendizado**. Revista Comunicação e Educação, 271, p. 46-60, 2003 Disponível em: [https://ava.cefor.ifes.edu.br/pluginfile.php/1886267/mod\\_resource/content/1/Artigos/1\\_ARTIGO\\_MATERIAL\\_EDUCATIVO.pdf](https://ava.cefor.ifes.edu.br/pluginfile.php/1886267/mod_resource/content/1/Artigos/1_ARTIGO_MATERIAL_EDUCATIVO.pdf). Acesso em 19 set. 2023.

KAUARK, Fabiana. MANHÃES; Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia de Pesquisa: Um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Mariana Andrade. **Metodologia de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. tradução Bernardo Leitão [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Kummer. Depoimentos de Historiadoras: Memória, Reflexão e Sentimentos Acerca de um Ofício em Construção. **Revista Outras Fronteiras**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 76–99, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/180>. Acesso em: 24/07/2023.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. Tradução de Lúcia Haddad, e Revisão técnica: Mariana Maluf. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em: 17/07/2023.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Um Apontamento metodológico sobre a História das Instituições Educativas**. In SOUZA, C., CATANI, D. (Org.). Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. II Congresso Luso-brasileiro de História da Educação. São Paulo, Escrituras, 1998. p. 51-69.

\_\_\_\_\_. **Tecendo nexos: História das Instituições Educativas**. Bragança Paulista. Editora Universitária São Francisco. 2004.

MARCONI, Mariana Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. - 8 reimp. - São Paulo: Atlas 2015.

MEDEIROS NETA, Olivia. Moraes.; LIMA, Eva Lídia Maniçoba de; BARBOSA, Juliana Kelle da Silva Freire; NASCIMENTO, Francineide de Lima Silva. Organização e Estrutura da Educação Profissional no Brasil: da Reforma Capanema às Leis de Equivalência. **HOLOS**, [S. l.], v. 4, p. 223–235, 2018. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6981>. Acesso em: 24/01/2023.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de; ASSIS, Sandra Maria de. Educação profissional no Brasil (1960-2010): uma história entre avanços e recuos. **Revista Tópicos Educacionais**, v.21, n.2, p. 190-212. Recife, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/22424>. Acesso em: 02/06/2023.

MELGAÇO da Silva, Lucas ; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima. História da Educação Profissional no Brasil: do Período Colonial ao Governo Michel Temer (1500-2018). **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 73-101, 2021. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/677>. Acesso em: 22/01/2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. Edições Loyola. São Paulo. Brasil. 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom ; RIBEIRO, Suzano L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto. 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Revista Holos**. Natal, ano 23, v. 2, p. 4-30, 2007. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11>. Acesso em: 07/06/2023.

NEVES, Margarida de Souza. **História e memória: os jogos da memória**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998.

NORA, Pierre.; AUN KHOURY, T. Y. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. Tradução por Yara Aun Khoury . **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 22/07/2023.

NOVAK, Joseph Donald. GOWIN, D. Bob. **Aprender a aprender**. Lisboa, Editora: Paralelo, 1984.

NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester.; **Instituições Escolares: por que e como pesquisar**. ed.1 Campinas: Alínea, 2008. Disponível em: [https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad\\_pesq5/2\\_instituicoes\\_cp5.pdf](https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad_pesq5/2_instituicoes_cp5.pdf). Acesso em: 26/06/2022.

OLIVEIRA, Leonora Azevedo. **Patrimônio Cultural, Memória e Identidade: Um estudo etnográfico sobre processos de interação de atores humanos com monumentos cívicos**. 2018 Tese (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais). Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: [https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8198/4/TES\\_LENORA\\_AZEVEDO\\_DE\\_OLIVEIRA\\_COMPLETO.pdf](https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8198/4/TES_LENORA_AZEVEDO_DE_OLIVEIRA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 26/06/2022.

OLIVEIRA, Pablo Menezes. Tão antiga, Tão nova: breves notas para uma história da Educação Profissional no Brasil. in: OLIVEIRA, Adilson Ribeiro et.al (org). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: da história à teoria, da teoria a práxis**. Curitiba : CRV, 2020. p.45 a 66. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/ourobranco/noticias/professores-e-alunos-do-ifmg-publicam-livro-so-bre-educacao-profissional-e-tecnologica/LivroProfEPT2020.pdf>. Acesso em: 22/06/2022.

OLIVEIRA, Pablo Menezes e.; GONÇALVES, Irlen Antônio.; PEREIRA, Fernanda Daniele de Abreu. Educação e ensino profissional no Brasil: o estado do conhecimento das produções de pesquisas no âmbito da História da Educação Profissional. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 24, n. 44, p. 9–33, 2021. DOI: 10.36704/eef.v24i44.6124. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/6124>. Acesso em: 27/06/2023.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os institutos federais** : uma revolução na educação profissional e tecnológica. Natal : IFRN, 2010. 28 p. Disponível em:  
<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1013/Os%20institutos%20federais%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed>  
 ☰. Acesso em: 23/01/2023.

PACHECO, Eliezer. **Fundamentos político-pedagógicos dos institutos federais**: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora. Natal : IFRN, 67 p. 2015. Disponível em:  
<https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1018/Fundamentos%20Poli%CC%81tico-Pedago%CC%81gicos%20dos%20Institutos%20Federais%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23/01/2023

PACHECO, Eliezer Moreira; PEREIRA, Luiz Augusto Caldas; DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**: limites e possibilidades. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 16, n. 30, p. 71-88, jan./jun. 2010. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3568/3254>. Acesso em: 10/11/2022.

PARRELA, Ivana; NASCIMENTO, Adalson. Memória Institucional e Arquivologia: uma discussão teórico- metodológica. **Perspectivas em Ciência da Informação** [online]. v.24, número especial, p.176-188, jan./mar.2019. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/1981-5344/3901>. Acesso em: 06/07/2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em:  
<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 24/07/2023.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, vol. 1, nº 2, 1996. Disponível em:  
[https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-3.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf). Acesso em: 21/02/2023.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, nº 14, São Paulo, fevereiro/1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acesso em: 23/03/2023.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. Ética e História Oral, abril/1997a. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Acesso em: 29/06/2023.

\_\_\_\_\_. História Oral como Gênero. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 2001. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728>. Acesso em: 23/03/2023.

\_\_\_\_\_. **História oral como a arte da escuta**. Tradução por Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e voz. 2016.

RAIMUNDO, Renata Borges. **[Coleta de dados para a pesquisa]**. Destinatário: Pró-reitoria de Gestão de Pessoas do IFMG. Belo Horizonte, 12 mar. 2024.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Coleção Formação Pedagógica. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, v. 5. 2014.

RUEDA; Valéria Matias da Silva, FREITAS; Aline de, VALLS; Valéria Martin. Memória Institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 78-89, abr. 2011 | <http://revista.crb8.org.br>  
Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/46587> Acesso em: 22/07/2023.

SANDY, Danielly Dias. **Contextualizando o universo das exposições**. (Livro Eletrônico). Curitiba: InterSaberes. 2022.

SANTOS, José Deribaldo Gomes dos. A profissionalização imposta por decreto: notas sobre a reformulação neoliberal na educação dos trabalhadores brasileiros. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 230–240, 2017. DOI: 10.9771/gmed.v9i3.20976. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/20976>. Acesso em: 22/06/2023.

SAVIANI, Dermerval. Instituições Escolares: Conceito, História, Historiografia e Práticas. **Cadernos de História da Educação**, [S. l.], v. 4, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SCARPIM, Fábio Augusto, TREVISAN, Mariana Bonat. História e memória: Diálogos e tensões. (Livro eletrônico). Curitiba: InterSaberes, 2018.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, Paul. História Oral: Patrimônio do passado e espírito do futuro. In WORCMAN, Karen, PEREIRA, Jesus Vasquez (coord). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo : SESC SP : Museu da Pessoa : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

TOSO, Cláudia Eliane Ilgenfritz. **Conhecer para Pertencer**: A relação criança, escola e cidade. 2018. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. 2018. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/6063/CL%20%81UDIA%20ELIANE%20ILGENFRITZ%20TOSO.pdf?sequence=5&isAllowed=y>. Acesso em: 26/06/2022.

VILELA, Rosana Brandão; RIBEIRO, Adenize; BATISTA, Nildo Alves. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo. **Millenium**, n.11, pp.29-36, 2020. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/563/587>. Acesso em: 18/02/2024

WERLE, Flávia. Obino. Corrêa. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. **Cadernos de História da Educação**, v. 3, jan./dez. 2004. [S. l.], v. 3, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/369>. Acesso em: 23/03/2023.

WORCMAN, Karen, PEREIRA, Jesus Vasquez (coord). **História falada:** memória, rede e mudança social. São Paulo : SESC SP : Museu da Pessoa : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

## APÊNDICE

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE*

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **História do IFMG Campus Congonhas: Narrativas e identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar**, sob a responsabilidade da pesquisadora Renata Borges Raimundo.

O objetivo desta pesquisa é construir, por meio da história e memória do IFMG campus Congonhas, o sentimento de pertencimento daquele espaço educativo, para seus servidores. A partir dessa pesquisa será possível compreender melhor o contexto de criação do IFMG campus Congonhas e como se dá as permanências e saídas do campus e o impacto dessa rotatividade na construção da identidade e conseqüentemente no sentimento de pertencimento gerado em seus servidores.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de entrevista de história oral e a mesma será gravada. O local da entrevista será no próprio IFMG campus Congonhas, de acordo com a sua disponibilidade de data e horário. A entrevista pode variar de uma a duas horas para a sua realização, podendo ser agendada outra entrevista para maiores esclarecimentos, se necessário.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são: Cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista; Constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo, Alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias, medo de não saber responder ou de ser identificado, estresse ou dano, quebra de sigilo/anônimo/ confidenciabilidade. Para mitigar os riscos e danos possíveis serão adotadas as seguintes medidas de precaução/prevenção: os participantes da pesquisa receberam esclarecimento prévio sobre a pesquisa através da leitura do TCLE; a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento; participação será voluntária, as respostas serão confidenciais e serão resguardadas pelo sigilo dos pesquisadores durante a pesquisa e divulgação dos resultados, assegurado também o anonimato, assistência psicológica se necessária que será direcionada a equipe qualificada (representadas pelos pesquisadores responsáveis) para encaminhamento/providências. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção da história e memória do IFMG campus Congonhas, a partir do olhar de seus servidores.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação, que será voluntária.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Caso você/senhor/senhora sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, o senhor(a) pode procurar o pesquisador responsável para que possamos ajudá-lo.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no IFMG podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Renata Borges Raimundo Cel: (31) 9 8806 5699, no IFMG no telefone (31) 3731 8120 disponível inclusive para ligação a cobrar, e email [renatinharbr@hotmail.com](mailto:renatinharbr@hotmail.com).

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FASAR. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP/FASAR se localiza na Estrada Real, KM 02 Conselheiro Lafaiete, MG - Brasil CEP: 36400-000. Telefax (31) 3062-2025.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

\_\_\_\_\_  
Nome / assinatura

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável  
Renata Borges Raimundo

Congonhas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**APÊNDICE B**

## Aprovação Comitê de Ética

FACULDADE SANTA RITA -  
FASAR**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** História do IFMG campus Congonhas: Narrativas e identidades em torno do processo de construção de um espaço escolar.

**Pesquisador:** RENATA BORGES RAIMUNDO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 65118522.5.0000.8122

**Instituição Proponente:** INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE MINAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.777.013

**Apresentação do Projeto:**

Projeto intitulado projeto pdf postado dia 09/11/2022 no item Introdução na página 3 consta as seguintes informações sobre o projeto de pesquisa:

"Este projeto de pesquisa tem como objetivo principal construir, por meio da história e memória do IFMG campus Congonhas, o sentimento de pertencimento daquele espaço educativo, para seus servidores, usando a metodologia de entrevista de história oral. Para alcançar esse objetivo iremos reconstituir a história de criação do IFMG campus Congonhas até os dias atuais; rememorar histórias dos servidores e desenvolver um produto educacional voltado para a história e memória do IFMG campus Congonhas. O produto educacional proposto será de uma exposição física, com o intuito de resgatar o sentimento de pertencimento dos servidores desta instituição escolar"

**Objetivo da Pesquisa:**

No projeto pdf postado dia 09/11/2022 na página 5 nos itens 1.2 e 1.3 foram descritos os objetivos geral e específicos como segue abaixo:

**Objetivo geral:**

Construir, por meio da história e memória do IFMG campus Congonhas, o sentimento de pertencimento daquele espaço educativo, para seus servidores.

FACULDADE SANTA RITA -  
FASAR



Continuação do Parecer: 5.777.013

**Objetivos específicos:**

Reconstituir a história de criação do IFMG campus Congonhas até os dias atuais;  
Rememorar histórias dos servidores no IFMG Campus Congonhas;  
Desenvolver um produto educacional voltado para a história e memória do IFMG campus Congonhas.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

No projeto pdf postado no dia 09/11/2022 foram descritos os seguintes riscos e benefícios aos participantes da pesquisa:

**Riscos:**

- Cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista;
- Constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo
- Alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias
- Medo de não saber responder ou de ser identificado
- Estresse ou dano
- Quebra de sigilo/anonimato/ confiabilidade.

**Benefícios:**

Os participantes desta pesquisa estarão ajudando a construir e registrar parte da história da Educação Profissional Tecnológica no Brasil, nos ajudando a entender melhor como se dá a construção dos espaços escolares. Além de auxiliar no resgate ao sentimento de pertencimento da comunidade escolar. Esses benefícios podem ser diretos se a pesquisa alcançar os objetivos propostos ou indiretos, trazendo um retorno a comunidade do IFMG campus Congonhas, por meio da divulgação, elaboração e disponibilização do produto educacional a ser elaborado.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este projeto de pesquisa tem como objetivo principal construir, por meio da história e memória do IFMG campus Congonhas, o sentimento de pertencimento daquele espaço educativo, para seus servidores, usando a metodologia de entrevista de história oral. Para alcançar esse objetivo iremos reconstituir a história de criação do IFMG campus Congonhas até os dias atuais; rememorar histórias dos servidores e desenvolver um produto educacional voltado para a história e memória do IFMG campus Congonhas. O produto educacional proposto será de uma exposição física, com o intuito de resgatar o sentimento de pertencimento dos

**Endereço:** Estrada Real Km 2, Conselheiro Lafaiete, MG  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 36.400-000  
**UF:** MG **Município:** CONSELHEIRO LAFAIETE  
**Telefone:** (31)3062-2018 **E-mail:** comiteticapesquisa@fasar.com.br

FACULDADE SANTA RITA -  
FASAR



Continuação do Parecer: 5.777.013

Outros	Colegiado.pdf	09/11/2022 11:22:12	RENATA BORGES RAIMUNDO	Aceito
--------	---------------	------------------------	---------------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CONSELHEIRO LAFAIETE, 24 de Novembro de 2022

Assinado por:

**DANIELLE CRISTIANE CORREA DE PAULA**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Estrada Real Km 2, Conselheiro Lafaiete, MG

**Bairro:** CENTRO **CEP:** 36.400-000

**UF:** MG **Município:** CONSELHEIRO LAFAIETE

**Telefone:** (31)3062-2016

**E-mail:** comiteticapesquisa@fasar.com.br

## ANEXO

### Anexo A - Roteiro de Entrevista

Projeto: IFMG Congonhas 15 anos - Passado, Presente e Perspectivas futuras

1. Fale um pouco sobre você e sobre a sua trajetória no IFMG Congonhas. Como você chegou? Há quanto tempo você atua no IFMG- Congonhas?
2. Quais as transformações que você acompanhou no campus em termos de infraestrutura, administração, cursos e perfil de servidores e alunos
3. Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica e profissional antes de chegar ao IFMG Congonhas. Você já trabalhou em outra instituição ou em outro campus do IFMG?
4. O que tem de singular no IFMG Congonhas em relação a outros lugares que você trabalhou?
5. Quais foram as mudanças que o IFMG Congonhas trouxe para a sua vida pessoal e profissional?
6. Em termos de convívio social, o que você poderia dizer sobre o IFMG Congonhas?
7. Você se lembra de alguma aula marcante, uma disciplina ou matéria que tenha ficado na memória? Alunos e colegas de trabalho marcantes também.
8. Você enfrentou alguma dificuldade no IFMG Congonhas, se sim, qual?
9. Fale sobre um fato marcante na sua trajetória no IFMG Congonhas, o que mais ficou na memória? Por que? (citar como exemplo sobre eventos, feiras, formaturas...)
10. Neste contexto de pandemia, qual a sua maior dificuldade e o que você sente mais falta no campus?
11. Qual o espaço do IFMG Congonhas você mais gosta, mais se sente confortável e acolhido?
12. Tem alguma sugestão de mudança que precisa ocorrer no campus? Se sim, qual e porquê?
13. Como você vê o futuro campus Congonhas nos próximos 15 anos. (expectativas sobre cursos, alunos, projeção no mercado regional, projetos...)
14. Quais pessoas marcantes no IFMG Congonhas você indicaria para uma entrevista.